dinâmicas ilhadas

A ALTERAÇÃO DO
PANORAMA DA
UNIVERSIDADE FECHADA

PATRICIA CHECCHIA ALVES
orientação: PROF. DR. ARLETE MARIA FRANCISCO

trabalho final de graduação II
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - FCT UNESP
ARQUITETURA E URBANISMO

2018

SUMÁRIO

resumo 4

1

introdução 6

5

segurança 50

5.1 Segurança nos *campi* universitário 52

5.2 Segurança na FCT Unesp 55

5.3 Análise dos dados levantados 57

5.4 Gestão participativa da segurança 59

6

moradia 60

6.1 Moradia Estudantil da FCT Unesp - Problemáticas e potencialidades 62

6.2 História das Universidades no Brasil 66

2

história 8

2.1 História das Instituições Isoladas e do Campus Universitário 10

2.2 História das Universidades no Brasil 12

2.3 História da FCT Unesp 16

3

urbano 20

3.1 Localização e Contexto Urbano do Campus 22

3.2 O fechamento do Campus 26

3.3 As tipologias do fechamento 32

3.4 O fechamento antigo 34

3.5 O fechamento atual 36

3.6 A mobilidade urbana 38

4

ilha 40

7

morfologia 68

7.1 Espaços Exteriores Positivos 70

7.2 Caminho 72

7.3 Praça 74

7.4 Vias automotivas 76

7.5 Fluxos e espaços de permanência 78

7.6 Vegetação 80

82

8

dinâmica 84

8.1 Proposição e suas bases 86

8.2 Os 7 pontos de intervenção 90

8.3 Os novos núcleos de moradia estudantil 121

5.4 Considerações finais 122

9

referências 124

Lista de Figuras 126

RESUMO

A partir de estudo e análise do ***campus*** da FCT Unesp e seu entorno foi desenvolvido o presente Trabalho Final de Graduação. Este busca identificar os fatores que contribuem para o isolamento das dinâmicas socioespaciais internas ao ***campus***, para que, sejam propostas conexões entre o meio urbano e o espaço da instituição.

1

INTRODUÇÃO

Em um espaço democrático, destinado a disseminação de conhecimento e experiências formadoras de caráter, se conforma um paradoxo: a segregação socioespacial.

O ***campus*** da FCT Unesp apresenta dinâmicas encurraladas entre inúmeras barreiras, internas e externas ao espaço da instituição. É entre cercas, muros e vazios urbanos que se configura esse espaço universitário.

Através da presença reduzida de conexões entre o a malha urbana e o ***campus*** cria-se um espaço estranho aos que não pertencem meio universitário, e isola da urbe os que se inserem nas atividades acadêmicas.

Assim, o presente trabalho se estrutura através do questionamento das dinâmicas ilhadas que se estabelecem no espaço da instituição de ensino da FCT Unesp, buscando compreender os fatores que impulsionam o isolamento do ***campus***.

O objetivo do trabalho é identificar tais fatores, e buscar meios para promover maior vitalidade no entorno e limites do espaço da instituição.

Para o desenvolvimento de proposições que alterem o caráter ilhado do ***campus*** foi traçado um estudo teórico a fim de compreender: a história do ***campus***, seu contexto urbano, os elementos que compõe seu caráter ilhado, sua segurança, suas características espaciais e os diferentes usos que abriga.

2

HISTÓRIA

Para compreender o processo de formação do espaço da FCT Unesp, assim como suas potencialidades e problemáticas, é preciso traçar uma linha do tempo, abordando a história geral das instituições de ensino superior e seu contexto urbano. Após estabelecer as razões históricas que resultaram na formação do ***campus*** da FCT Unesp, o capítulo trata da dinâmica espacial do ***campus*** e seu entorno, relacionando as características físicas e geográficas da instituição.

2.1 História das Instituições Isoladas e do *Campus* Universitário

O início do que hoje é conhecido como espaço universitário teve origem na Europa do século XII. Num contexto de expansão da malha urbana e do crescimento das distâncias entre diferentes pontos da cidade, foram criados espaços destinados à permanência de estudantes, que deveriam atender às suas necessidades de moradia, assim como prover salas de estudos, concentrando as atividades profissionalizantes em um único local, o qual originou os colégios medievais (BUFFA, 2009).

O espaço destinado ao ensino superior passou por uma série de transformações, tendo suas características espaciais alteradas ao longo do tempo. Assim, o que antes eram simples salas alugadas se tornou uma nova categoria de prédios urbanos, com localização e propósitos definidos (BUFFA, 2009). Dessa maneira, a implantação dos edifícios destinados ao ensino superior passou a ter maior relevância no contexto urbano. Os prédios passaram a ser instalados nos limites das cidades - ainda que fazendo parte da malha urbana - como acontece na Inglaterra no século XVI, tendo em vista a integração de novos cursos e edificações. Essa nova configuração urbana dos edifícios de ensino superior resultou na delimitação do espaço acadêmico e na caracterização do espaço como universidade (BUFFA, 2009).

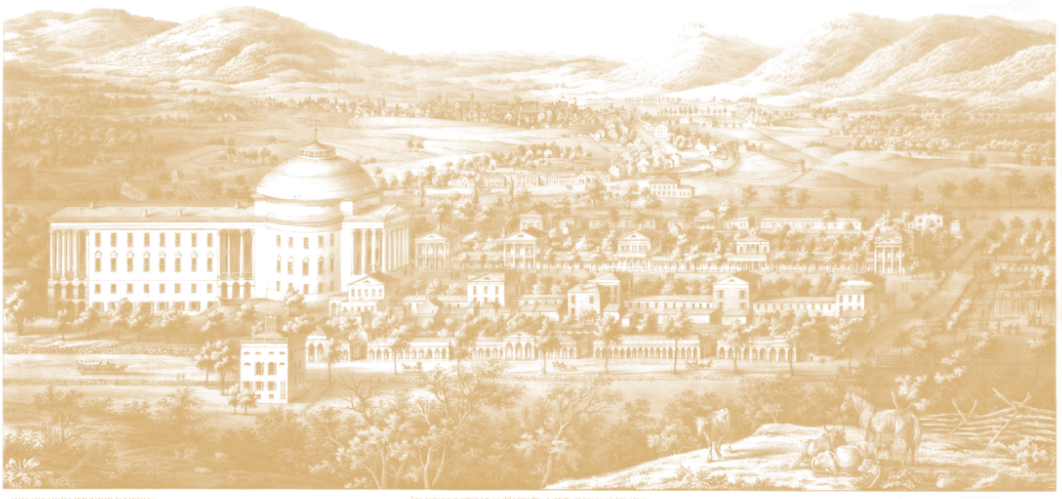
É muito importante ressaltar que, nesse momento histórico, o território da universidade era definido por seus edifícios e não por uma área demarcada, fechada e segregada do meio urbano. Em sua grande maioria, os espaços universitários estabeleciam uma inter-relação com a cidade e tinham suas edificações implantadas próximas umas as outras, compondo o espaço urbano (BUFFA, 2009).

Com o processo de colonização na América do Norte, o crescente interesse inglês pelo ensino superior deu origem aos espaços acadêmicos na colônia.

A grande relevância dessas instituições, no que concerne ao presente trabalho, resume-se ao contexto urbano no qual se inserem. As universidades norte-americanas foram pioneiras na concepção de ***campus*** universitário. Foi com a criação da Universidade da Virgínia que surgiu esse conceito. Fundada em 1819, diferenciava-se das demais universidades estadunidenses da época, uma vez que não fora implantada na cidade, em espaços que simulavam uma espacialidade rural no meio urbano, mas efetivamente no meio rural, em uma antiga fazenda, com a pro-

posta de ocupar um território de grande extensão, fechado e afastado da cidade, com infraestrutura completa para suprir as necessidades dos usuários, como uma pequena cidade. (BUFFA, 2009).

figura 1



2.2 História das Universidades no Brasil

No contexto brasileiro, o ensino superior se estabeleceu, até a primeira metade do século XX, em faculdades isoladas - cuja abordagem é em uma única área de estudo - localizadas em edifícios importantes nos centros das principais cidades (BUFFA, 2009).

Foi a partir da segunda metade do século XX que as tentativas de criação de ***campus*** universitários nacionais surtiram efeito. Até então, os paradigmas europeus eram a base do planejamento da universidade no Brasil.

No entanto, entre as décadas de 1930 e 1940, foram concebidos ***campus*** afastados da cidades, seguindo o modelo norte-americano, diante de um processo iminente de desenvolvimento e modernização do país (FÁVERO, 2006).

Esse afastamento ocorre concomitantemente à Reforma de Ensino Superior implementada por Francisco Campos em 1931, a qual tinha como preocupação "desenvolver um ensino mais adequado à modernização do país, com ênfase na formação de elite e na capacitação para o trabalho" (FÁVERO, 2006, p.23).

Durante o mesmo período, se desenvolveu o processo de planejamento do ***campus*** da atual UFRJ, no qual foram desenvolvidos conceitos e propostas que serviram como base para a concepção e execução de muitas outras universidades brasileiras (BUFFA, 2009, p.52).

A proposta pretendia uma setorização dos espaços, a qual tinha como objetivo uma organização que gerasse estruturas permeáveis sem definições claras de fechamentos. Como diretriz para a ordenação do espaço, a Comissão de Estudos do Plano da Universidade (CEPU) havia pré estabelecido o modelo norte-americano de ***campus*** como referência, sendo por fim implantada na Ilha do Fundão, afastada da malha urbana.

No que diz respeito à organização espacial, as intencionalidades que regiam o planejamento eram criar um espaço que se assemelhasse a uma pequena cidade, um núcleo com capacidade de prover os serviços de uma urbe comum, combinado com a oferta de ensino e pesquisa acadêmica, além de comportar espaços de moradia para alunos e professores.

Entretanto, a aspiração por um espaço como esse não foi inteiramente contemplada. Os *campus* brasileiros são, até os dias de hoje, deficientes diante do modelo adotado, como afirma Buffa:

Os alojamentos para estudantes disponibilizam poucas vagas e não há moradia para os professores. Serviços, como transporte, só funcionam com regularidade nos dias úteis e comércios necessários à subsistência são raros. Cinema, museu e teatro são inexistentes. Os câmpus brasileiros não são autossuficientes; dependem ainda, e muito, das cidades em que estão localizados, embora muitas vezes voltem-lhes as costas. (BUFFA, 2009, p. 47)

Buffa ainda aponta as razões para o insucesso do modelo estabelecido e aplicado em diversas universidades brasileiras:

O Estado desapropria ou, às vezes, ganha uma determinada área, geralmente distante da cidade, por ser menos onerosa, solicita a contribuição de alguns profissionais para a elaboração de um plano e de um projeto arquitetônico. Realiza solenidades, descerra placas e inicia as obras que, normalmente, duram pouco tempo. As verbas terminam e a obra de construção do câmpus para. Nova administração, novas esperanças, novas verbas e uma nova equipe, dessa vez, geralmente composta de docentes altamente titulados: um novo plano é realizado, novas metas são definidas. Realiza-se o que a verba permite. Fim da verba, fim da equipe, fim do plano e, quase sempre, fim das obras. Fim dos sonhos dos muitos envolvidos. (BUFFA, 2009, p. 47)

Assim, é possível concluir que mediante a falta de verba e a urgência para sanar as necessidades iminentes, o planejamento dos ***campus*** universitários é abandonado, fazendo desses espaços meros lugares de trabalho e passagem.

figura 2



Instalada na cidade de Presidente Prudente no ano de 1957, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFI) se estabeleceu como Instituto Isolado do Sistema Estadual de Ensino Superior e assim permaneceu até 1979, data em que foi criada a Universidade Estadual Paulista - UNESP, a qual foi incorporada e posteriormente renomeada Faculdade de Ciências e Tecnologia - FCT (ALEGRE, 2006).

Criada pelo governador Jânio Quadros, a FAFI se ergue num contexto histórico desenvolvimentista e de conscientização social em relação ao ensino superior no Brasil, ainda escasso e precário (FÁVERO, 2006, p. 29). O anseio pela instalação de uma universidade na cidade de Presidente Prudente era grande, sendo criado em 1958 um movimento espontâneo por parte da população, que articulou manifestações clamando pela consolidação de uma instituição de ensino superior (ALEGRE, 2006, p. 13). Uma vez consolidada, a FAFI passa a ser incorporada à Unesp devido a interesses políticos da época, que almejavam a criação da UNESP na busca pelo enfraquecimento político da USP e seus catedráticos que resistiam ao governo golpista.

É relevante apontar que durante esse momento - decorrente do Golpe Militar de 1964 - os recursos financeiros passaram por um processo



de racionalização e o exame vestibular classificatório foi implementado. Com a redução de verba e das vagas no meio universitário, movimentos estudantis passaram a se manifestar ruidosamente. Logo, uma das medidas tomadas para "atenuar a considerada excessiva politização dos estudantes" (BUFFA, 2009, p.139) foi a efetivação do modelo norte-americano de ***campus*** universitário, que pretendia afastar do contexto urbano as grandes manifestações estudantis.



figura 3

Dados sobre o *campus*:

Área total do *campus*: 380 827,50m²

Área construída: 22 927,05m²

205 professores

3 324 alunos entre graduação e pós-graduação

201 servidores técnico administrativos

27 salas de aulas

9 departamentos de ensino

12 cursos de graduação

7 programas em nível de pós graduação

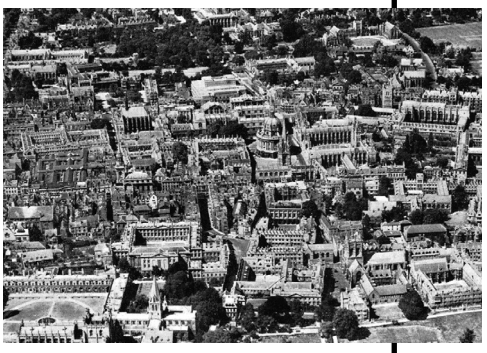
78 laboratórios

Linha do Tempo

da História das Instituições de Ensino Superior e seu contexto urbano

Séc XVI

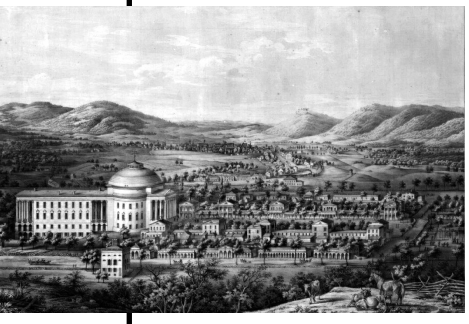
figura 4



O território das universidades na Europa era definido por suas edificações e não pela delimitação de uma grande área. Esses edifícios se relacionavam com a dinâmica urbana, mesmo quando implantados nos limites da cidade.

Séc XIX

figura 5



Universidades norte-americanas passaram por um processo de afastamento da urbe, na busca de um espaço de grande extensão e com infraestrutura semelhante à de uma cidade para suprir as necessidades dos usuários do meio acadêmico. Surgiu assim, o conceito de *campus* universitário.

Séc XIX

As instituições de ensino superior brasileiras eram compostas por faculdades isoladas, implantadas em diferentes partes da cidade, como é o caso das faculdades da Universidade de São Paulo (USP):

figura 7



Faculdade de Direito (FDUSP).

Escola Politécnica (Poli-USP).

figura 6



1954

Deu-se início à implementação do modelo norte-americano de ***campus*** universitário, no Brasil, com a construção do ***campus*** da atual UFRJ na Ilha do Fundão, afastado das dinâmicas da cidade.

figura 8



1957

Foi instalada a FAFI em Presidente Prudente, após manifestações da população, clamando por uma instituição de ensino superior na cidade.

1964

Ano do Golpe Militar. Nesse período, grandes manifestações estudantis reivindicavam mais verba e vagas nas universidades. Nesse contexto, foi implementado o modelo norte-americano de ***campus*** universitário como uma maneira de desmobilizar o corpo estudantil e suas reivindicações.

figura 9



1979

Ano da incorporação da FAFI pela Unesp. Com implantação já estabelecida anteriormente - definida a partir da doação de um terreno destinado à construção do ***campus*** - localizada em área periférica da cidade.



figura 10

3

URBANO

O presente capítulo apresenta o contexto urbano em que está inserida a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - a FCT Unesp. Primeiramente, é tratada a questão da localização geográfica da instituição, assim como a expansão da malha urbana e do ***campus*** universitário. A segunda parte trata da mobilidade urbana e dos fechamentos que acompanham os limites do terreno da instituição.

3.1 Localização e Contexto Urbano do *Campus*

A FCT Unesp se encontra no município de Presidente Prudente, localizado no interior do estado de São Paulo, a oeste da capital. A cidade tem uma área de 562,107 km2, dos quais 16,560 km2 estão estabelecidos dentro do perímetro urbano, com população estimada em 225.271 habitantes (IBGE, 2017).

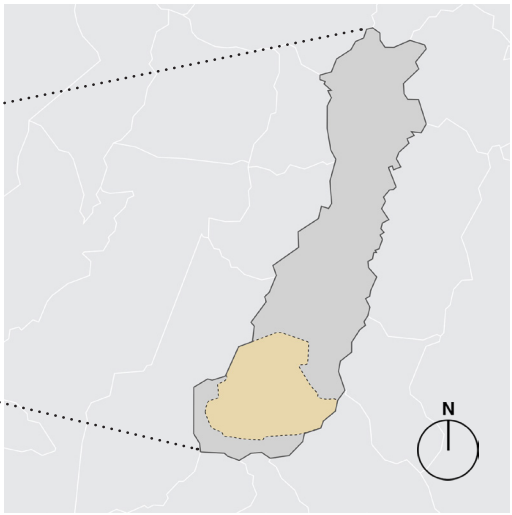


figura 11

figura 12



figura 13



Conhecida atualmente como a “Capital do Oeste Paulista”, a cidade se tornou um dos principais polos industriais, culturais e de serviços do Oeste do estado, tendo seu processo de industrialização iniciado em meados da década de 1930. Diante desse contexto, é de grande importância destacar que os fatores que colocam Presidente Prudente como cidade influente na região é a presença das universidades, dentre elas a Universidade Estadual Paulista (UNESP), uma das maiores instituições de ensino superior do estado.

Assim como muitos *campus* universitários no Brasil, a FCT Unesp teve sua implantação definida a partir da doação de um terreno afastado do centro da cidade, inserindo-se numa realidade periférica, sendo localizado a sudoeste do município. Com cerca de 50 000m², o *campus* se instalou entre as ruas Roberto Símonsen (Mapa de referenciais, **3**) e a antiga estrada boiadeira, hoje denominada rua João Gonçalves Foz (Mapa de referenciais, **4**), e teve sua primeira edificação - destinada ao uso como salas de aula - construída apenas em 1963 (ALEGRE, p. 22, 2006).

figura 14

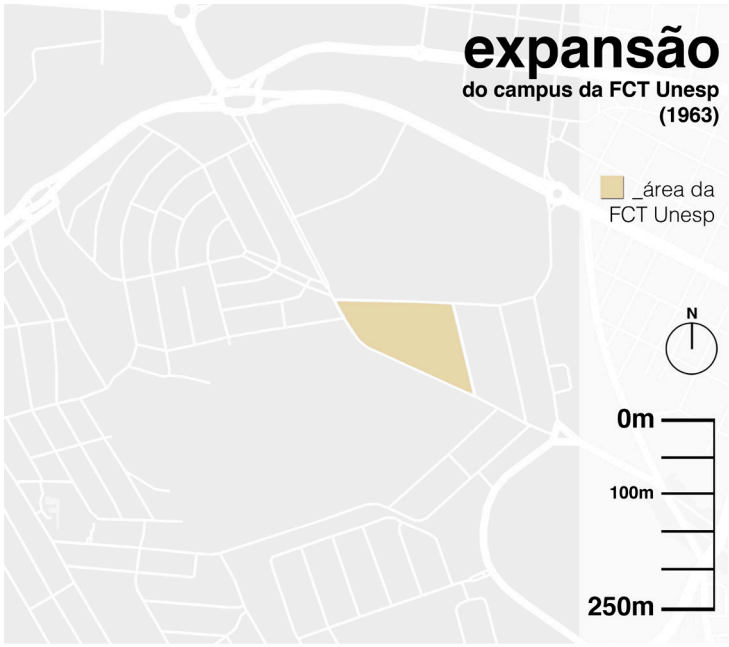
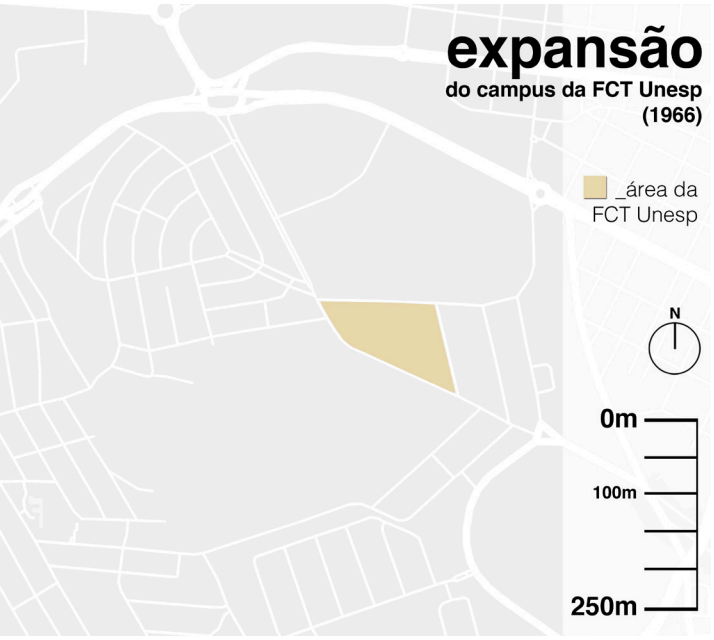


figura 15



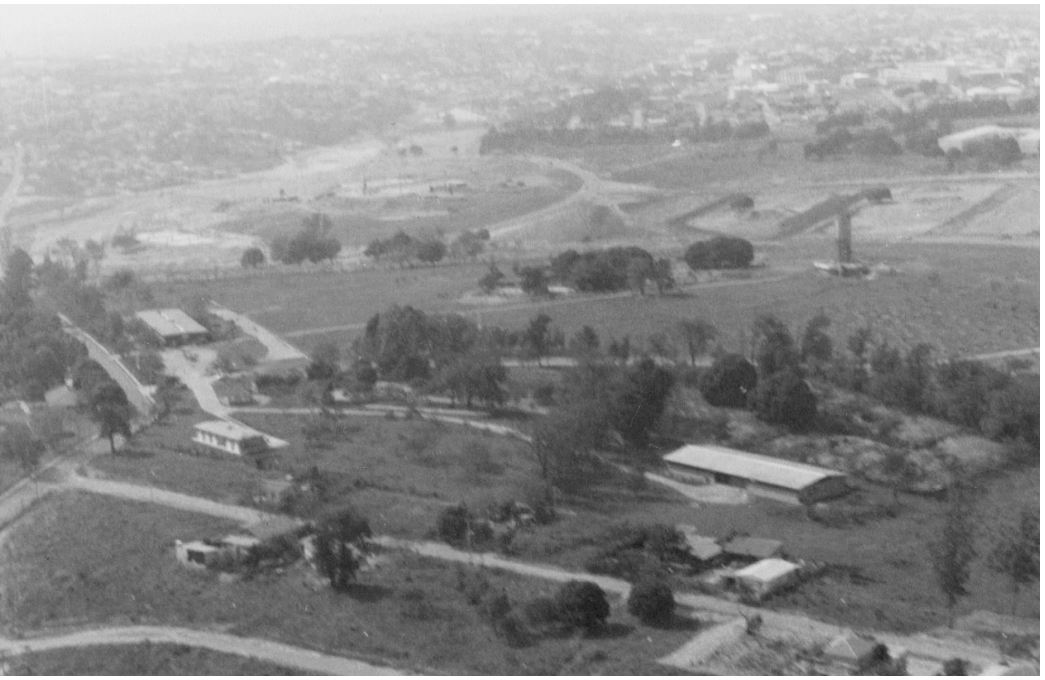
Para auxiliar na compreensão dos elementos que compõe o *campus* e seu entorno, utilizar o mapa de **referenciais do entorno do *campus***, anexo ao final do livro.

figura 16



Até então, o terreno da instituição se resumia a uma pequena parcela do atual *campus*. No entanto, em 1966, a prefeitura decide doar o terreno localizado do outro lado da rua Roberto Símonsen (Mapa de referenciais, **3**).

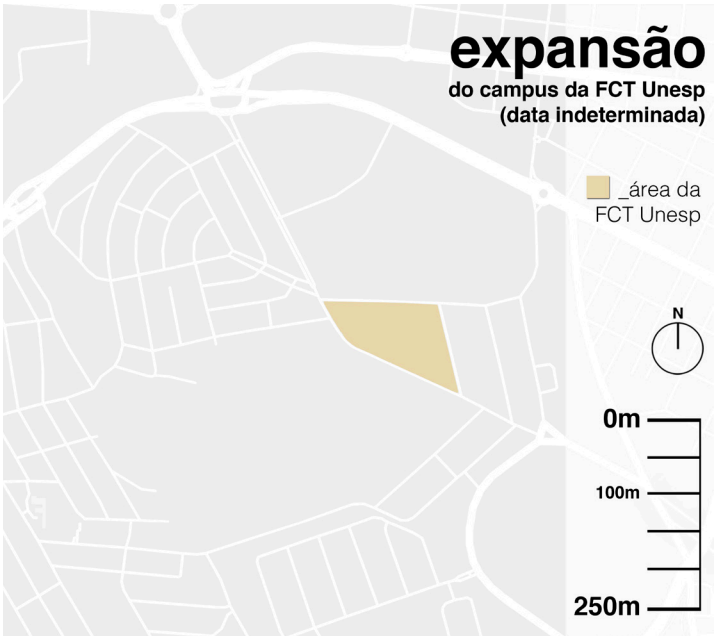
Com o constante crescimento do Instituto, novos prédios foram construídos e, por conseguinte, novos terrenos adjacentes adquiridos para comportar essa expansão (ALEGRE, p. 23, 2006).



A partir do crescimento da cidade, em meados dos anos 1970, a mancha urbana passa a envolver o espaço da universidade, iniciando um processo de aproximação entre o ***campus*** e as dinâmicas urbanas da cidade. Isso se intensificou com os anos que se seguiram. Nesse mesmo momento, ocorre a canalização do Córrego do Veado entre 1973 e 1974 e implantação do Parque do Povo (Mapa de referenciais, **F**) (BORTOLO, 2013). Assim, o acesso a esse espaço público propiciou maior visibilidade ao ***campus***, antes periférico e segregado.

Após o processo de transformação de parte da rua João Gonçalves Foz (Mapa de referenciais, **4**) em calçadão, e a incorporação em 1988 do Instituto Municipal de Ensino Superior (Imesp) destinado às áreas de fisioterapia e prática desportiva, o ***campus*** tornou-se um espaço de 380 000m² de área, sendo essa a condição atual da universidade (ALEGRE, p. 24, 2006).

figura 17



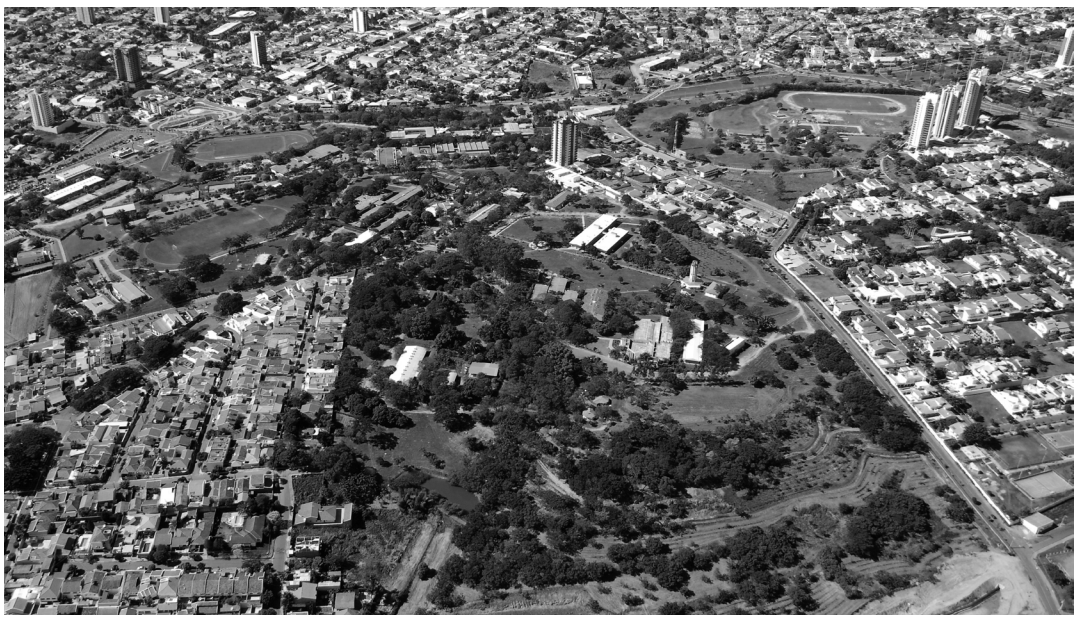


figura 18

3.2 O fechamento do *Campus*

Partindo desse histórico, é possível compreender que o ***campus*** da FCT Unesp se encontra, nos tempos de hoje, num contexto de dualismo, de uma implantação que se aproxima das dinâmicas urbanas centrais, porém margeado por muros vizinhos e cercado, limitando o acesso ao espaço da universidade.

Inicialmente, a instituição apresentava cercamento apenas no entorno da estação meteorológica, devido a sua localização. Implantada em frente à entrada principal do ***campus***, a estação era cercada por uma área pública sem edificações e uso. Assim, seu cercamento tinha como função demarcar a divisão entre o bem público municipal e o bem da instituição.

figura 19



figura 20



Com o passar do tempo, surge a necessidade de delimitar o ***campus*** universitário, utilizando cercamento baixo para que houvesse distinção dos outros espaços - até então pouco urbanizados - em seu entorno.

Durante as primeiras décadas da universidade, a existência de cercamento que limitasse o acesso ao ***campus*** estava ligada a sua não inserção na malha urbana. Por se localizar na periferia da cidade, via nos vazios urbanos razão para insegurança no espaço. Entretanto, com o passar dos anos, a realidade do cercamento só se intensificou, mesmo com o crescimento do tecido urbano.



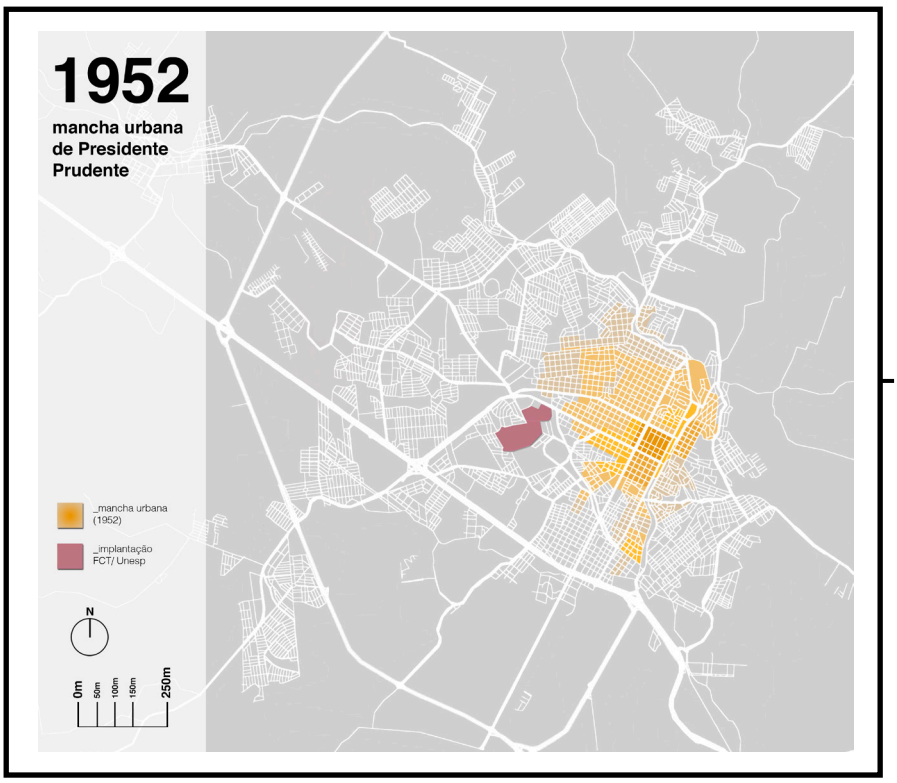
figura 21 ▲

Atualmente, a sensação de insegurança se mantém, mas está relacionada não mais aos vazios urbanos e sim aos usos e o tracado do entorno, que mantém a universidade ilhada diante da ausência de urbanidade, margeando seus limites.

Mapas comparativos

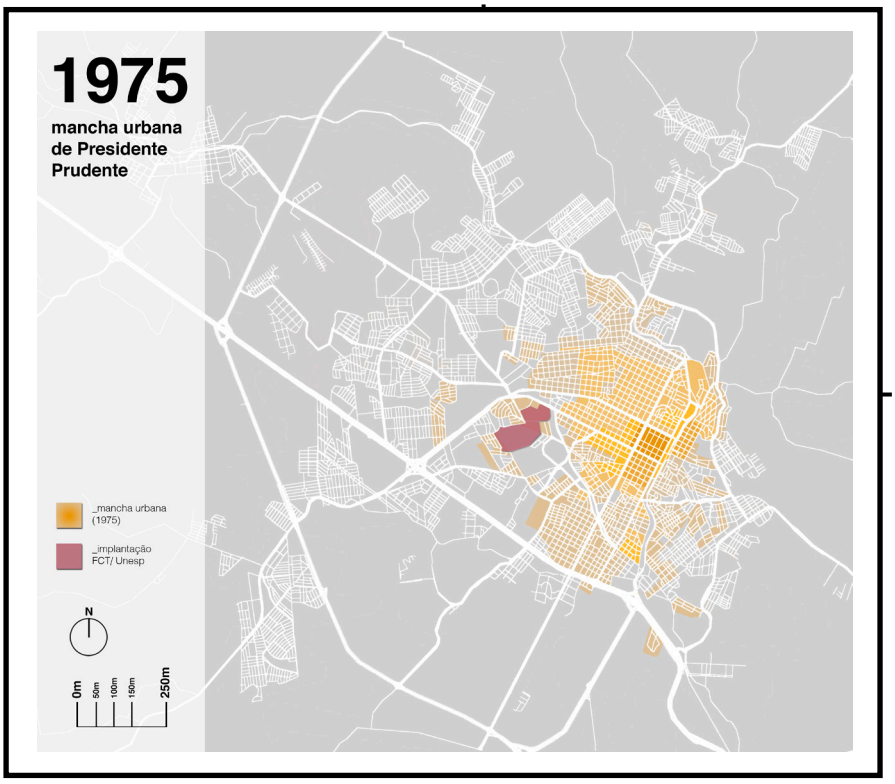
de expansão da mancha urbana de Presidente Prudente

figura 22



Assim, percebe-se , através da progressão dos mapas de expansão da malha urbana (figuras 22-25), que o *campus* da FCT Unesp está atualmente inserido em uma região próxima ao centro do município, algo incomum

figura 23



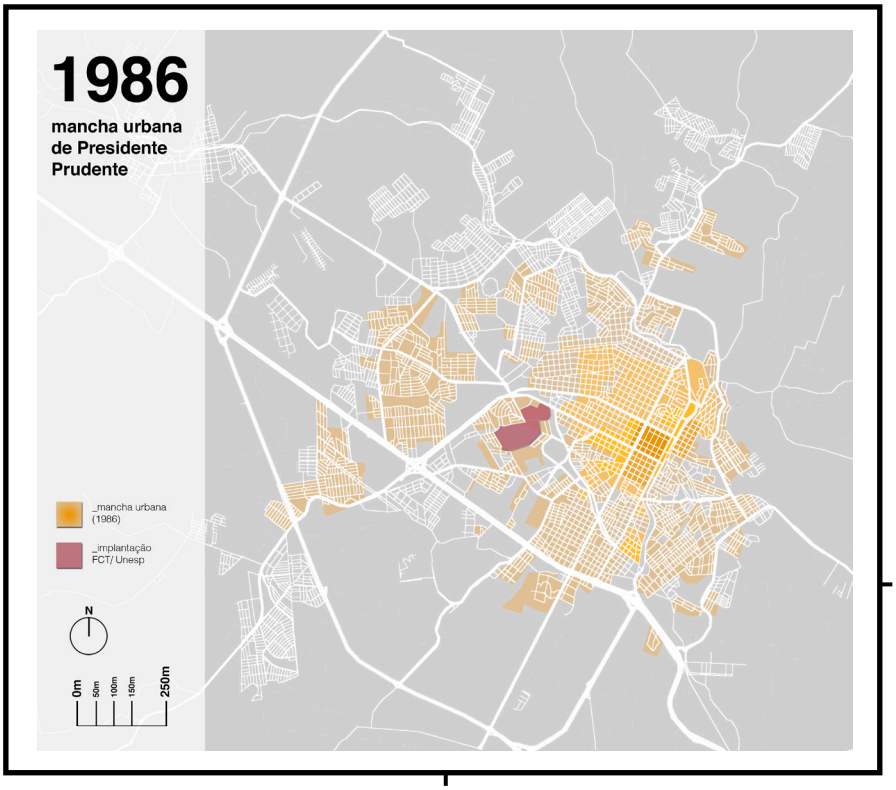
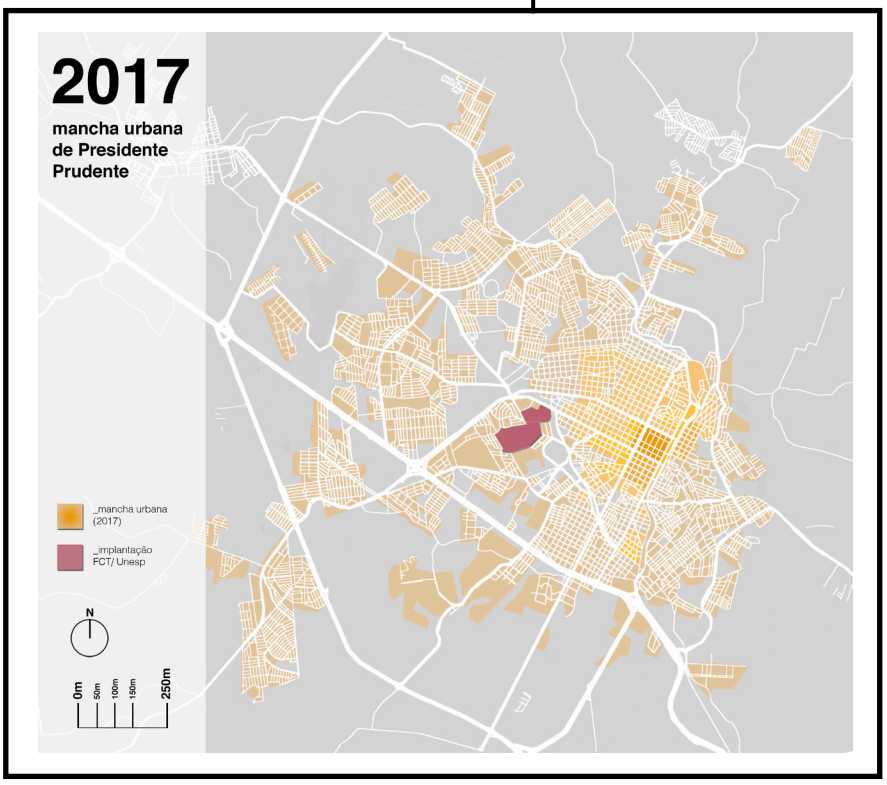


figura 24

figura 25

diante do histórico dos *campi* da Unesp espalhados pelo estado, consolidados em áreas periféricas e distantes, portanto, da infraestrutura de comércio e serviços proporcionada pelo meio urbano.



Mapas comparativos

de implantação entre *campi* universitários da Unesp

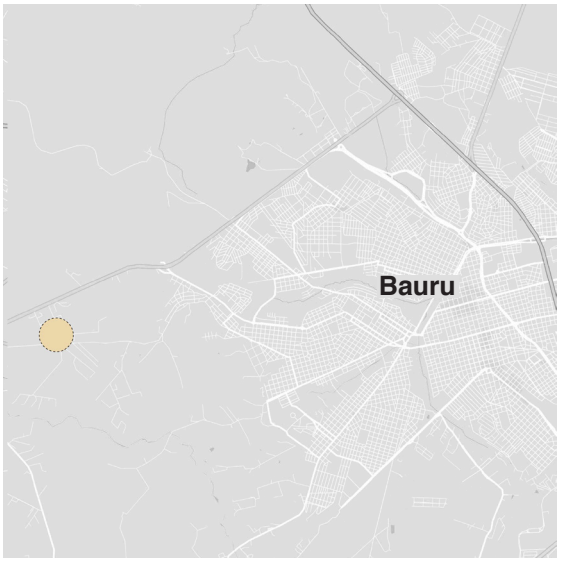
_mapa do município

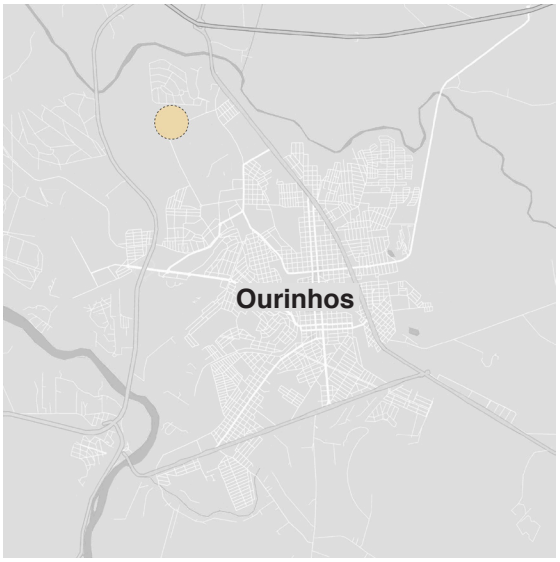
_localização dos *campi* da Unesp

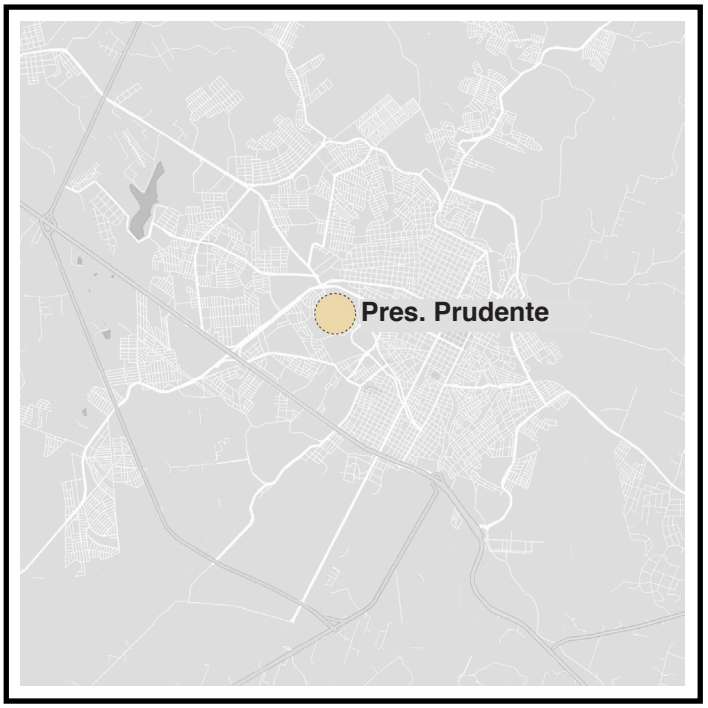
Embora a localização da FCT Unesp possa ser considerada inclusiva, aproximando-se dos usos e do contexto urbano, surge a questão das barreiras físicas e do estigma do uso específico dado a esse espaço público.

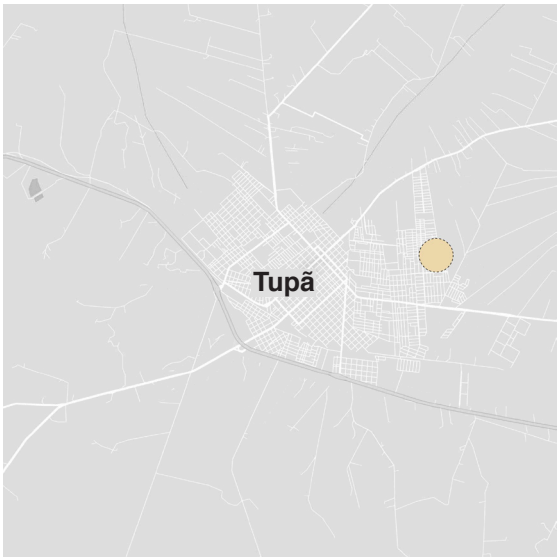
Emergem, assim, problemáticas advindas de um traçado fragmentado pelos interesses privados e dos receios de uma sociedade desigual, obcecada por medidas de segurança incoerentes à própria qualidade de vida dos indivíduos, que se privam da liberdade de escolha em detrimento da sensação de proteção, muitas vezes ilusória.

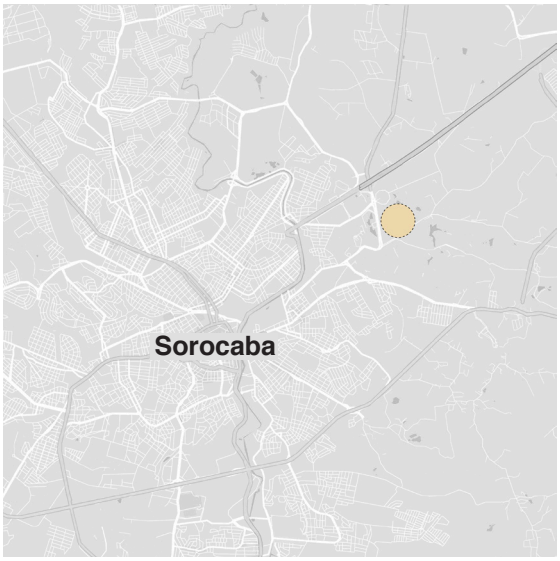


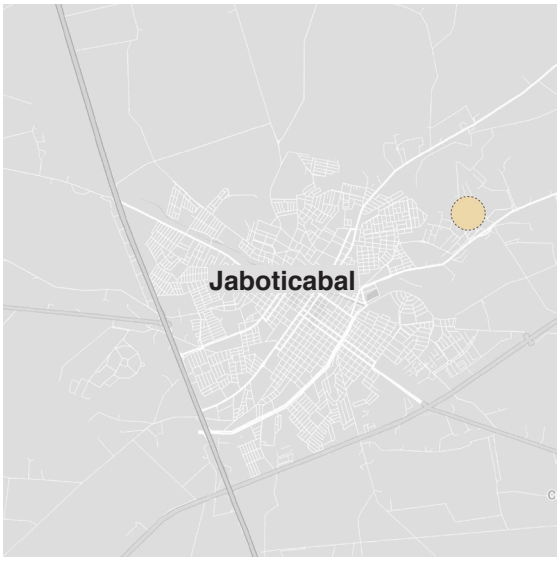




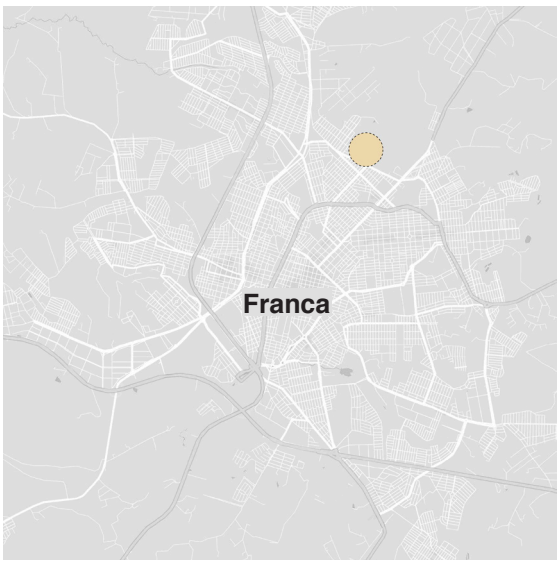


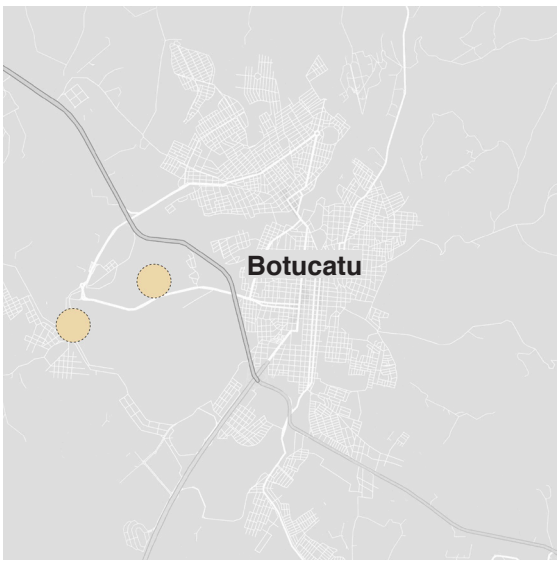












figuras 26 - 35

3.3 As tipologias do fechamento

Ao longo da existência da FCT Unesp, houve uma variação entre diferentes tipos de cercamento. Assim, foram utilizados desde fechamentos simples e visualmente permeáveis até àqueles que restringem significativamente o contato visual entre o meio interno e externo, decorrentes da grande obra recente de alteração do gradil.

Para melhor contextualizar as mudanças foi traçado um breve perfil das tipologias dos fechamentos ao longo dos anos:

Linha do tempo
das tipologias do fechamento da FCT Unesp

196-

Fechamento ausente em parte dos limites do ***campus***, com presença de mourões e arame, que delimitam o espaço da estação meteorológica.



figura 36



figura 37

198-?



figura 38

Cercamento simples com barras finas de ferro, de baixa estatura, pintura branca e pontas em formato de lança. Delimitava-se, assim, o espaço do ***campus***, ainda reduzido e com múltiplas aberturas.



figura 39

figura 40



Ampliação dos limites do ***campus***, com a incorporação de novos lotes. Consequente ampliação do cerca-

figura 45



2012

figura 44



Mudança do cercamento que separava o *campus* e a Rua Cassemiro Boscoli (Mapa de referenciais, **8**). O novo gradil era composto por barras de chapa metálica, de dimensão mais larga, reduzindo a visibilidade entre a via pública e a parte interna do *campus*.



figura 43

figura 46



Substituição de todo o gradil antigo de barras de ferro. Assim, a nova e atual tipologia apresenta barras em fita, que compõe estrutura de grelha ortogonal vazada, de estatura media-alta, instalada sobre pequeno muro de bloco em concreto.

figura 47



Devido a sua característica de fita perpendicular aos limites, forma-se uma barreira marcante, que permite limitada e pontual troca visual.

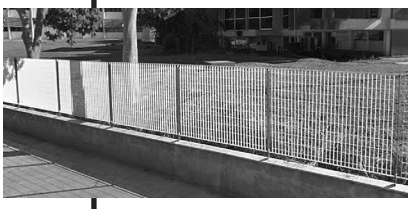


figura 48

2013

1988

mento, semelhante ao existente, porém, dessa vez, com estatura alta e pintura de cor escura. Essa nova tipologia foi instaurada nas proximidades da Rua Uchoa Filho (Mapa de referenciais, **9**). Já na divisa com a Rua Cassemiro Boscoli (Mapa de referenciais, **8**), foram instalados alambrados.



figura 42



figura 41

3.4 O fechamento antigo

Como visto anteriormente, o fechamento da universidade sofreu mudanças ao longo dos anos. Com a recente alteração do cercamento, aberturas foram alteradas ou até mesmo fechadas permanentemente.

Durante o primeiro momento, a quantidade de aberturas externas que davam acesso ao ***campus*** era significantemente maior. Os acessos se davam por praticamente toda a extensão do perímetro do ***campus***, com exceção das áreas que fazem divisa com lotes privados, isto é, áreas da universidade que não tem conexão com vias públicas, sendo, assim, a área limite margeada pelo curso d'água.

Uma grande parte das aberturas eram destinadas ao acesso de pedestres. O acesso automotivo também era constante e se estabelecia através de diversos portões que determinavam a entrada pelas vias internas do ***campus***. Eram, ao todo, dezoito portões que davam acesso direto aos espaços de uso comum da universidade.

O fechamento era composto por gradil de alturas variadas - entre 1.20m e 1.80m - presente apenas no limite próximo a um condomínio fechado na parte sul do ***campus***, assim como na parte que circunda os prédios administrativos, biblioteca, laboratórios e pequena parte dos prédios de salas de aula.

Grande parte do fechamento se dá através de alambrados, tendo a parte norte do ***campus*** quase que estritamente fechada por esse tipo de cerca.

Na divisa com lotes privados, o ***campus*** é fechado por muros de alturas variadas, que podem chegar até 5m.

cercamento

+ acessos antigos

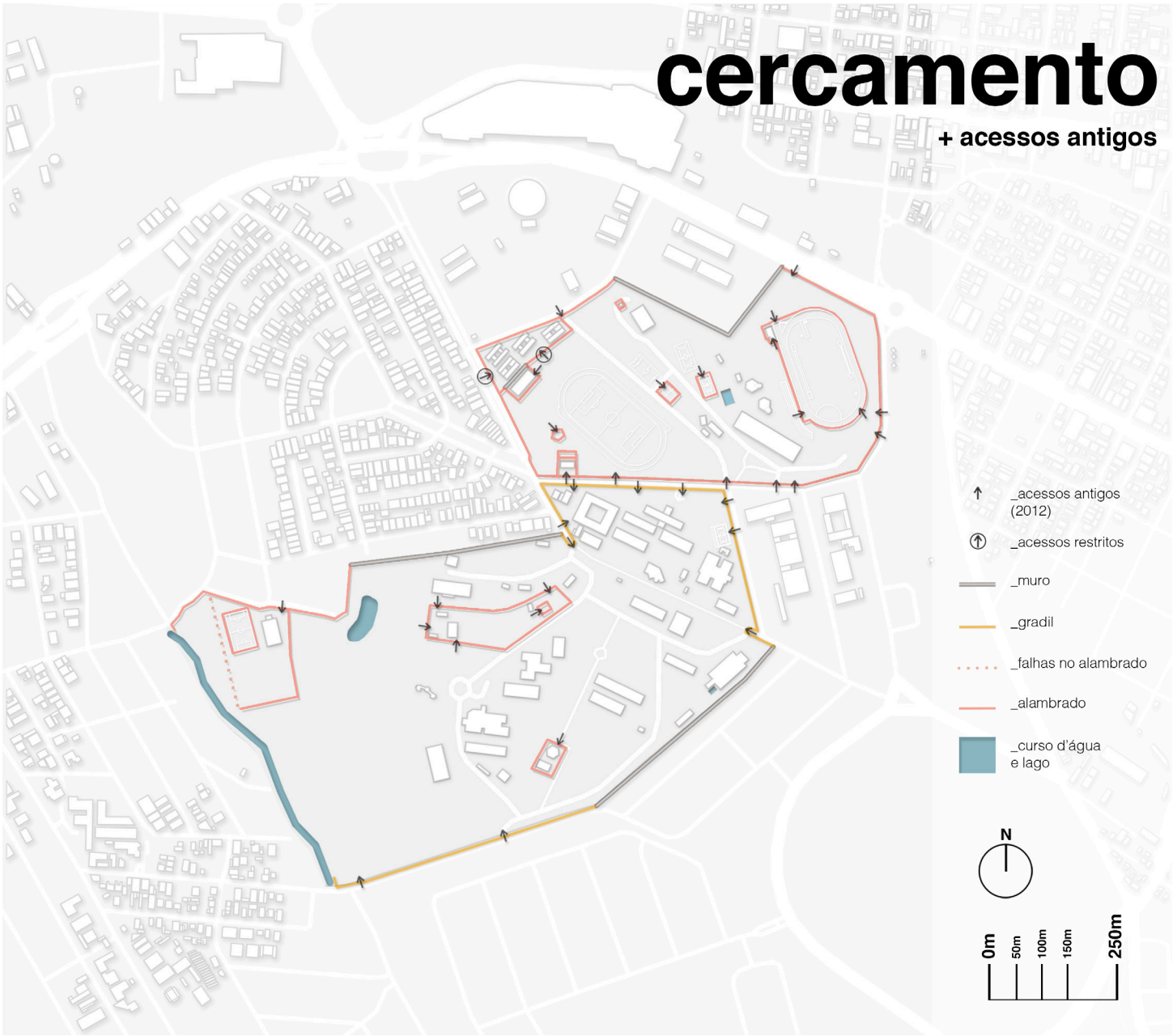


figura 49

3.5 O fechamento atual

Com a alteração do gradil no ano de 2013, a altura foi padronizada, tendo aproximadamente 2m de altura. A partir dessa mudança, foram fechados boa parte dos acessos de pedestres e mantiveram-se apenas alguns acessos para veículos automotivos, restritos aos horários de funcionamento da universidade. Alguns dos portões são abertos exclusivamente durante eventos dentro do ***campus*** ou para se efetuar carga e descarga.

Mesmo com a alteração do gradil, certos portões que foram mantidos continuam fechados, não tendo uso, o que dificulta o acesso de pedestres e altera a dinâmica da mobilidade no ***campus***.

Isso se deve ao sistema de segurança estabelecido dentro do espaço da instituição. Para facilitar a vigia executada por funcionários encarregados da segurança no ***campus***, o número de acessos foi reduzido com o intuito de se concentrarem as aberturas principais próximas ao gradil que circunda os prédios administrativos.

Entretanto, a partir da análise realizada, nota-se a inexistência de cercamento nos limites que acompanham o curso d'água, assim como falhas no alambrado e aberturas irregulares nos fechamentos. Dessa forma, o fechamento da universidade se mostra paliativo e sua eficiência, como método de promover a preservação do patrimônio público e segurança no ***campus***, é incerta.

No que diz respeito às aberturas irregulares, parte delas são brechas nos alambrados, utilizadas primordialmente pelo corpo estudantil da universidade, que diante do número restrito de acessos ao ***campus*** busca alternativas que facilitem a entrada no espaço da universidade. Outra abertura irregular se dá por uma rachadura no muro da parte norte da universidade, próximo ao ginásio.

Essas aberturas irregulares mostram, portanto, que a intenção do fechamento não é a efetiva restrição de quem entra no ***campus***, uma vez que o

posicionamento e as condições dos fechamentos não são adequados a esse fim. Assim, entende-se o fechamento como uma medida meramente demagógica, que visa apenas limitar o acesso e transmitir a falsa sensação de segurança dentro da universidade. Como consequência, o espaço da universidade se torna de difícil acesso à parte da população que o utiliza, ao mesmo tempo que não se vê livre de problemas relativos a segurança interna.

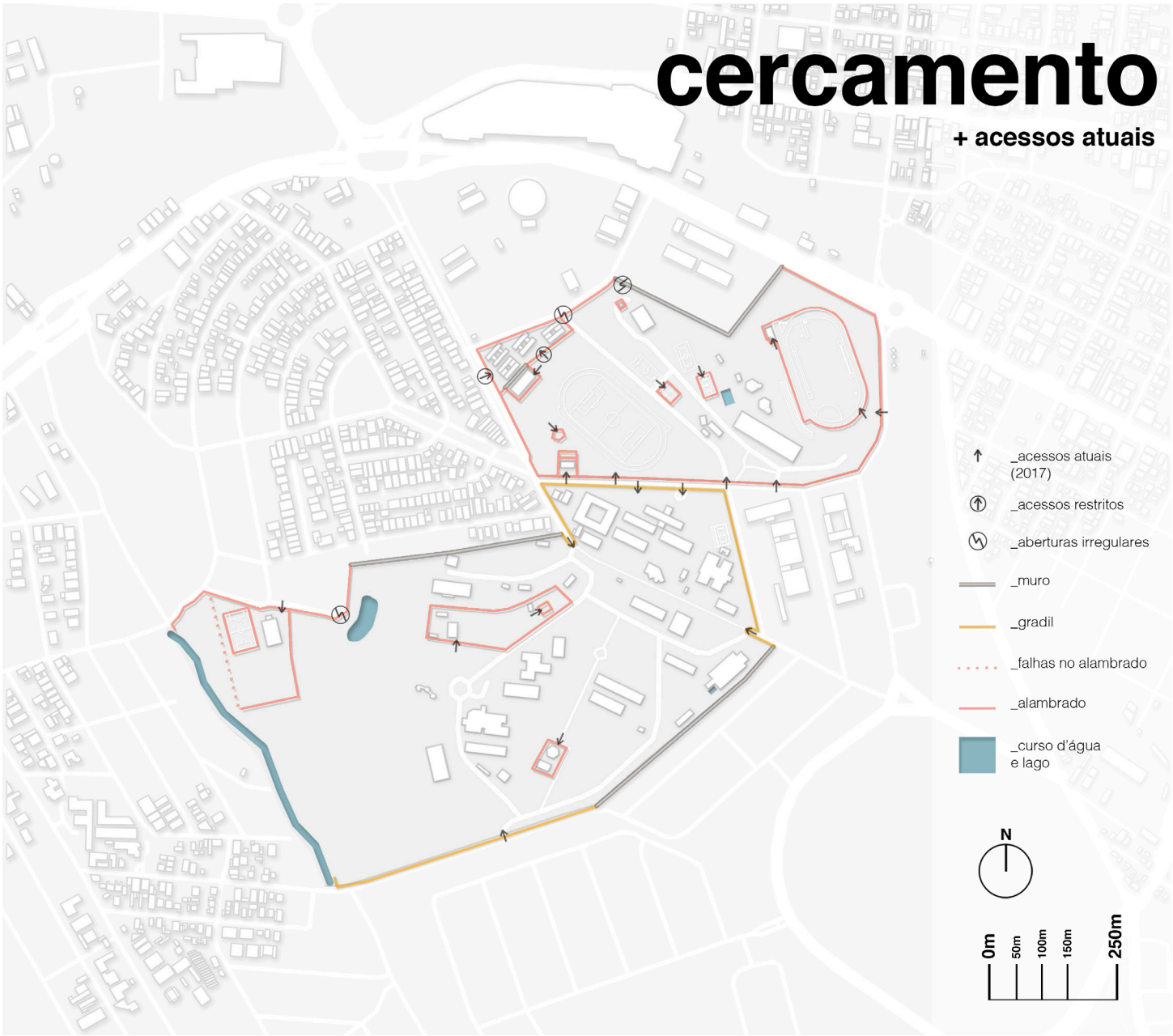


figura 50

3.6 A Mobilidade Urbana

No que concerne os estudantes da FCT - Unesp, a mobilidade está diretamente relacionada ao deslocamento utilizando bicicletas, ou locomoção à pé. Uma grande parcela dos que estudam na universidade não utilizam o automóvel como meio de transporte cotidiano.

Com vias e aberturas desativadas, o ***campus*** modificou sua dinâmica de mobilidade com o passar do anos. Seu cercamento recentemente alterado e aberturas significantemente reduzidas, o acesso e a mobilidade no entorno do ***campus*** tornou-se cada vez mais difícil.

Tendo como base a região mais central do ***campus***, o mapa de distâncias mostra o raio base de alcance de pedestres e de ciclistas, em relação à malha urbana.

O estudo gráfico mostra que o ***campus*** se encontra dentro do raio de um quilômetro, sendo assim uma área com percursos curtos, possíveis de percorrer em 10 minutos ou menos. Dentro deste mesmo raio se encontram áreas nas quais residem parte considerável do corpo estudantil.

Através desse mapa é possível entender as facilidades de deslocamento no que diz respeito à distância.

Mas, ao compreender as barreiras físicas que se estabelecem na área, as distâncias antes curtas, tornam-se muito maiores, uma vez que há a necessidade de contornar cercas, muros e residências fronteiriças ao ***campus***.

Inserido em um contexto de barreiras externas, o ***campus*** se isola e dificulta ainda mais o acesso através da intensificação do cercamento.

É determinante ressaltar que, tanto com o cercamento antigo com mais aberturas - o que possibilitava fácil acesso ao ***campus*** - quanto com o novo cercamento, a universidade não criou uma barreira impenetrável nem contra transeuntes que não pertencem ao meio acadêmico, nem contra casos indesejados de assaltos, roubos e violência dentro do ***campus***.

O novo cercamento parece ser carregado de intenções e expectativas relacionadas à maior segurança no ***campus***, no entanto, falha como medida efetiva, o que leva ao questionamento: seria o cercamento um método justificável para promover a preservação do patrimônio público?

Ao fazer um paralelo dessa questão com estudos de Caldeira (1997), os quais levantam a realidade dos enclaves fortificados, é possível apurar como essa dinâmica baseada no cercamento tem potencial perverso de segregação espacial e discriminação social, atrelados ao medo e violência. É relevante lembrar que Caldeira trata de espaços privados, e da desvalorização de espaços públicos em detrimento do uso de espaços coletivos privados. No entanto, é notável a limitação

dos usos do ***campus*** e o acesso ao mesmo, o que leva à questionar esse espaço público e as características de espaço privado, que se intensificam com o passar do tempo, dentro da instituição. É diante da negação do espaço ao outro que se forma um processo que podemos chamar de "ilhagem" no qual o ***campus*** se nega ao externo, se fechando para os poucos que pertencem ao meio.

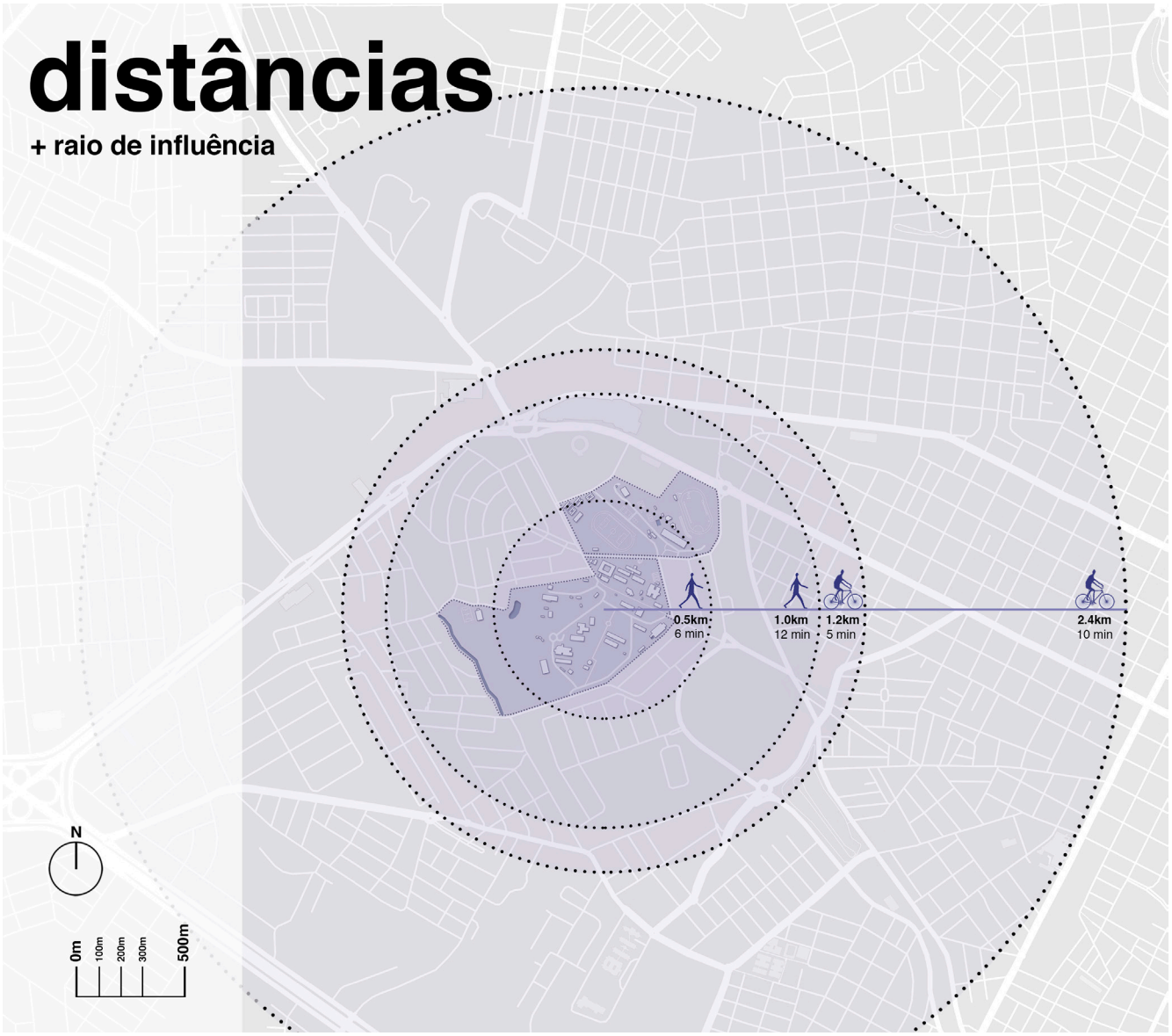


figura 51

4

ILHA

Para melhor compreender a condição ilhada do ***campus*** da FCT Unesp - no que diz respeito às dinâmicas socioespaciais - é necessário abordar diferentes escalas de análise do espaço, assim como as problemáticas que as acompanham. Partindo desse princípio, este capítulo aborda a questão do uso específico do solo, e as barreiras físicas atreladas a ele, resultando em áreas mortas e inseguras que circundam o ***campus***.

Inicialmente, foram traçadas associações entre as bases teóricas de Lynch (1960), Jacobs (1961) e Caldeira (2000), tratando dos limites, zonas de fronteiras e as características dos enclaves fortificados.

Lynch

Partindo da teoria dos cinco elementos estruturantes da imagem da cidade, concebida por Lynch, é analisado o chamado limite. Este elemento linear forma fronteiras entre áreas, ou interrupções na continuidade do espaço. Os limites mais impositivos são caracterizados por sua forma continua, e sua impenetrabilidade no que diz respeito a transposições. É um elemento que pode ser produzido pelo homem, ou ser composto por elementos naturais da paisagem.

Apesar de sua linearidade, o limite se difere de outro elemento com essa mesma característica, o caminho. O primeiro comporta-se como um entrave da movimentação em direções específicas, já o segundo comporta-se como elemento direcionador da movimentação em direções específicas. Entretanto:

Uma linha divisória pode ser mais do que simplesmente uma barreira dominante
LYNCH, 1960

se for possível ver ou mover-se através dela - se ela estiver inter-relacionada em certa profundidade com as regiões de ambos os lados. Torna-se então uma costura, não uma barreira, uma linha de permuta ao longo da qual duas áreas se alinhavam. LYNCH, 1960

Caldeira

Ao apontar problemáticas de segregação socioespacial, Caldeira discute questões sobre Público x Privado, permeando características físicas e ideológicas que resultaram na realidade atual das "cidade de muros".

A autora salienta o papel do insucesso do modelo modernista de planejamento urbano, diante da atual segregação resultante da fragmentação e supersiplificação de usos do espaço público, o que levou ao declínio da rua como espaço de encontro, e consequentemente de sua urbanidade.

Jacobs

Seguindo a teoria de Lynch, a qual refere-se a problemas visuais e estéticos relativos aos limites, Jacobs afirma que o mesmo princípio se aplica a diversos problemas de função ocasionados pelas fronteiras. (Jacobs, 1961, p.296).

Como continuidade da teoria de Lynch, a autora traça uma relação entre o uso específico do espaço e os limites estabelecidos pelo uso. Dessa forma, barreiras físicas e virtuais resultam em fronteiras, e consequentemente em áreas mortas, sem urbanidade e segurança.

A autora aponta que

a rua adjacente a uma fronteira é um ponto final para o uso diversificado. Se tal rua, que é o fim da linha para as pessoas vindas da área "comum" da cidade, for pouco usada ou não tiver utilidade alguma para as pessoas que estão nessa zona de fronteira de uso único, ela estará fadada a ser um lugar morto, com poucos frequentadores.
JACOBS, 1961, p. 287

Em seu livro, Jacobs firma uma ligação direta entre uso e apropriação do espaço, ao atestar que

devido ao uso supersimplificado da cidade em certo lugar, em grande escala, elas tendem a simplificar também o uso que as pessoas dão às áreas adjacentes, e essa simplificação de uso - que significa menos frequentadores, com menos opções e destinos a seu alcance - se autoconsome. Quanto mais estéril essa área simplificada se tornar para empreendimentos econômicos, tanto menor será a quantidade de usuários e mais improdutivo o próprio lugar. Tem início então um processo de desconstrução ou deterioração.
JACOBS, 1961, p. 287

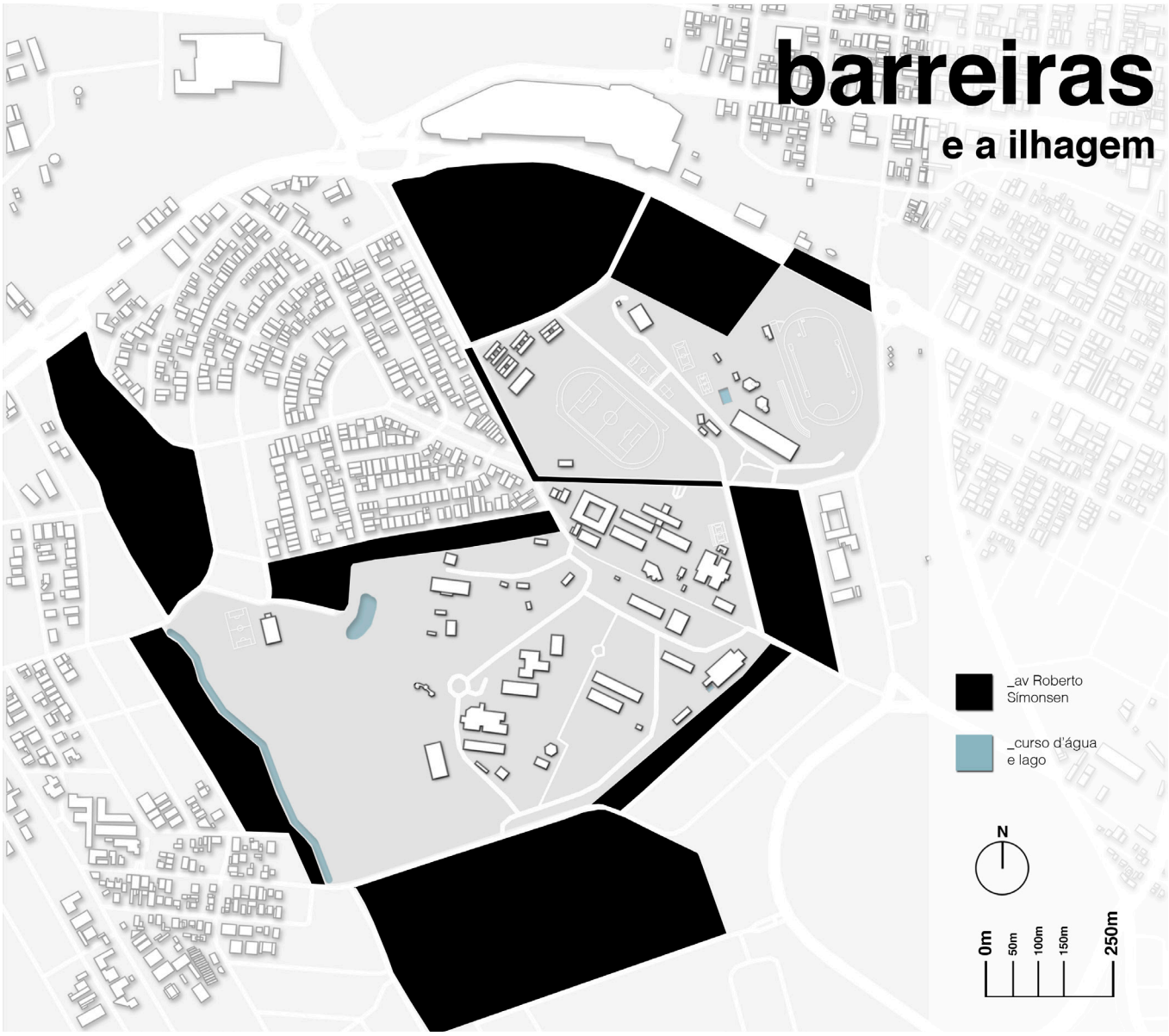
Entretanto, Caldeira enfatiza que mesmo num contexto urbano de desigualdade social acentuado pelas falhas do planejamento moderno,

as cidades ocidentais modernas inspiradas por esse modelo sempre mantiveram sinais de abertura relacionados em especial à circulação e ao consumo,sinais que sustentam o valor positivo ligado ao espaço público aberto e acessível a todos.
CALDEIRA, 2003, p.303

A partir dessa associação entre as três teorias citadas, analisam-se os principais elementos e fatores que contribuem para a condição insular da FCT Unesp.

O primeiro ponto a ser analisado é o caráter espacial dos limites que circundam a universidade: as barreiras físicas são elementos imprescindíveis na es-

figura 52



truturação do caráter ilhado do ***campus***, o que dificulta seu acesso. Sendo assim, é possível listar diversos elementos físicos que compõe essa dinâmica restrita: cercas da instituição e de lotes que a rodeiam, muros vizinhos - fronteiriços ou não - vazios urbanos não qualificados, vias de intenso fluxo de veículos automotivos e o curso d'água localizado nos limites do ***campus***.

Ao analisar o mapa que destaca essas diversas barreiras, nota-se que o ***campus*** se fecha para dentro de seu lote, também ladeado por elementos que fogem ao controle da instituição, como edificações privadas, as quais partem do mesmo princípio de que o cercamento promove segurança e preservação do patrimônio.

Como aponta Lynch, esses elementos se tornam entraves da movimentação, dificultando o acesso ao ***campus*** e, consequentemente, às dinâmicas socioespaciais recorrentes nesse espaço.

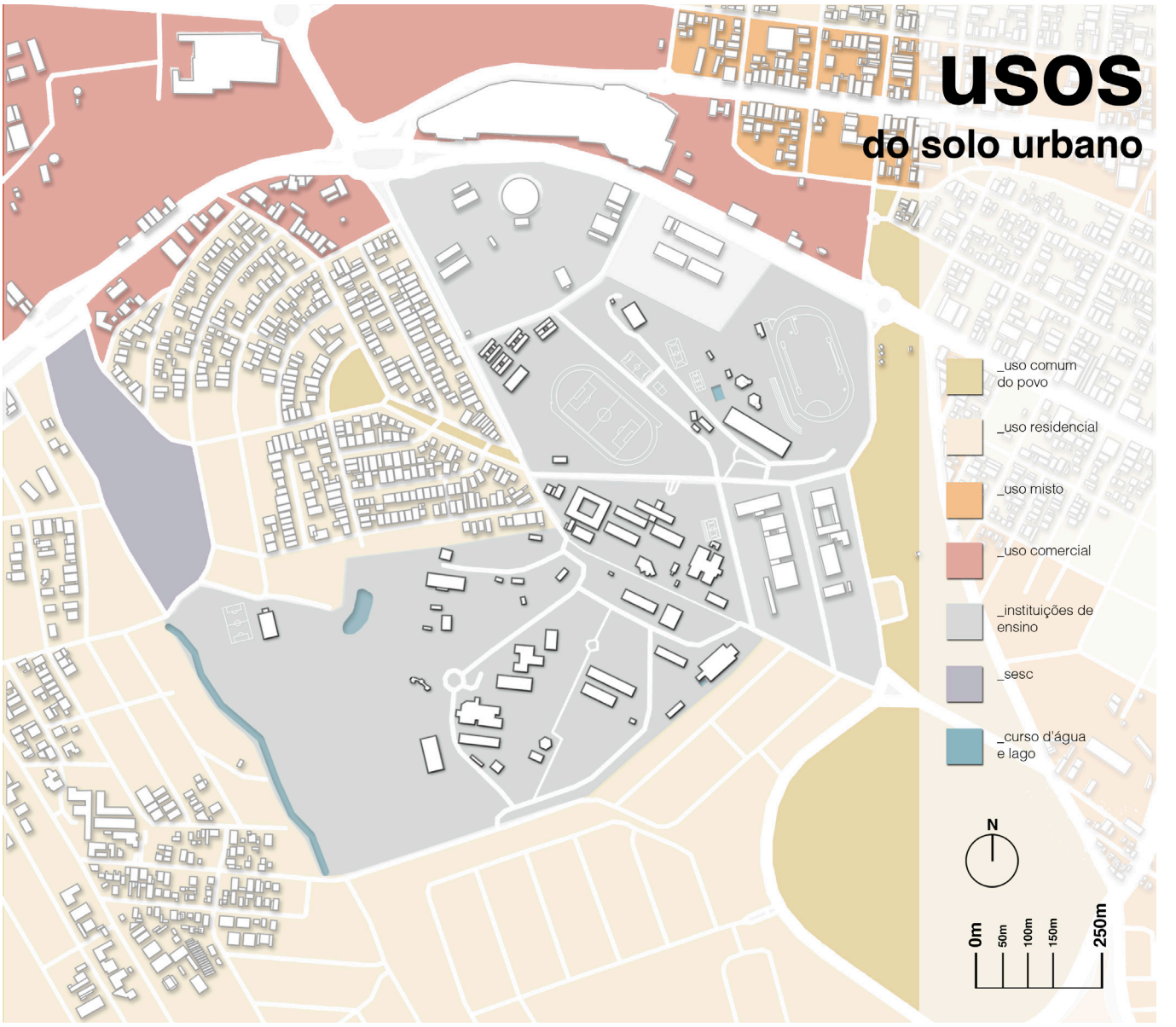
O segundo ponto a ser analisado é a questão do uso específico do solo e as barreiras virtuais que se associam aos limites físicos. Ao supersimplificar o uso do espaço da universidade, limita-se o público que o frequenta, ou seja, o usuário vê em sua destinação uma função especificamente acadêmica, ou seja, um espaço qualificado para tanto e nada além.

Esse fator altera a dinâmica dos espaços e das vias a ele associadas. Assim, ficam claras as razões de desuso e insegurança no entorno e dentro do ***campus*** durante os períodos não letivos, nos quais há pouco fluxo de pessoas.

Como uma cadeia de problemáticas, o uso supersimplificado leva a restrição dos períodos de uso, assim como da quantidade de usuários, desencadeando um processo de deterioração do espaço, resultante da falta de urbanidade no local. O produto final é um espaço inseguro, improdutivo e com poucas vivências (JACOBS, 1961).

Através do mapa de usos da área que compreende o ***campus*** e seu entorno imediato, nota-se uma fragmentação dos espaços. Isso se deve à nítida demarcação do uso: residencial, comercial e educacional. São essas funções do espaço analisado segregadas entre si que resultam, novamente, no fluxo restrito de pessoas e na insegurança.

figura 53



Assim, ao associar barreiras físicas e de uso específico, temos zonas de fronteiras circundando o objeto de estudo, o ***campus***. Essas zonas correspondem a espaços negados, que combinam o difícil acesso e a circulação limitada de usuários com a falta de transposição entre usos específicos.

Portanto, é possível afirmar que a insegurança resulta não só da desigualdade social, mas de uma série de problemáticas acarretadas pelo planejamento urbano, no qual a previsão do uso constante do espaço como meio de manutenção da segurança não foi contemplada.

Nesse sentido, Jacobs aponta que "uma rua com infraestrutura para receber desconhecidos e ter segurança como um trunfo devido à presença deles - como ruas de bairros prósperos - precisa ter três características" (JACOBS, 1961, p.35), sendo elas a separação entre espaço público e privado, a existência de olhos voltados para a rua, e o trânsito constante de pedestres nas calçadas.

Se analisadas as características das ruas que circundam a área de estudos, no que diz respeito à infraestrutura e segurança, pode-se concluir que os três atributos citados por Jacobs estão ausentes nesse espaço.

Ao observar a questão do trânsito constante de pedestres e da existência de olhos voltados para a rua, o espaço da universidade e seu entorno se apresentam desprovidos de tais atributos. Isso se deve ao uso específico (supersimplificado) já citado, o qual combina reduzida parcela dos limites do ***campus*** a forças do uso constante do espaço, advindas da junção de comércios, serviços, áreas de lazer e residenciais em um mesmo local.

Outro fator que incide, ainda, na ausência de olhos voltados para a rua é a ausência de qualificação das bordas do ***campus*** e a existência da cerca. Além de não se encontrarem muitas possibilidades para que os olhos externos recaiam sobre o ***campus***, não há interesse interno em observar a rua. Isso se deve, em grande parte, ao fato de ser extremamente desconfortável observar por detrás de grades. Com tipologia que reduz a visibilidade entre o interno e o externo à universidade, as grades também passam sensação de restrição e aprisionamento. Assim, não é difícil compreender o porquê do distanciamento dos usuários em relação às bordas.

No que diz respeito à separação entre espaço público e privado, Caldeira cita Jacobs, ressaltando a nocividade da sobreposição de interesses privados sobre os públicos (CALDEIRA, p.304). A autora evidencia a relevância da civilidade e da privacidade, atribuindo-as ao meio em que uma pessoa se insere. Dessa forma, demandar privacidade em área pública representa uma ameaça à liberdade da cidade.

Diante dessa afirmação de Jacobs, é de grande relevância questionar as dinâmicas que permeiam a FCT Unesp. Ao cercar a universidade, esse espaço público de uso específico restringe seu acesso aos usuários do meio acadêmico. É a partir do fechamento que surge um processo de segregação, no qual o interno se difere do externo a partir da restrição de indivíduos. Sobre essa ótica, é possível dizer que a instituição possui características semelhantes as de um espaço privado, um enclave fortificado.

Caldeira caracteriza enclaves fortificados em seu livro Cidade de Muros:

Todos os tipos de enclaves fortificados partilham algumas características básicas. São propriedade privada para uso coletivo e enfatizam o valor do que é privado e restrito ao mesmo tempo que desvalorizam o que é público e aberto na cidade. São fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos. São voltados para o interior e não em direção à rua, cuja vida pública rejeitam explicitamente. São controlados por guardas armados e sistemas de segurança, que impõem as regras de inclusão e exclusão. CALDEIRA, 2003, p.258.

A semelhança entre o *campus* da FCT e um enclave se dá na demarcação física, no seu isolamento por meio de muros e grades, espaços vazios e rejeição da rua e da vida pública, ao passo em que se volta para o interior. No aspecto controle e sistema de segurança, a universidade já apresenta restrições de horários de entrada no *campus*, vigias noturnos e algumas câmeras de segurança.

Sendo assim, as características desse bem público se confundem às de espaços privados, segregadores e altamente excluídos da vida pública. Com isso, ele se torna um espaço ativo, porém restrito, de dinâmicas ilhadas.

5

SEGURANÇA

Diante do evidente vínculo entre a discussão das dinâmicas ilhadas e a existência do cercamento no ***campus*** da FCT Unesp, este capítulo tem como função apresentar estudos de caso baseados primordialmente na questão da segurança no ***campus*** universitário. O capítulo também aborda a percepção dos servidores em relação ao assunto, tratando das problemáticas envolvidas na manutenção da segurança no espaço da FCT Unesp.

5.1 Segurança nos *campi* universitário

Essa parte do trabalho se fundamenta no artigo "Segurança no ***campus***: um breve levantamento sobre as políticas de segurança na USP e em universidades estrangeiras", com o intuito de aproximar tal debate à realidade da FCT.

A partir do estudo levantando por Ariadne Natal e Frederico Castelo Branco Teixeira, pesquisadores do Núcleo de Estudos da Violência (NEV) da USP, foi desenvolvido pelos mesmos o artigo citado anteriormente.

A princípio, os autores apontam o crescente debate sobre a segurança nos ***campi*** universitários, resultante da ocorrência, cada vez mais frequente, de casos de violência dentro do espaço das universidades. Fato relevante na discussão - e que pode ser diretamente associado ao caso da segurança da FCT Unesp - é a possível relação entre este tipo de ocorrência e problemas estruturais da instituição de ensino, "tais como dificuldade de circulação pelo ***campus***, falta de iluminação adequada, terceirização da segurança e precariedade do trabalho" de funcionários da universidade encarregados da segurança (NATAL e TEIXEIRA, p. 183, 2013). Ao debater sobre o tema em um Seminário destinado à comunidade acadêmica, Ariadne aponta a dificuldade de implantar um modelo de segurança dentro de um ***campus*** universitário, ante tantas especificidades atreladas a esse espaço. Porém, a autora destaca o caráter coletivo das decisões que permeiam tal temática, deixando clara a importância de estratégias e propostas participativas, para a elaboração de um plano de segurança que resulte na prevenção e redução de crimes dentro da universidade.

Para melhor compreender a problemática, foram selecionadas pelos autores quatro instituições de ensino estrangeiras:

a University of Toronto (Canadá), inserida em uma sociedade com tradição em policiamento comunitário; a University of Chicago (EUA), caracterizada por *campus* aberto, sem muros, localizada em região de comunidade de maioria afro-descendentes; a University of Warwick (Inglaterra), que apre- senta *campus* fisicamente semelhante ao da cidade universitária Armando Sales de Oliveira da USP; e a Universidad Nacional de Colombia (UNAL), que representa um país sul americano. (NATAL e TEIXEIRA, 2013, p. 184)

Com base nos dados levantados pelo artigo, foi traçado um comparativo que reune as cinco instituições já citadas e a FCT Unesp:

QUADRO 1 - *Campi* e características da segurança nas instituições pesquisadas (dados de 2011)

	Univ. Estadual Paulista - Campus FCT (1)	**Univ. De São Paulo (2)**	**Univ. Nacional da Colômbia (3)**	**Univ. De Toronto (4)**	**Univ. de Chicago (5)**	**Univ. de Warwick (6)**
País	Brasil	Brasil	Colômbia	Canadá	Estados Unidos	Inglaterra
Natureza	Pública	Pública	Pública	Pública	Privada	Pública
Fundação	1979	1934	1867	1827	1890	1965
Campus	Presidente Prudente	Butantã	Ciudad Blanca	St. George	Hyde Park/ Woodlawn	Conventry
Área	0,38km²	4,3km²	1,2km²	1,2km²	1km²	2,8km²
Limites	Fechados	Fechados	Fechados	Abertos	Abertos	Abertos
Acesso ao *campus*	Controle à noite e aos finais de semana	Controle à noite e aos finais de semana	Livre	Livre	Livre	Livre
Alunos	3,4 mil	50 mil	26 mil	55 mil	12,5 mil	23,5 mil
Outras instalações (hospitais, restaurantes, bancos, etc.)	Sim	Sim	-	Sim	Sim	Sim
Moradias estudantis	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim

QUADRO 2 - *Campi* e características da segurança nas instituições pesquisadas (dados de 2011)

	Univ. Estadual Paulista - Campus FCT (1)	Univ. De São Paulo (2)	Univ. Nacional da Colômbia (3)	Univ. De Toronto (4)	Univ. de Chicago (5)	Univ. de Warwick (6)
Informações sobre segurança no *site* institucional	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Segurança orgânica (funcionários da universidade)	23	120	Sim	Sim	Não	Sim
Segurança privada	Não	200	Sim	Não	Não	Não
Polícia	Não	16	Não	50 *special constable*	Sim	*Special constable*
Roubos/ furtos em 2011	1	-	-	376	1273	-
Programas preventivos	Não	Não	-	Sim	Sim	Sim
Linhas gratuitas	Não	Não	Não	Sim	Sim	Não
Telefones de ligação direta/ emergência	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
Sistema de queixas independete	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Regulamento próprio	Não	Não	Não	Sim	Não	Sim

O quadro apresenta algumas semelhanças entre as universidades selecionadas, principalmente entre as instituições latino-americanas, sendo essas de natureza pública, com limites fechados e sem programas preventivos nem informação difundidas no que diz respeito à segurança no ***campus***.

Há uma notável diferenciação entre as maneiras de se pensar a segurança no ***campus***,

5.2 Segurança na FCT Unesp

Através dos dados levantados pelo estudo de Natal e Teixeira, foi desenvolvido um roteiro de perguntas, aplicadas em entrevista com Webister Lisboa Crepaldi, supervisor do Setor de Vigilância da FCT Unesp há 16 anos. Em entrevista, Lisboa - como é conhecido por colegas servidores - aponta as principais atribuições do setor: abertura e fechamento dos portões, vigilância patrimonial, segurança pessoal dos usuários do espaço, segurança contra incêndio, orientação (informação aos visitantes) e monitoramento através de vinte e uma câmeras, internas e externas, sendo algumas gerenciadas pelo departamento que optou pela implementação do sistema.

Ao seguir a listagem de dados do quadro anterior, o servidor relata não haver informações sobre segurança no site da instituição, nem sobre os nomes dos servidores e o ramal para contato com cada setor durante o horário comercial. Aponta a existência de outros ramais para contato com as cabines de vigilância, mas ressalta que esses números não são divulgados e não podem ser encontrados no site da instituição, nem em sinalizações para contato emergencial dentro do ***campus***.

Lisboa também admite não existir programas de prevenção contra a criminalidade na universidade e afirma não haver regulamento próprio de segurança da instituição.

Entretanto, para o servidor, a grande problemática envolvendo a questão da segurança no ***campus*** está diretamente relacionada ao número reduzido de servidores que compõem a equipe de vigilância. O supervisor relata a existência de vinte e quatro vigilantes contratados, divididos em dias alternados de serviço - sendo um dia composto de dois turnos de doze horas - o que resulta, portanto, em seis servidores por turno. Não bastando o número reduzido, o entrevistado aponta que apenas três dos seis vigilantes fazem vigias móveis, uma vez que os outros três ficam em bases fixas, em cabines, gerenciando o

acesso às chaves da instituição. Por fim, destaca que é comum não haver o número completo de vigilantes ao longo do ano, já que possuem direito a férias e licença médica. Outra questão levantada durante a entrevista foi a formação dos servidores que trabalham como vigilantes no setor. Lisboa explica o sistema para a contratação de servidores, esclarecendo haver um processo seletivo por meio de concurso, no qual é requerida por lei a conclusão em Curso de Formação de Vigilante, ministrado por escola devidamente autorizada pela Polícia Federal (Lei 7.102/83). Como essa exigência foi implementada pela universidade em 2001, parte dos vigilantes não possui formação adequada, pois participaram de concursos que antecederam o ano de 2001.

Ainda sobre a formação dos servidores, o entrevistado declara a exigência, por lei, da reciclagem do Curso de Formação de Vigilante a cada dois anos, sendo obrigação da instituição fornecer recursos para tanto. Após esse apontamento, Lisboa revela que "faz mais de cinco anos que não acontece treinamento".

Por fim, o supervisor do Setor de Vigilância do ***campus*** alega que a circulação de pessoas desconhecidas, isto é, estranhas ao meio acadêmico, durante o período não letivo (das 23 às 6 horas), representa a maior problemática para a segurança dentro da universidade. Lisboa afirma que há circulação para se cruzar o ***campus*** em direção à outra parte da cidade e que, em alguns casos, esta circulação está relacionada ao uso de drogas no espaço universitário. Entretanto, quando questionado sobre as ocorrências de tais casos, deixa claro o caráter não violento da reação dos usuários abordados pelos servidores da vigilância. Conclui o depoimento, alegando haver uma média de cinco ocorrências anuais registradas por boletins da polícia.

5.3 Análise dos dados levantados

Como apresentado no artigo "Segurança no *campus*: um breve levantamento sobre as políticas de segurança na USP e em universidades estrangeiras", as semelhanças entre os diferentes ambientes acadêmicos e sua segurança ficam evidentes no que diz respeito ao processo de atribuição de maior responsabilidade aos servidores encarregados da segurança, a predominância de casos menos violentos nas ocorrências e a resistência de parte da comunidade da universidade em relação à presença da polícia no *campus*. No que se refere às diferenças, "destacam-se a produção de estudos sobre as ocorrências e vitimização, o desenvolvimento de programas de prevenção e o incentivo ao registro de queixas contra os profissionais da segurança, características muito mais comuns e acessíveis nas universidades estrangeiras" (NATAL e TEIXEIRA, p.194, 2013).

Ao analisar tais semelhanças e diferenças, os autores do artigo afirmam existir uma relação entre essas questões e a estrutura administrativa das instituições, bem como entre a autoridade e formação dada aos servidores que fazem a segurança do *campus* e as políticas de segurança adotadas. O primeiro aspecto envolve a maneira como a universidade percebe a segurança em seu espaço, se é "como um serviço que ela presta aos seus usuários e que, por isso, tem a preocupação de informá-los, orientá-los e se submeter às suas críticas; ou se a percebe apenas como um departamento entre tantos outros de sua administração, tendo como prioridade a divulgação da instituição" (NATAL e TEIXEIRA, p.194, 2013). A FCT Unesp aparenta estar mais próxima de uma realidade em que há maior preocupação com as questões institucionais do que com a orientação e facilitação da comunicação entre usuários do espaço e profissionais contratados para assegurar a integridade do *campus*. O segundo aspecto trata da autoridade e formação dos vigias universitários. Quando discutida a questão

com o supervisor do Setor de Vigilância da FCT Unesp, o tema se mostrou pouco relevante para a gestão administrativa do *campus*, uma vez que a instituição não fornece a reciclagem do curso exigida por lei. Também é relevante destacar a necessidade de compreensão, por parte dos servidores, em relação ao espaço da universidade e seu caráter de bem público - mesmo que de uso especial - para o desenvolvimento da formação da equipe de vigilância. Cursos de Formação de Vigilante autorizados pela Polícia Federal não abordam o caráter público dos espaços, isso se deve primordialmente pela própria definição da Lei 7.102/83, que incide usualmente sobre espaços privados, compondo a universidade uma minoria nessa determinação legal. Assim, é possível compreender a relutância do Setor de Vigilância em aprovar a livre circulação de pedestres dentro do *campus*. Como terceiro e último aspecto, Natal e Teixeira abordam os princípios norteadores das políticas de segurança pública sobre a implementação de programas de prevenção e disponibilização de informações. Os autores fazem um comparativo no intuito de elucidar a temática:

É possível apontar dois extremos: de um lado a Universidade de Toronto, que tem um modelo de segurança muito próximo dos elementos do policiamento comunitário – identificação de atores e suas responsabilidades, estabelecimento de soluções para os problemas, orientações sobre procedimentos para situações de crise ou emergência, etc. –; e, de outro, as universidades latino-americanas, nas quais a simples ausência de informação sobre seus programas de segurança é um dado extremamente importante, pois revela o quanto esse assunto não é considerado algo a ser discutido, levado a público ou desenvolvido de forma preventiva.
(NATAL e TEIXEIRA, p.194, 2013)

5.4 Gestão participativa da segurança

Ainda com base nos estudos de Natal e Teixeira, surge a questão da participação da comunidade acadêmica na discussão da gestão de segurança no ***campus*** e os sistemas adotados. Assim, foi promovido em seminário um momento expositivo de ideias, envolvendo alunos, integrantes da Guarda Universitária e dirigentes, resultando em um apontamento unânime da importância do debate aberto sobre a segurança dentro do *campus* universitário.

A partir dessa experiência iniciada na USP, surge uma abertura para a possível introdução de dinâmicas colaborativas na FCT Unesp, que incluam alunos, servidores e professores em uma discussão que atinge a todos. Como é evidente que cada grupo vivencia rotinas diferentes dentro do espaço, a exposição de diferentes opiniões não só democratiza o debate, mas expõe problemáticas e soluções muitas vezes desconhecidas pela gestão.

É através desse diálogo que pode se estabelecer novos meios de assegurar o patrimônio e seus usuários, promovendo também programas preventivos, ainda inexistentes na FCT.

6

MORADIA

Envolvida em uma dinâmica diferenciada do ***campus*** da FCT Unesp , ainda que inserida dentro do espaço da instituição, a moradia estudantil conforma uma diversidade de usos. Assim a capítulo 5 tem como objetivo o estudo desse espaço que rompe com o uso supersimplificado do ***campus*** e seu entorno, alterando as dinâmicas socioespaciais cotidianas, estabelecidas no período letivo diário.

6.1 Moradia Estudantil da FCT Unesp Problemáticas e potencialidades

Decorrente da necessidade de estruturação conceitual e projetual do trabalho, foi analisado, a partir de entrevistas, o espaço da moradia estudantil do *campus* da FCT Unesp. Este é parte da instituição, porém representa uma dinâmica diferenciada no espaço, uma vez que se destina a um uso que prevê a permanência de estudantes fora dos horários letivos.

Com o aprofundamento nessas dinâmicas socioespaciais, a moradia estudantil mostrou-se muito relevante para o desenvolvimento da proposição final do trabalho. Assim, foi selecionada uma das entrevistas executadas no desenvolvimento do trabalho, a qual se destacou pelos apontamentos críticos e experiências no meio, vividas por José Augusto da Cruz Neto. Em seus relatos, são apontados fatores que relacionam o uso, a segurança e a organização do espaço, divididos em potencialidades e problemáticas:

Potencialidades

- O uso constante do espaço, reforçando sua segurança;
- A organização e a gestão do espaço realizadas pelos moradores;
- O interesse dos moradores na segurança não fortificada do espaço da moradia;
- A diversidade de usuários e as trocas proporcionadas por essas dinâmicas;
- A apropriação do espaço, mesmo ele sendo pouco qualificado;
- A sensação de maior segurança entre os limites da moradia que fazem fronteira com a parte interna do *campus*.

Problemáticas

- A superlotação das residências, devido à falta de oferta de vagas;
- O caráter pouco eficiente do cercamento, devido ao fluxo constante de pessoas;
- A insegurança decorrente das vias públicas pouco qualificadas que circundam a moradia estudantil, assim como a presença de vazios urbanos nas proximidades;
- A mobilidade dos moradores limitada pelas restrições de horários aplicadas à abertura do *campus*.

Partindo dessa listagem, percebe-se que as potencialidades estão muitas vezes relacionadas ao uso e apropriação do espaço da moradia e do ***campus***. Como contraponto, as problemáticas se relacionam mais à limitação dos usos relacionados à mobilidade, assim como a falta de vagas para atender estudantes com intenção de residir na moradia estudantil.

Com esse levantamento, foi constatada a relevância da presença constante de estudantes no ***campus***, uma vez que formam o grupo de maior número presente na instituição, ocupando-a e apropriando-se dela, o que, por consequência, corrobora com a segurança do espaço.

Dessa forma, seria possível considerar a moradia estudantil, em sua totalidade, como um espaço de grande potencialidade diante da discussão de seu uso como um método de manutenção da segurança nesse espaço. Diante de tal constatação, é possível discorrer sobre a ampliação desse uso para outras áreas do ***campus***, estendendo as potencialidades oriundas da moradia.

Através de estudos desenvolvidos no trabalho final de graduação, "Ampliação da moradia estudantil da FCT/UNESP", realizado em 2012 por Juliana Fossalussa, foi possível a coleta de dados sobre a atual moradia estudantil do ***campus***.

No trabalho, são levantadas as tipologias das edificações, assim como o número de vagas disponíveis para residir no alojamento da instituição, que totalizam atualmente 128 vagas, distribuídas em 4 blocos, que comportam, cada um, 32 moradores. As tipologias dos blocos são de casas térreas, cada edifício possui 413m² de área construída em alvenaria estrutural, com vedação em tijolos e cobertura com telha de barro. As edificações foram implantadas próximas umas das outras em uma área delimitada por cercas que separam o espaço da moradia e o restante do ***campus***.



figura 54

Também consta no trabalho de Fossalussa dados relativos às bolsas de auxílio, obtidos através do contato com a assistente social do *campus*, Regina Kemp:

O *campus* de Presidente Prudente oferece 125 bolsas de auxílio aluguel e 94 bolsas de auxílio moradia, referente à moradia estudantil. O número de bolsas auxílio é referente ao número de estudantes que necessitam de ajuda financeira mas não conseguiram vaga na moradia estudantil. Isto serve para comprovar a insuficiência de vagas na moradia.

FOSSALUSSA, 2012, p.37

Ao associar as entrevistas realizadas com residentes da moradia, o trabalho que propõe a ampliação da mesma e a problemática relacionada à remoção da cerca, surge a proposta de novos núcleos de moradia implantados em diferentes espaços do *campus*. A intenção da proposta é expandir o número de vagas para suprir a demanda e, consequentemente, o número de pessoas utilizando o espaço da universidade em horários não letivos, distribuindo o uso em áreas pouco ocupadas.

Derivando da proposta da criação de novos núcleos de moradia no *campus*, emerge o questionamento relativo ao cercamento desse espaço, destinado ao uso residencial e à segurança de seus moradores. Assim, para contemplar o conceito da ausência de fechamentos, estabelecido através das bases teóricas, mostra-se primordial a alteração da tipologia atual dos blocos de moradia da instituição de ensino.

Para o desenvolvimento da uma proposição de tipologia que proporcione segurança para os residentes, sem limitar a mobilidade dos mesmos, foi executado um estudo de caso, buscando projeto que se aproximasse da realidade espacial, climática, e econômica nacional, na qual a moradia da FCT Unesp está inserida.

6.2 Estudo de caso - Alojamento Ciudad del Saber

O alojamento estudantil na Ciudad del Saber, Panamá, é resultado de um projeto realizado em 2008 por cinco arquitetos formados nas escolas paulistas de arquitetura, para o Concurso Internacional de Arquitetura "Propuestas de Diseño para edifícios em La Ciudad Del Saber".

Para seu desenvolvimento, foram analisados os aspectos geográficos, climáticos e espaciais. A implantação e o partido arquitetônico se apresentam na configuração de nove blocos - conectados por uma estrutura linear de circulação de uso comum - implantados de forma paralela entre si, conformando pequenos pátios.

A relevância do projeto como referência para o presente trabalho, dá-se na configuração dos blocos isoladamente, uma vez que a intenção é o estudo das tipologias de edificações que comportem mais de 32 moradores, número atual de vagas dispostas em cada bloco de moradia existente no ***campus*** da FCT Unesp.

O projeto prevê nível térreo que atenda programas de uso comum e áreas de apoio aos alojamentos, como sala de estar, lavanderia, sala para leitura, café e pequeno auditório.

Pilotis

Suportam os pavimentos superiores, que comportam as áreas privativas, dando espaço à área de uso comum. Esta é integrada à paisagem através do uso de panos de vidro,

possibilitando que os olhos do lado interno do edifício recaiam sobre o meio externo.



figura 55

Blocos



figura 56

Com pavimentos superiores destinados ao uso privativo, comportam os dormitórios. Dessa forma, ainda que o edifício esteja inserido dentro de um espaço de livre circulação de pessoas,

cria-se maior privacidade e segurança para os moradores.

Brises



figura 57

Compõe barreira que protege a área de circulação da incidência do sol.

A estrutura independente

destinada à circulação, também funciona como barreira, desta vez, protegendo a fachada do edifício da incidência solar direta.



figura 58

No primeiro e segundo pavimentos, apoiados sobre pilotis, localizam-se os dormitórios, copa e depósito. Foi incluído também nesses pavimentos um espaço flexível que possibilitasse pequenas reuniões e estar.

7

MORFOLOGIA

Através da apresentação de mapas, o capítulo discorre sobre análises morfológicas embasadas em estudos gráficos e práticos. As análises tem como objetivo a associação entre as teorias já apresentadas nos capítulos anteriores e as características gerais do ***campus*** e seus usuários . É a partir de tal associação que se conforma o início da proposição final do trabalho.

7.1 Espaços Exteriores Positivos

Segundo Christopher Alexander existem dois tipos de espaço exterior: negativo e positivo. Um espaço é negativo quando os edifícios estão colocados de tal modo que o espaço resultante é apenas residual. Um espaço exterior é positivo quando tem uma forma distinta e coerente tão importante quanto as formas dos edifícios que o rodeiam (Alexander, 1977, P.518).

Alguns espaços não edificados que fazem parte do ***campus*** podem, por definição, ser considerados espaços exteriores positivos, uma vez que representam uma parcela considerável do terreno, que compõe um sistema de cheios e vazios, e as dinâmicas espaciais do ***campus***.

Assim, sua importância está diretamente relacionada à vivência dos espaços não edificados, que fazem parte da urbanidade do ***campus*** e de atividades relacionadas ou não às dinâmicas acadêmicas.

É por meio da análise do mapeamento de espaços exteriores positivos que são levantadas áreas com potencialidades pouco exploradas, as quais poderiam ter suas qualidades acentuadas, sendo, assim, incluídas nas vivências do espaço e promovendo segurança dentro dos limites do ***campus***.


espaços
exteriores positívos
_espaços exteriores positívos
_curso d'água e lago
N
0m
50m
100m
150m
250m

figura 59

7.2 Caminhos

A partir do mapa dos caminhos destinados a pedestres dentro do ***campus***, nota-se que o maior adensamento do traçado se limita ao entorno dos prédios administrativos, biblioteca e parte dos laboratórios. Os espaços não edificados do ***campus*** possuem poucas conexões entre si, principalmente na parte oeste da universidade, onde se localiza o curso d'água, a área de preservação permanente (APP), a Associação de Servidores Administrativos (ASA) e o lago.

O aproveitamento difundido dos espaços não edificados não ocorre, o que pode ser resultado da ausência de percursos que possibilitem o fácil acesso às áreas citadas, as quais, mesmo não edificadas, têm grande potencial e poderiam fazer parte das dinâmicas de uso do espaço da universidade.

A análise deste mapa é fundamental para compreender eixos funcionais e eixos pouco habilitados. O uso de tais eixos está diretamente relacionado às barreiras físicas que ilham o ***campus***. É, portanto, através da superação das barreiras que são revitalizados os eixos.

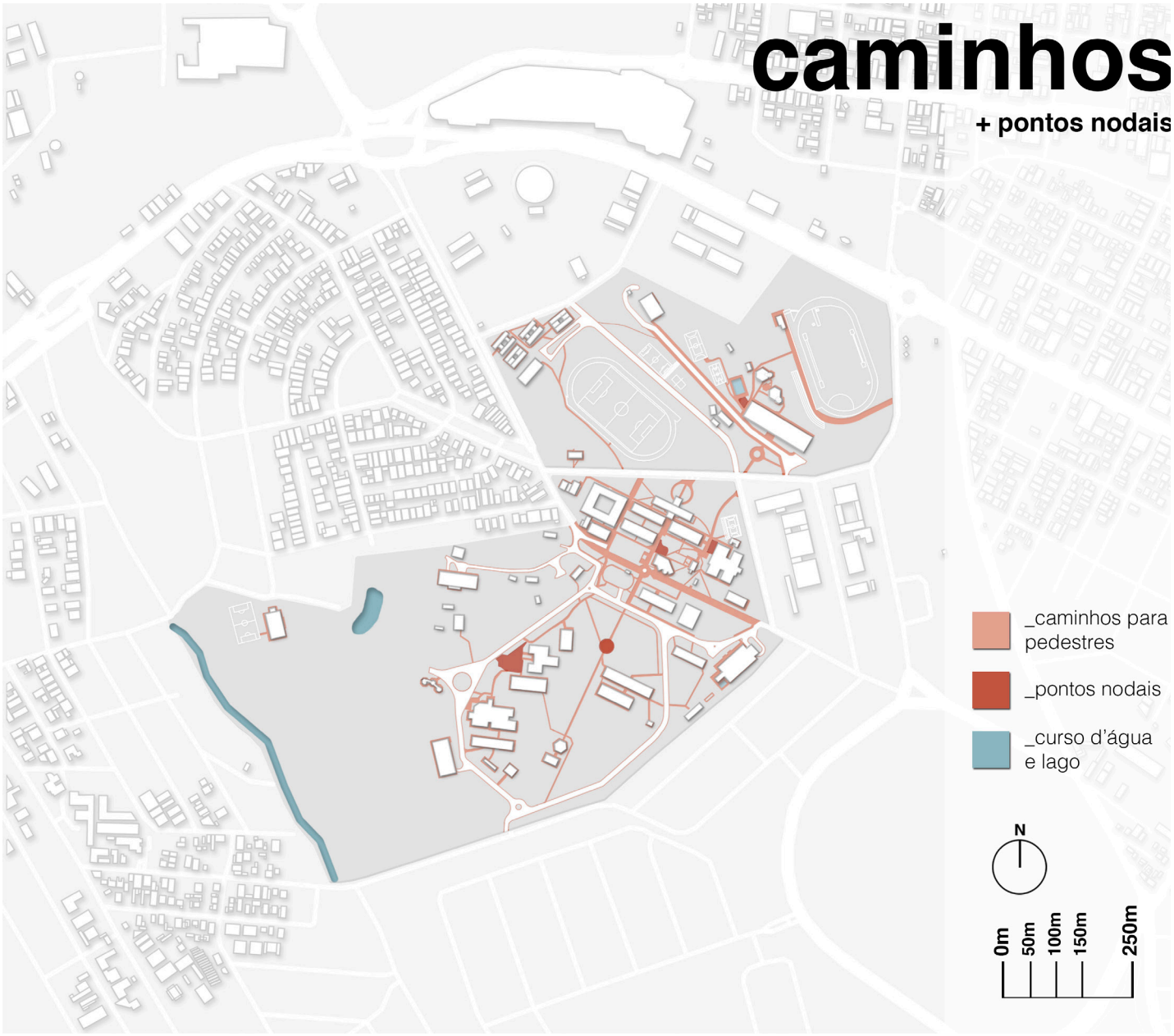

caminhos
+ pontos nodais
_caminhos para pedestres
_pontos nodais
_curso d'água e lago
N
0m
50m
100m
150m
250m

figura 60

7.3 Praças

Por meio do contraste, o mapa mostra a grande disparidade entre os espaços não edificados e as áreas do ***campus*** caracterizadas como praças.

A qualificação dos espaços não edificados da universidade é mínima e pouco significativa diante de um ***campus*** com tantos espaços potenciais. Assim, as praças se concentram apenas nas proximidades das edificações com fluxo intenso de alunos ou se encontram posicionadas no traçado de maneira pouco planejada, não tendo apropriação por parte dos usuários devido à maneira de implantação e à ausência de qualidades.

praças

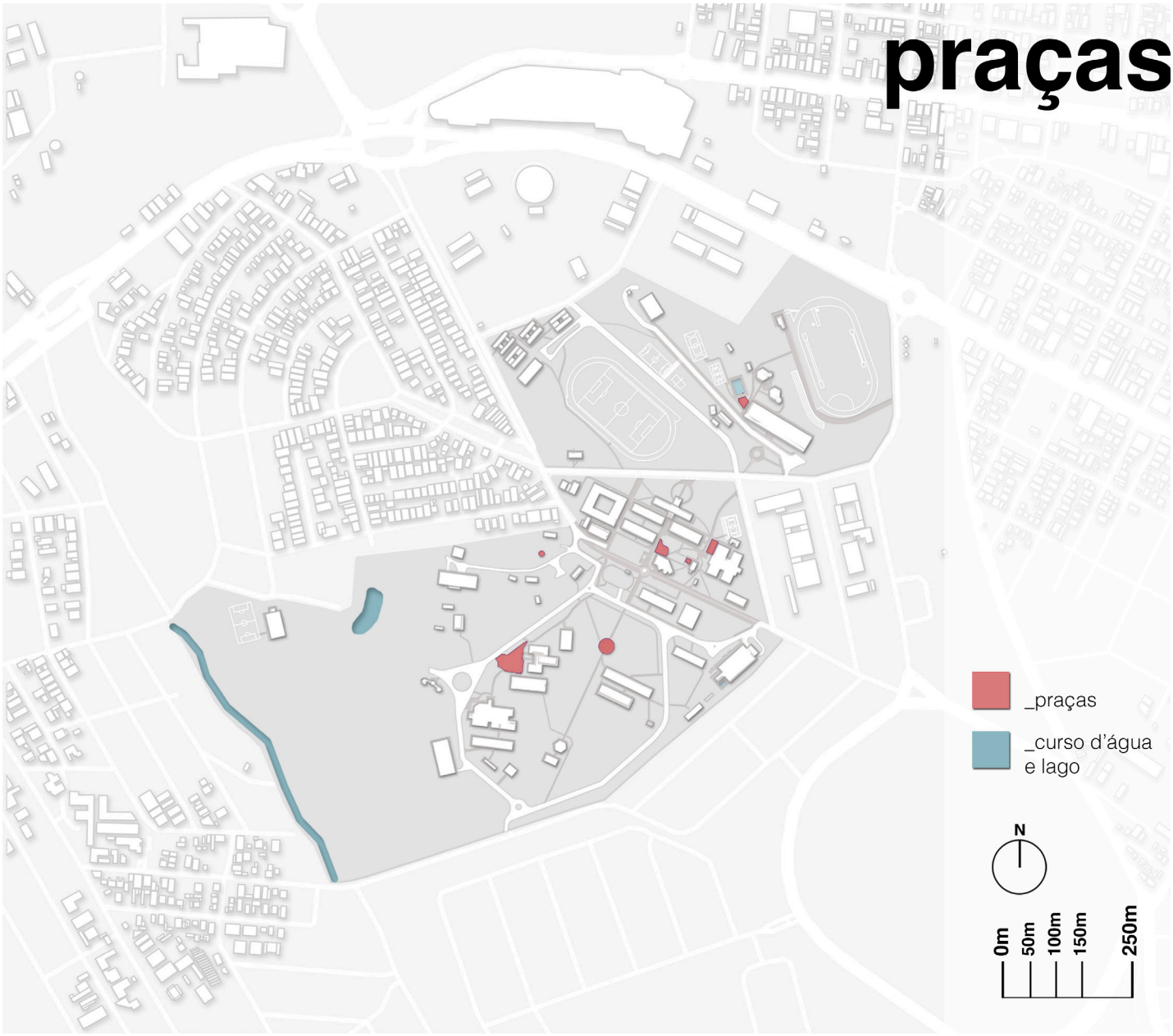


figura 61

7.4 Vias automotivas

O mapa apresenta vias destinadas ao acesso automotivo ao ***campus***. No entanto, mesmo presentes dentro do espaço da instituição, as vias têm circulação de veículos limitada e acessos fechados ou restritos, que obrigam a entrada e saída por uma mesma abertura. Esse é o caso das ruas João Gonçalves Foz e Uchoa Filho.

Ao criar acessos únicos de entrada e saída, é possível o monitoramento de veículos. Porém, dessa forma, limita-se também o uso das vias como espaço de passagem, implicando a ausência de vitalidade das ruas em períodos não letivos e, consequentemente, contribuindo para a insegurança dentro do ***campus***.

É importante o questionamento da priorização dos espaços destinados aos veículos automotivos, mas ao qualificar vias, combinando usos de pedestres, ciclistas e veículos automotivos e promover a circulação de usuários, é possível conceber um espaço com maior urbanidade e reforço da segurança.

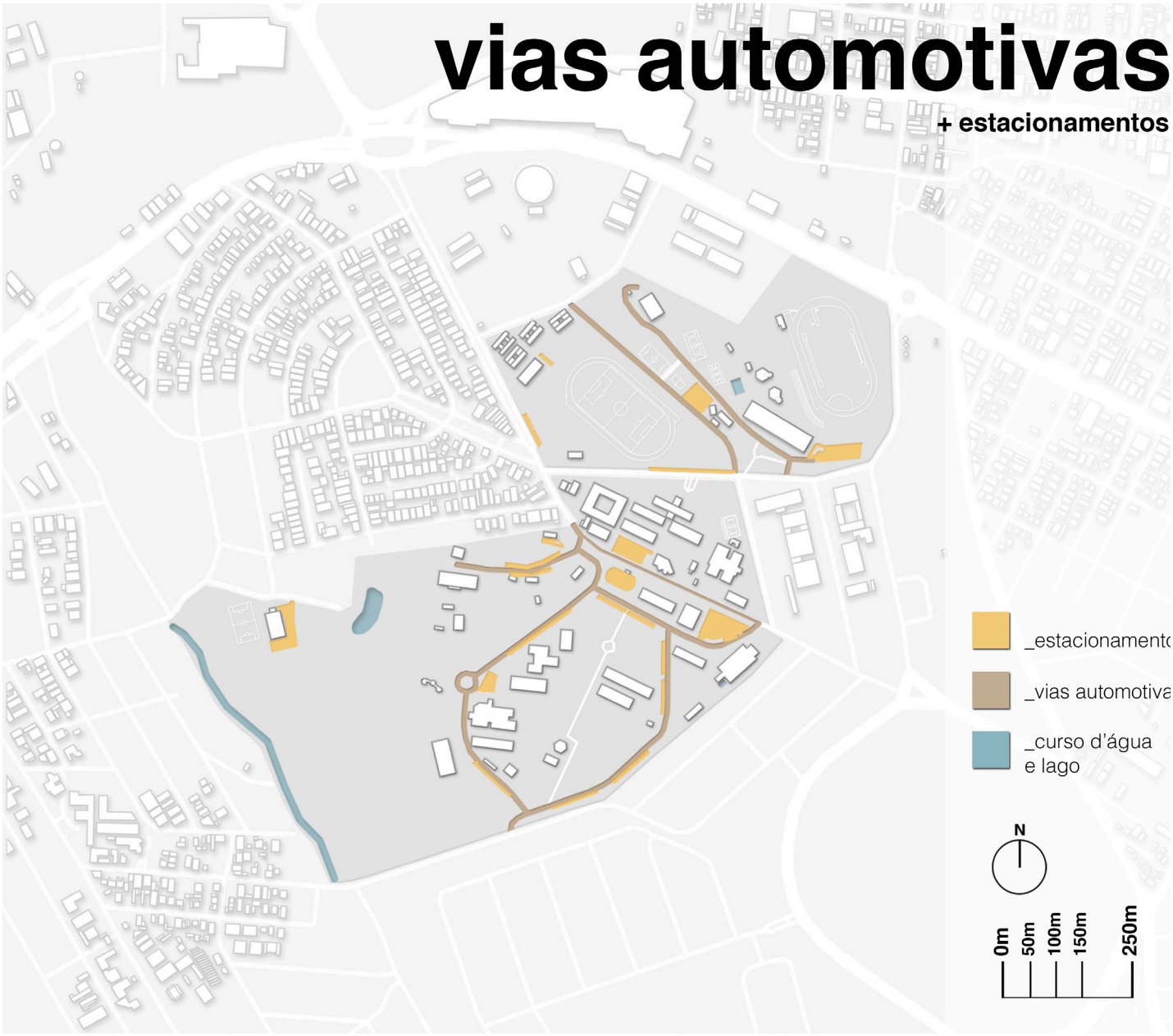

vias automotivas
+ estacionamentos
_estacionamento
_vias automotiva
_curso d'água
e lago
N
0m
50m
100m
150m
250m

figura 62

7.5 Fluxos e espaços de permanência

O mapa de fluxos representa percursos levantados através da produção de mapas mentais e entrevistas com usuários do ***campus***. Dessa maneira, o traçado é o resultado da sobreposição de mapas mentais, criando hierarquias através da justaposição das linhas de deslocamento dentro da universidade. Por meio da análise desse levantamento, nota-se um eixo de transposição da parte nordeste à parte sudoeste do ***campus***. Para tanto, forma-se um fluxo que cruza a avenida que o divide.

Sendo assim, é possível inferir que o fechamento do ***campus*** ao longo dessa avenida limita os fluxos principais, dificultando a integração entre seus próprios espaços e, consequentemente, de seus usuários, o que cria uma barreira socioespacial dentro da universidade.

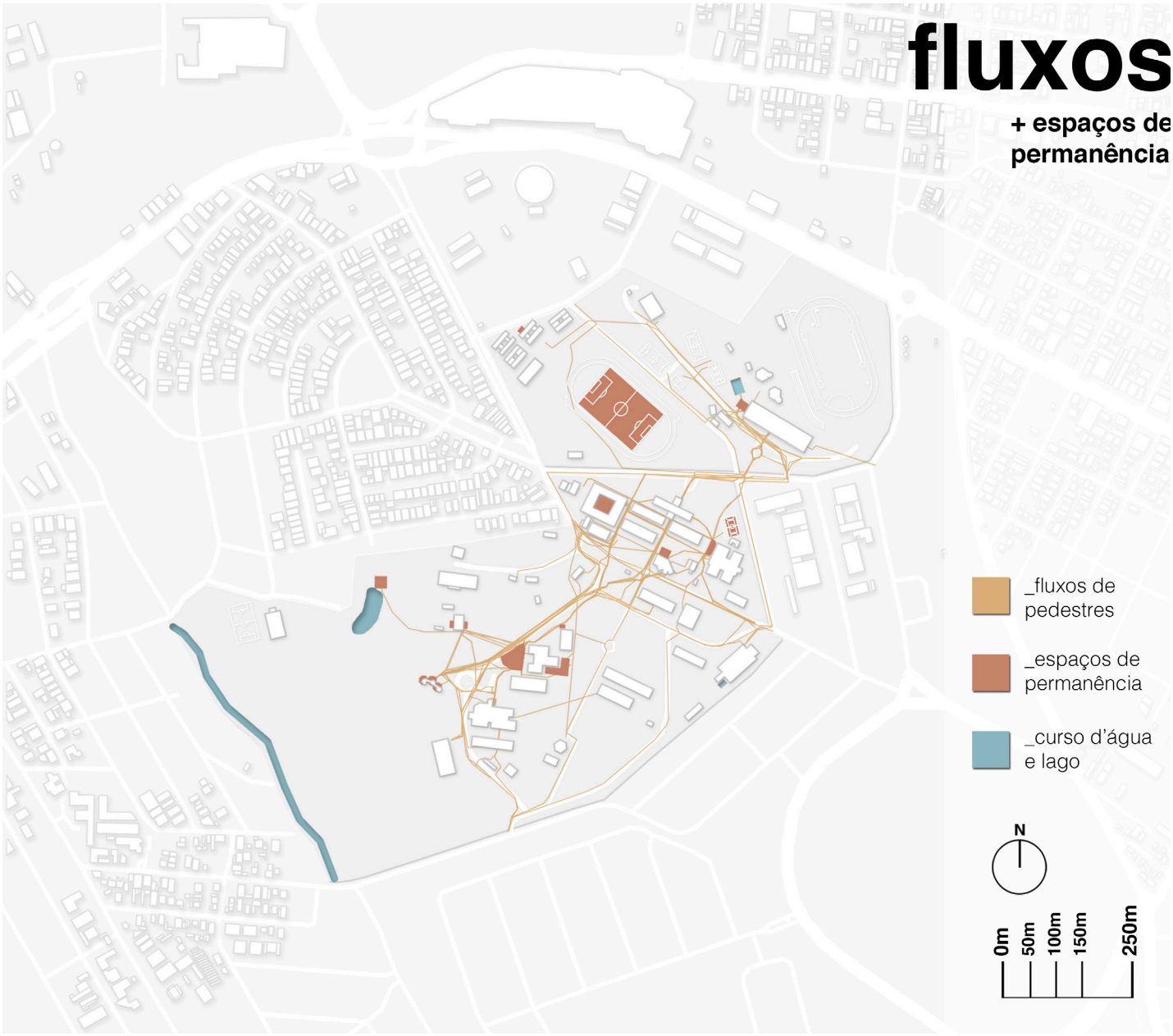

fluxos
+ espaços de permanência
_fluxos de pedestres
_espaços de permanência
_curso d'água e lago
N
0m
50m
100m
150m
250m

figura 63

7.6 Vegetação

A maior concentração de massa arbórea se localiza na parte sudoeste do ***campus***, devido à existência de uma APP. Essa massa compreende também o entorno do lago.

O ***campus*** possui vegetação arbórea disposta em grande parte de seus espaços não edificados, proporcionando melhor condição climática para usos desses espaços. Entretanto, a ausência de infraestrutura como caminhos e espaços qualificados de permanência que integrem as áreas arborizadas fazem com que os usos dos espaços arborizados seja restrito.

A vegetação também influencia na circulação de pedestres ao longo do perímetro da universidade. É comum observá-los se deslocando por calçadas próximas às partes mais arborizadas do ***campus***. Porém, há grande relutância por parte dos transeuntes em caminhar ao longo de áreas pouco arborizadas como a face oeste do ***campus***, ao longo da Rua João Gonçalves Foz.

vegetação

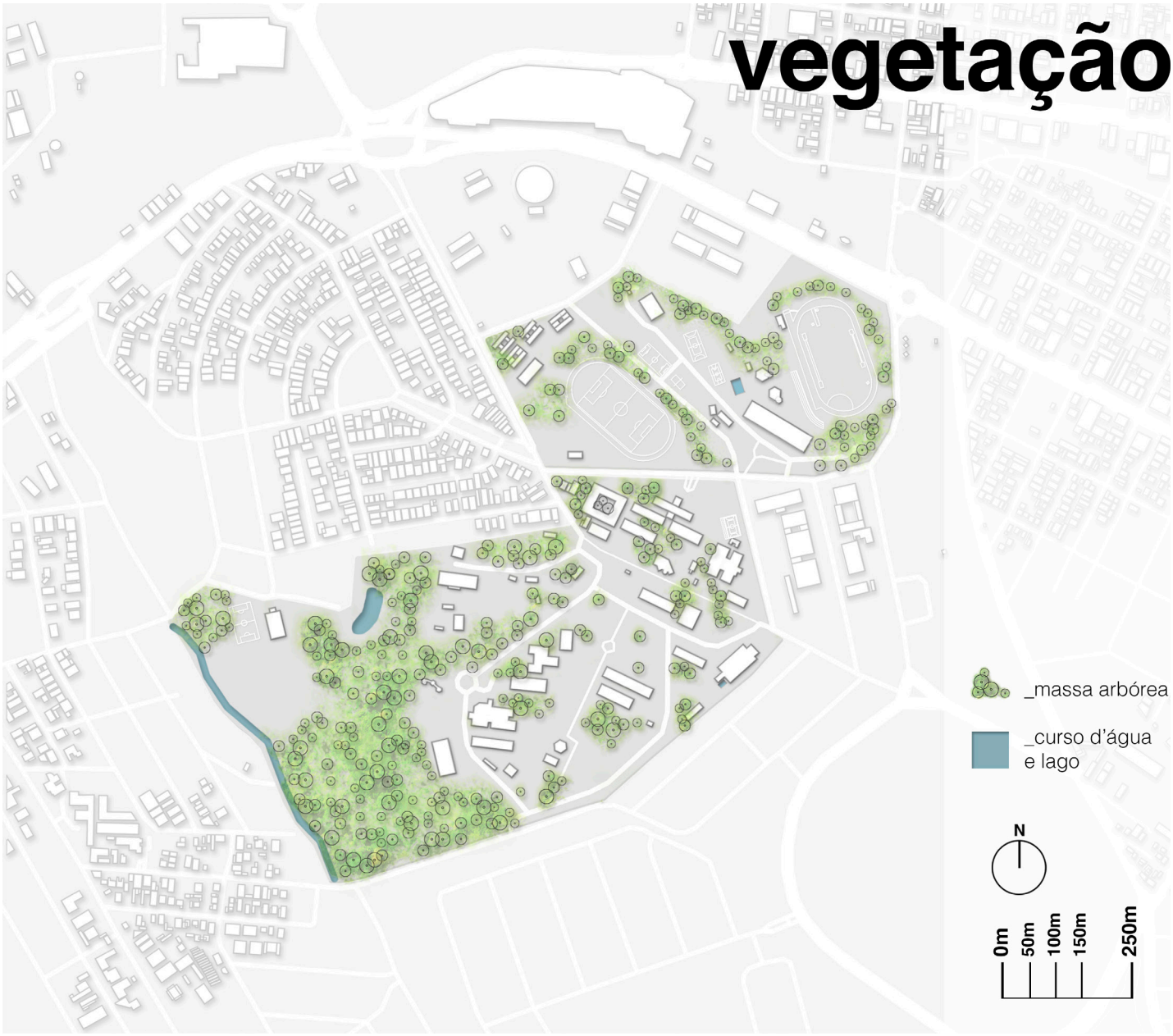


figura 64

7.7 Topografia

A topografia é variada, tendo partes mais planas, próximas ao centro da divisão sul do ***campus***, onde se localiza o museu. Partindo desse ponto, cria-se um eixo de menor declive em direção à divisão norte da universidade.

É possível notar que devido à topografia em declive, localizada na parte oeste do ***campus***, há a ausência de edificações, percursos ou qualquer tipo de infraestrutura viária, sendo mantido o espaço como APP. Isso se deve também à existência do curso d'água na parte oeste - canalizado e com pouca vegetação em parte de seu percurso no espaço da universidade.

MORFOLOGIA

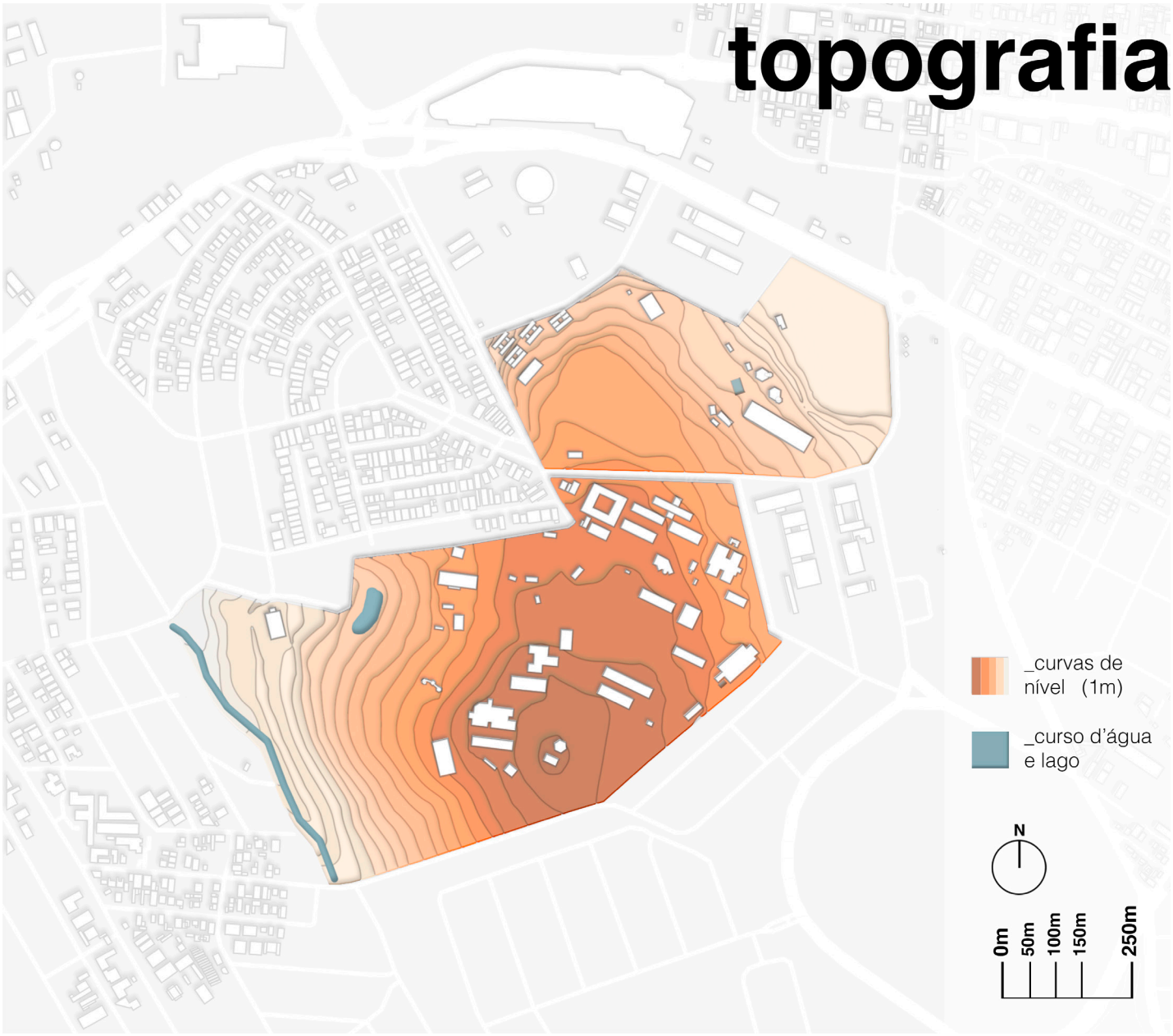


figura 65

8

DINÂMICA

Em um contexto de potencialidades cercadas, no qual as dinâmicas socioespaciais se encontram segregadas pela divisão dos meios, conexões de uso se encarregam de restabelecer as relações perdidas entre a universidade e a urbe. Assim, este capítulo apresenta proposições que permeiam a integração entre o espaço público de uso comum e o ***campus*** da FCT Unesp, visando maior vitalidade de seu entorno.

8.1 Proposição e suas bases

Através da interligação dos dados teóricos, das análises e das vivências no espaço estudado, foi desenvolvida a proposição que relaciona a diversificação de usos, a remoção e superação de barreiras, e a implementação de novas vias que proporcionem maior acessibilidade e mobilidade ao logo do perímetro do *campus* em direção ao seu interior.

A partir dessas premissas as propostas apresentadas são divididas em três bases: as barreiras, os usos e a mobilidade.

Os usos

Como constatado anteriormente, a supersimplificação do uso do espaço é nociva à vitalidade do mesmo. Partindo desse princípio fundamental é que se forma o conceito primordial da diversificação dos usos aplicado no projeto.

Assim, a proposta é dividida em duas bases, sendo elas: a ampliação

As barreiras

Devido à limitada influência da gestão administrativa do *campus*, que incide especificamente no espaço da instituição, as barreiras físicas que circundam seu entorno não podem ser alteradas.

Tal remoção só seria possível se associada a outros métodos para assegurar o patrimônio e os que utilizam o espaço. Assim, a proposta parte da qualificação dos espaços, para que através do uso se assegure o espaço físico da instituição e seus usuários.

Entretanto, a remoção do cercamento do espaço da instituição é de extrema importância para a redução do impacto gerado pelas barreiras externas, e pelos usos pouco diversificados do entorno.

do uso do ***campus***, tornando espaços de bordas áreas públicas de uso comum do povo; e a ampliação do uso do ***campus*** pelos próprios usuários do meio acadêmico, a partir da criação de núcleos de moradia implantados em seus diferentes pontos.

A primeira base se fundamenta no convênio entre a Prefeitura do Município de Presidente Prudente e a FCT Unesp. Por meio dele, a universidade concede espaços ao longo do perímetro do ***campus*** para que a gestão municipal financie a qualificação dessas áreas, alterando o caráter de uso especial para uso comum da população. A intenção contida na proposta é expandir os tipos de uso e seus horários, assim como o número de pessoas presentes no espaço da universidade. Como resultado, é estabelecido um potencial de quebra de barreiras de uso fixadas nas áreas de fronteiras, gerando maior apropriação do ***campus*** e maior segurança no espaço. É importante ressaltar que os benefícios se aplicam não só ao ***campus***, como a seu entorno, uma vez que dá suporte à comunidade local, tanto residencial, quanto comercial. A dinâmica de troca gera, pois, inclusão entre todas as partes envolvidas.

A segunda base se estrutura a partir do uso constante do espaço dado pelos estudantes que residem na moradia estudantil. Assim, é proposta uma política de longo prazo, que entenda a importância da implantação das edificações destinadas ao uso residencial no ***campus***, edificando novos núcleos de moradia estrategicamente alocados. Dessa forma, atende-se a demanda de novas vagas e se estende o uso constante para diversos espaços da universidade. Como complemento dessa proposta, tais núcleos seriam associados a espaços amplos de estudos, destinados a atender todos os cursos, em qualquer período do dia, sem restrições de horários.

A mobilidade

Unindo as propostas relativas às barreiras e aos usos, a proposta que aborda a questão da mobilidade combina a circulação de pedestres, ciclistas e veículos automotivos, de forma a promover maior visibilidade e inclusão do espaço da universidade à malha urbana. Para isso, seriam estendidas as vias internas do ***campus***, conectando-as à vias públicas. Em adição a essa proposta, seriam estabelecidos novos eixos de circulação que conectassem extremidades do ***campus***, destinados a pedestres, promovendo acesso fácil e rápido entre ele e seu entorno.

A proposta relativa ao sistema viário é reativação e criação de novas vias, promovendo maior acessibilidade ao ***campus***. Assim, conforma-se um espaço compartilhado, no qual circulam veículos automotivos, pedestres e ciclistas. Para tanto, é preciso produzir uma transição entre a via pública e tal espaço compartilhado (BUXTON, 2017).

Alguns meios de criar uma sensação de transição são:

- Redução da largura aparente da via com alteração da pavimentação asfáltica ao longo do eixo, criando ambiente de baixa velocidade para veículos automotivos.

- Implementação de iluminação baixa típica de áreas destinadas a pedestres.

- Alteração no paisagismo e mobiliário urbano ao longo do espaço compartilhado

- Delimitação dos passeios através do uso de pavimentação diferenciada, e adição de faixa centralizada na pista de rolagem com a mesma pavimentação do passeio, para ampliar a sensação de espaço compartilhado ao longo da via.

Para o desenvolvimento da proposta, foram levantadas as potencialidades e problemáticas relativas ao ***campus***, e a 7 pontos específicos de intervenção - determinados através da análise dos levantamentos executados ao longo do trabalho.

Potencialidades
gerais do *campus*

- Localização próxima ao Parque do Povo
- Arborização dos espaços não edificados
- Espaços amplos e gramados
- Existência de instalações elétricas para iluminação de áreas externas (não edificadas)
- Existência de vias largas destinadas à circulação de veículos e pedestres
- Uso de edificações durante os horários não letivos (moradia, salas de estudo)
- Uso de espaços abertos durante horários não letivos (treinos esportivos, lazer passivo, como o ArqProjeta)
- Presença de comércio e serviços (cantina, café, xerox)

8.2 Os 7 pontos de intervenção

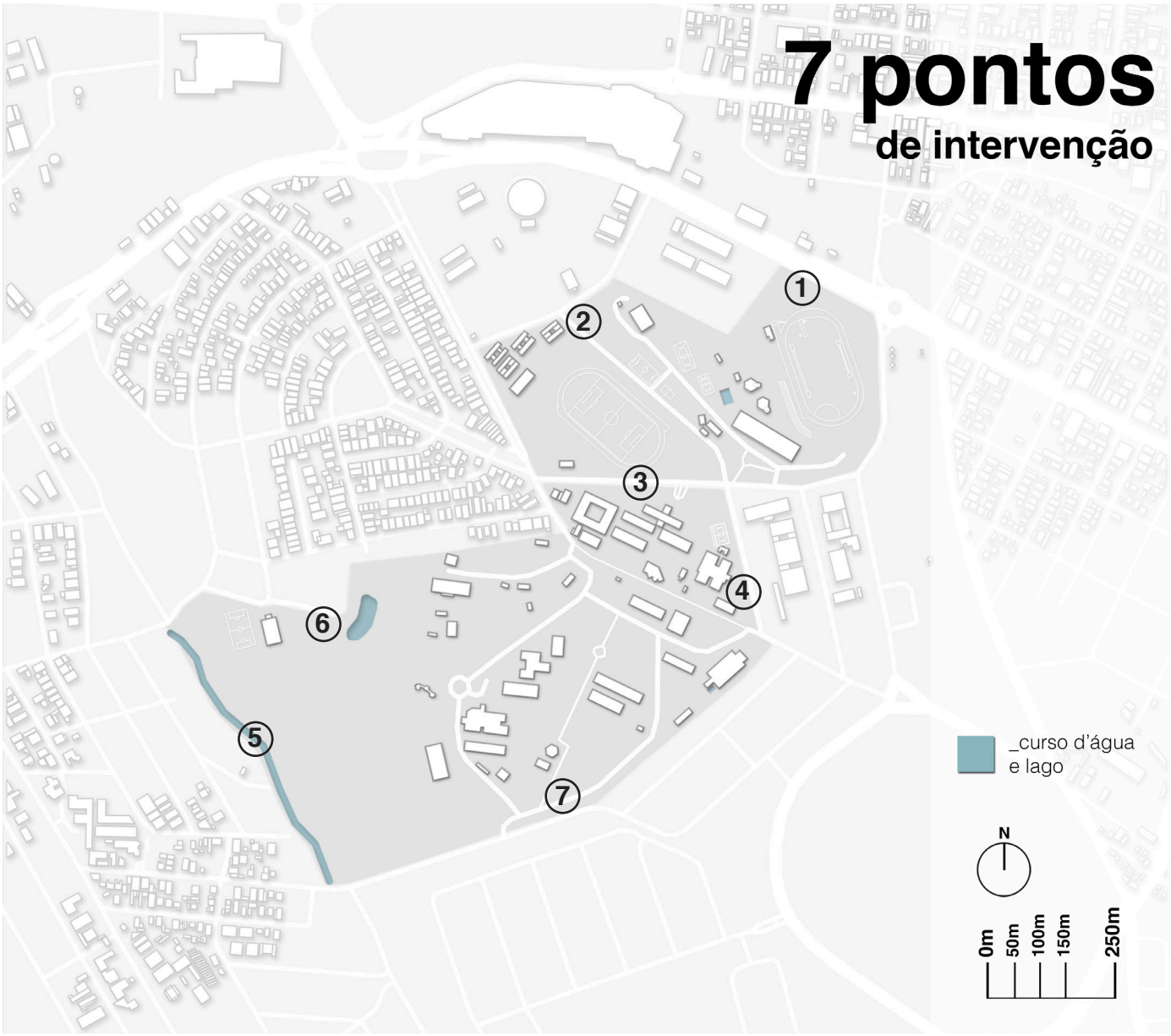
Localizados nos limites do ***campus***, os 7 pontos de intervenção foram escolhidos através das necessidades dos usuários do espaço, tendo em vista a adequação de percursos já utilizados, porém sem infraestrutura nas condições atuais do ***campus***.

Outro fator determinante na escolha dos pontos foram as barreiras externas ao ***campus***. Locais estigmatizados por barreiras, com menos uso nas zonas de fronteira e maior sensação de insegurança foram escolhidos para que, através de proposições, possam ser pensadas novas maneiras de utilizar e ver esses espaços.

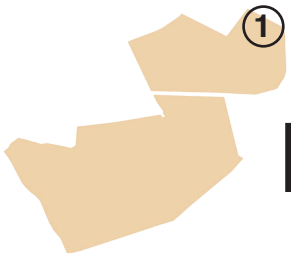
Assim, os sete pontos se baseiam não só nas dinâmicas de uso presente, mas também nas potenciais dinâmicas ausentes diante da falta de qualificação e integração entre a universidade e seu entorno.

Para compreender as intervenções propostas é importante partir da premissa na qual o ***campus*** esteja completamente despido de seu cercamento atual, permanecendo apenas as barreiras externas à instituição.

figura 66



Para auxiliar na compreensão dos elementos que compõe os 7 pontos de intervenção e seu entorno, utilizar o mapa de **referenciais do entorno do *campus***, anexo ao final do livro.



Ponto 1

Margeado pela Av. Manuel Goulart (Mapa de referenciais, **1**) localiza-se o primeiro ponto de intervenção do trabalho. Com proximidade de um shopping center - o Prudenshopping (Mapa de referenciais, **A**) - a área do ***campus*** atualmente isolada pelo cercamento cria um eixo de circulação inseguro ao longo do passeio público.

Problemáticas

- Ausência de acesso direto ao ***campus*** devido ao fechamento permanente do portão.
- Ausência de iluminação adequada dentro do perímetro do ***campus***.

figura 67



figura 68



- Área ampla e arborizada com desníveis de baixa intensidade
- Proximidade ao Prudenshopping (Mapa de referenciais, **A**) e Parque do Povo (Mapa de referenciais, **F**).

Potencialidades

- Calçada de largura regular equipada de pavimento tátil auxiliar na locomoção.
- Eixo de intensa circulação de pedestres.

Potencialidades

- Eixo de circulação isolado pelo cercamento do *campus* e do Prudenshopping (Mapa de referenciais, **A**), gerando sensação de insegurança para os transeuntes.
- Dificuldade na transposição de pedestres entre o lote da universidade e do shopping.

Problemáticas

Intervenção_ Ponto 1

Devido ao constante fluxo de usuários do *campus* em direção ao Prudenshopping (Mapa de referenciais, **A**) - espaço mais próximo ao *campus* a oferecer maior gama de serviços e comércio - surge a necessidade da criação de um novo eixo de circulação destinado a pedestres, que possibilite fácil acesso entre a universidade e tal centro comercial.

A atual ausência de tal eixo obriga os usuários do espaço da universidade a percorrer maiores distâncias. Diante da realidade de muitos estudantes da FCT Unesp - os quais, em sua maioria, não possuem veículos automotivos, - caminhar através de áreas gramadas e bem arborizadas em dias quentes, comuns no cotidiano prudentino, muda completamente a sensação ao longo de seu deslocamento.

Assim como o conforto climático e a praticidade proporcionada à pedestres, o eixo tem como função conectar a extremidade do Parque do Povo (Mapa de referenciais, **F**) ao *campus* estimulando o fluxo intenso de pessoas durante o período noturno, uma vez que há grande uso do parque após o horário comercial.

Dessa forma, a proposta aplicada ao Ponto 1 tem como objetivo: promover maior vitalidade à área do *campus*

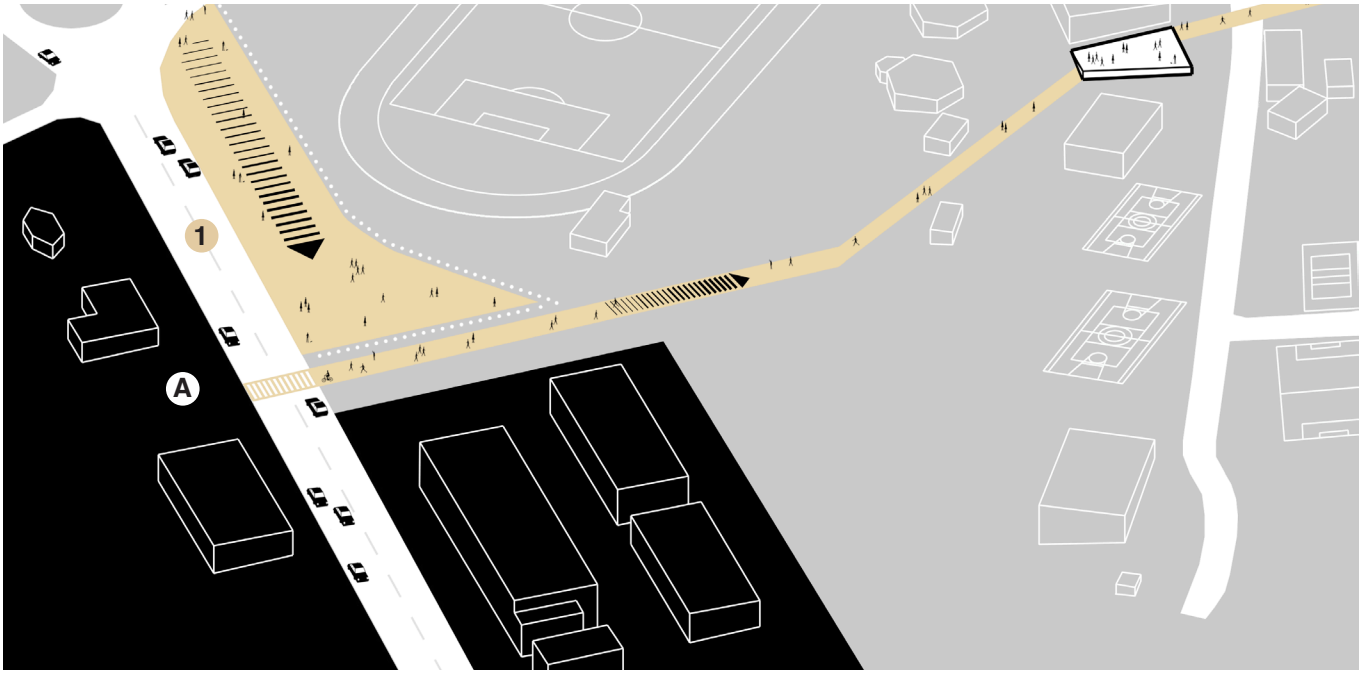


figura 69

que acompanha a Av. Manuel Goulart (Mapa de referenciais, **1**); criar eixo interno à FCT Unesp que conecte a extremidade norte do *campus* - passando pela praça em evidência no diagrama - à área sul, localizada do outro lado da Rua Roberto Símonsen (Mapa de referenciais, **3**), que divide o espaço da instituição.



figura 70 ▲

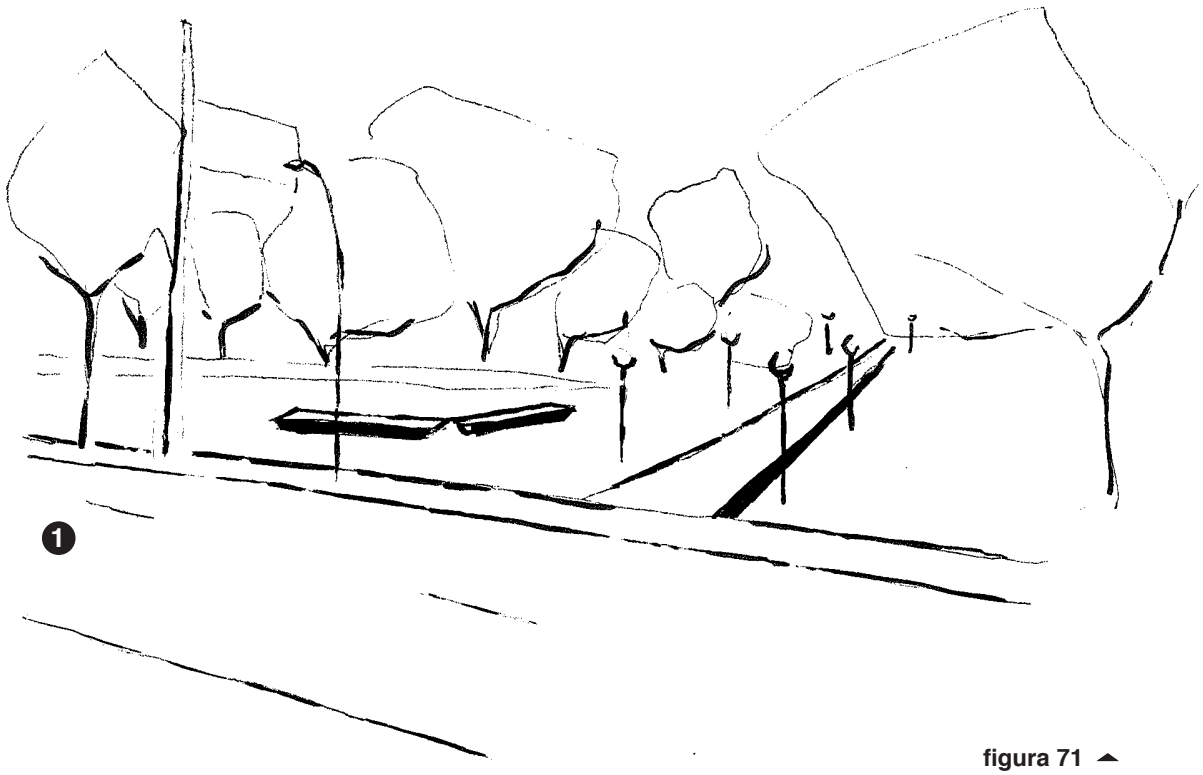
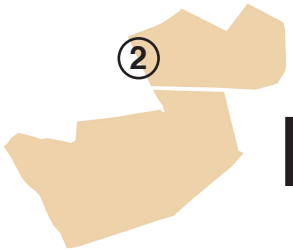


figura 71 ▲



Ponto 2

Localizado na parte noroeste do ***campus***, o Ponto 2 é marcado por sua proximidade à atual moradia estudantil da instituição. A partir de levantamentos, o ponto se mostrou relevante diante da constante abertura ilegal do cercamento, promovendo o fácil acesso ao ***campus***.

Potencialidades

- Área ampla, com entorno utilizado em atividades noturnas, como treinos esportivos.

Problemáticas

- Cercamento presente ao longo dos dois lados da rua Prof. Placídio Nogueira (Mapa de referenciais, **2**) pública, promovendo sensação se insegurança para transeuntes.

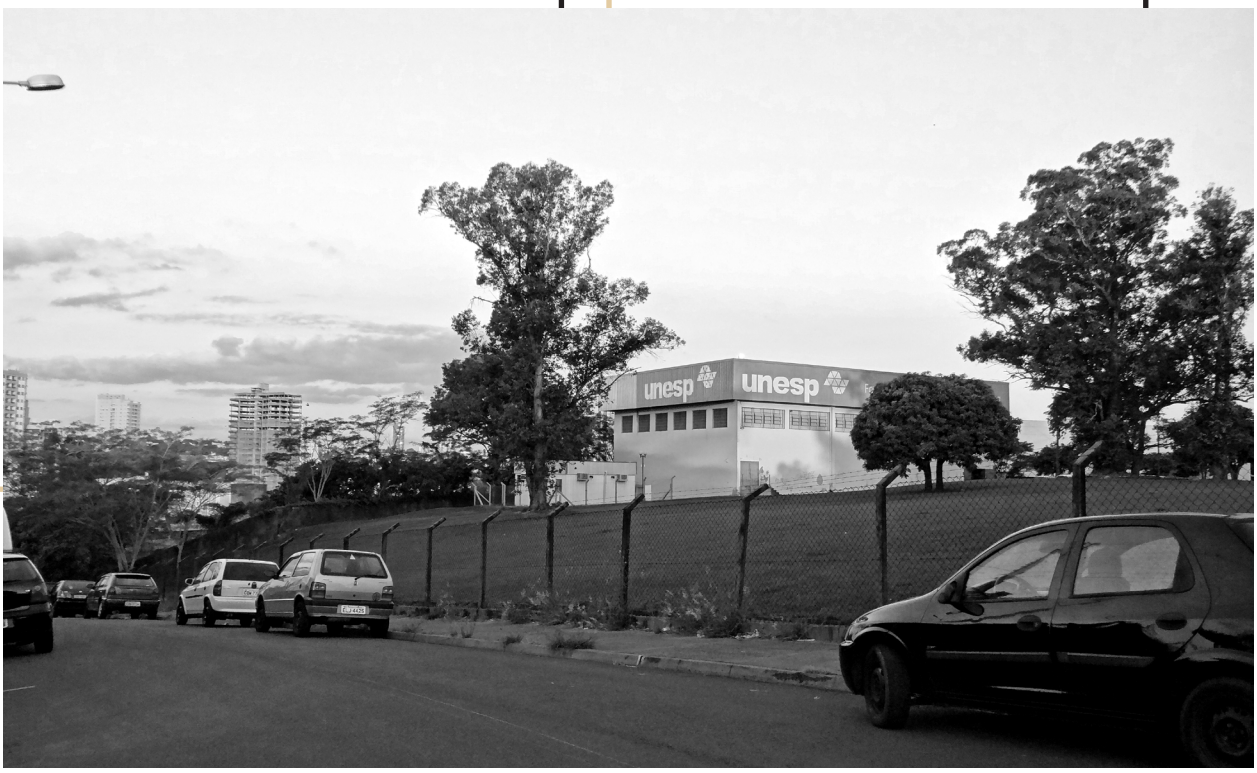


figura 72

figura 73



Problemáticas

- Constante investimento na manutenção do cercamento, devido à recorrente depredação dos alambrados.
- Presença de lote vazio (Mapa de referenciais, **B**) em frente ao espaço da moradia estudantil, gerando sensação de insegurança.
- Insegurança ao longo do comprimento total da rua Prof. Placídio Nogueira (Mapa de referenciais, **2**), devido à quantidade reduzida de acessos aos lotes e de iluminação pública.
- Interrupção do fluxo de veículos e pedestres devido ao fechamento da rua Uchoa Filho (Mapa de referenciais, **9**) devido ao cercamento.

Potencialidades

- Rua Uchoa Filho (Mapa de referenciais, **9**) estruturada com pavimentação e largura adequada para a circulação de pedestres e veículos.
- Presença de eixo estruturante que conecta a área noroeste do *campus* à parte nordeste e sudeste.

Intervenção_
Ponto 2

Partindo da intenção de conexão entre o lote da instituição e o espaço público de uso comum do povo, surge a proposta de integralizar a via interna ao ***campus*** (nome desconhecido) que se interrompe antes de alcançar os limites do lote. Com isso, o espaço que se conforma entre as via e a rua Ucho Filho (Mapa de referenciais, **9**) torna-se mais acessível, e consequentemente mais atraente para uso, se comparado à sua condição atual.

Áreas que margeiam os limites do ***campus*** tem como proposta sua qualificação através da implementação de iluminação adequada, mobiliário urbano e áreas pavimentadas que proporcionem espaços de permanência.

Os edifícios em evidência compõe atualmente o espaço da moradia estudantil. Perante a sensação de insegurança decorrente do entorno pouco qualificado e da própria tipologia das edificações, a intervenção proposta no Ponto 2 tem como intenção a substituição do uso dos blocos que compõe a moradia, e a consolidação de novas edificações destinadas a

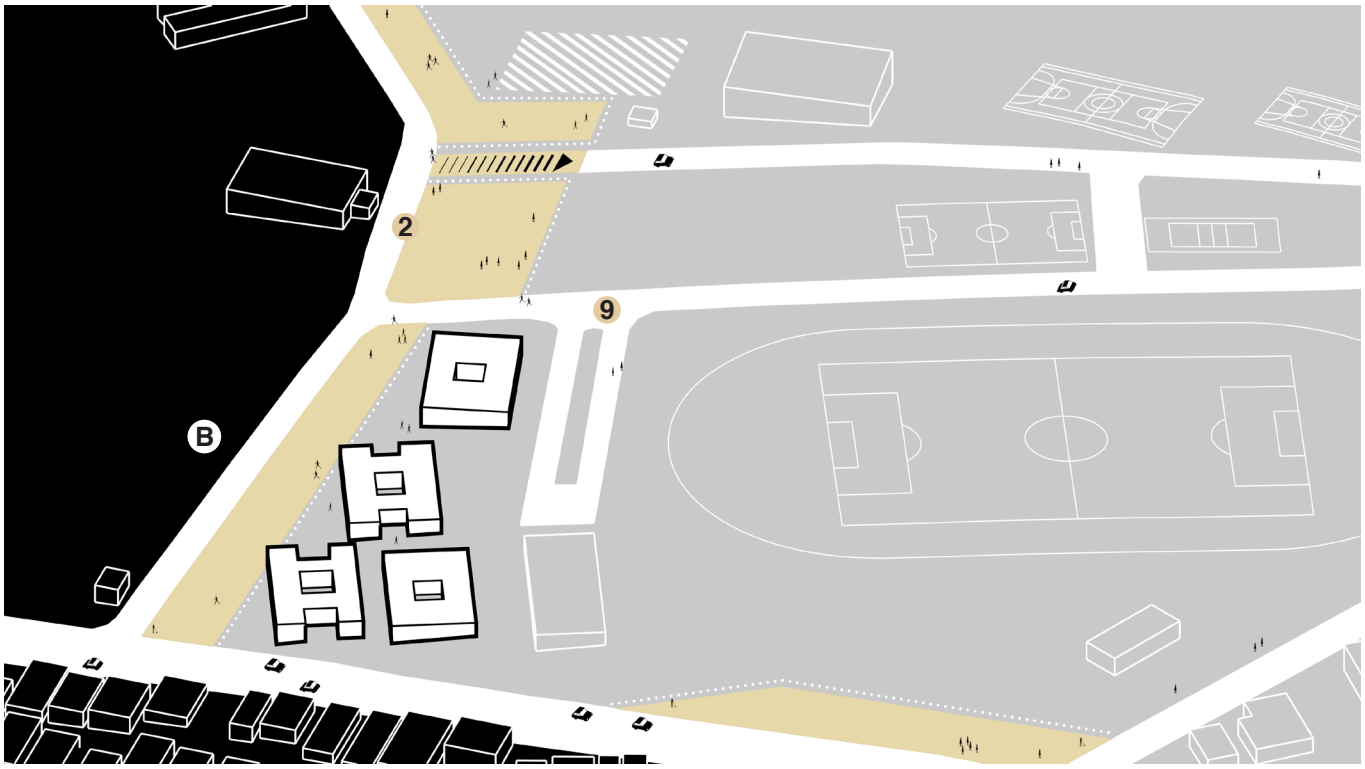


figura 74

habitação, estas com tipologia que promova maior sensação de segurança para os residentes e usuários do espaço.

Como citado anteriormente nas bases da proposição, a criação de 5 novos núcleos de moradia implica na implantação dos edifícios em diferentes pontos do ***campus***. Assim, o Ponto 2 possui características espaciais que propiciam a implantação da nova edificação, qualificando o espaço e promovendo o uso.

Tendo em vista que parte significativa do corpo estudantil da FCT Unesp busca espaços que abriguem usos diversificados dentro do ***campus***, nos quais não haja burocracia para utilização, os atuais blocos de moradia apresentam grande potencialidade para abrigar tais usos, sendo possível comportar centros acadêmicos dos cursos, e outras atividades extracurriculares.

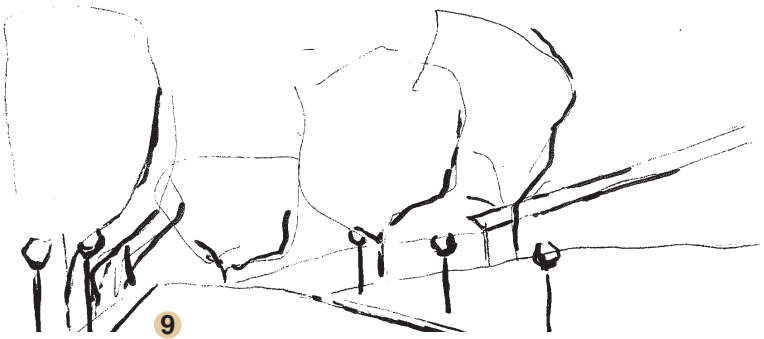


figura 75

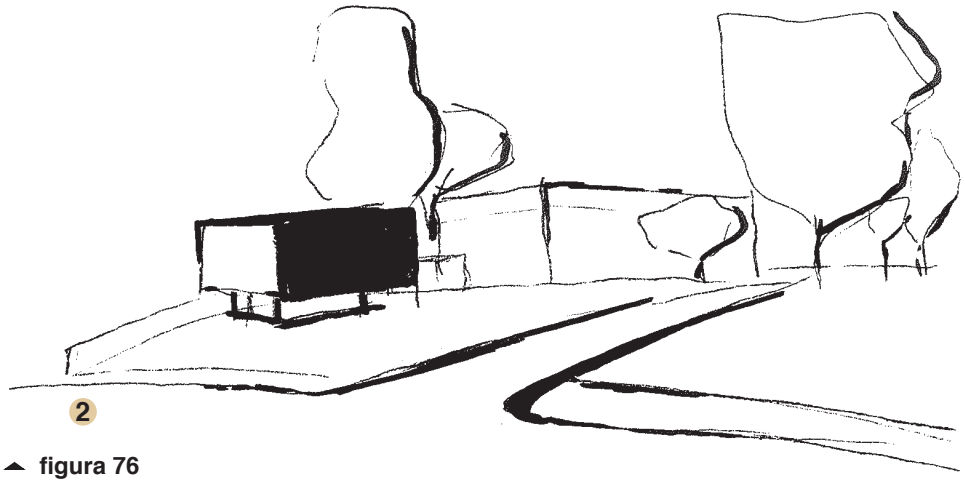
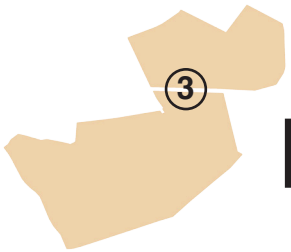


figura 76



Ponto 3

O Ponto 3 se estende ao longo de parte da Rua Roberto Símonsen (Mapa de referenciais, **3**). A via representa barreira de grande relevância uma vez que divide o ***campus*** em duas partes, entre as quais não há conexão além da presença de uma faixa elevada para pedestres.

figura 77



Potencialidades

- Rua Roberto Símonsen (Mapa de referenciais, **3**) com passeios arborizados de largura mediana
- Presença de espaços exteriores positivos ao longo do dos limites dos lotes.

Problemáticas

- Acesso ao campus restrito por portões com fechamento programado aos fins de semana e madrugadas.
- Rua Roberto Símonsen (Mapa de referenciais, **3**) com intenso fluxo de veículos automotivos.

Problemáticas

- Ausência de contato visual entre os meios devido à presença do gradil.
- Ausência de postes de iluminação baixos que proporcionem Iluminação do nível abaixo da copa das árvores.



figura 78

- Presença de faixa elevada para transposição de pedestres
- Eixo de circulação preestabelecido, coberto por marquise.

Potencialidades

Potencialidades

- Espaço exterior positivo próximo ao local de estacionamento dos ônibus fretados.
- Passeio livre de obstáculos e desníveis.

Problemáticas

- Ausência de infraestrutura que abrigue estudantes à espera de ônibus fretados.



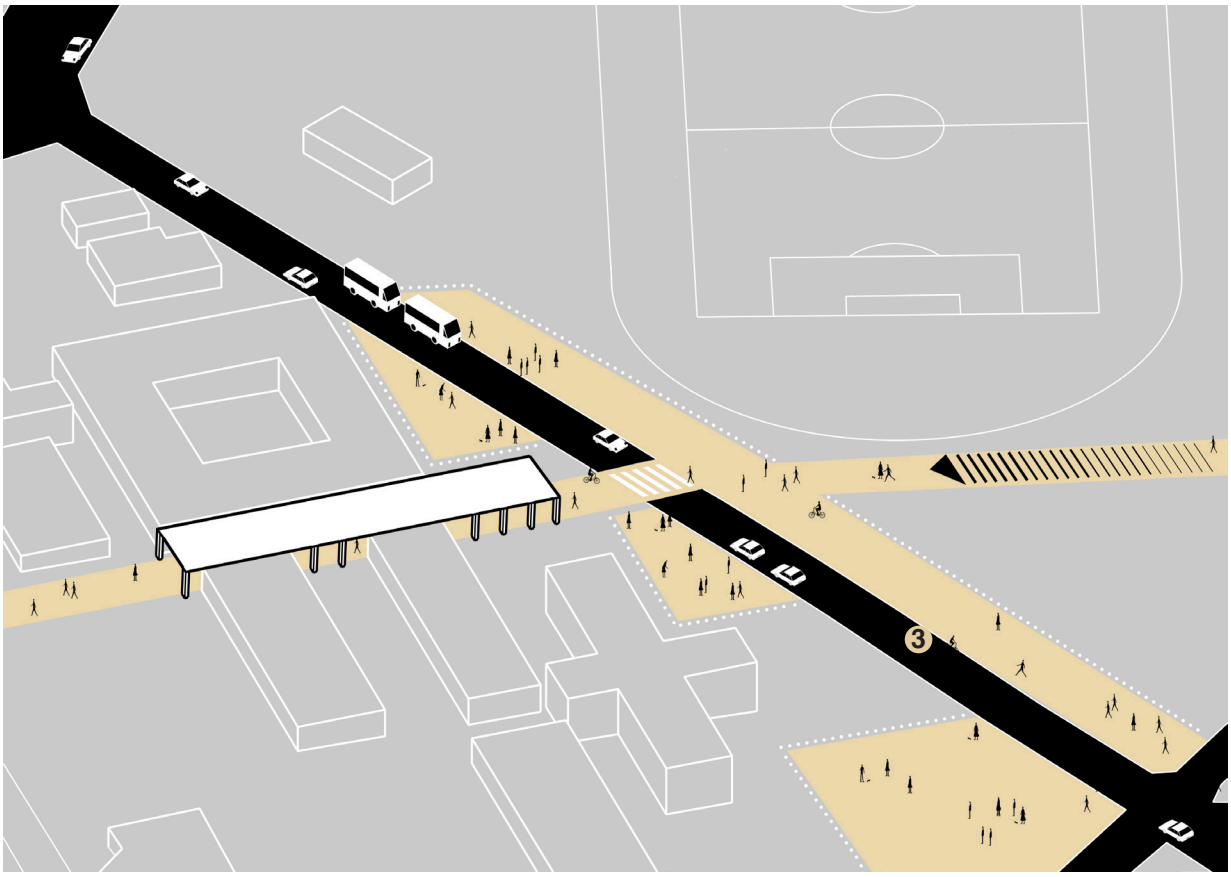
figura 79

Intervenção_ Ponto 3

Partindo da remoção da cerca, proposta aplicada a todo o *campus*, a intervenção no Ponto 3 tem como principal objetivo promover a conexão entre a parte norte e a parte sul da universidade, divididas pela Rua Roberto Símonsen (Mapa de referenciais, **3**).

Para que haja tal conexão, é essencial que as áreas que acompanham a via, próximas aos limites dos lotes, sejam qualificadas com mobiliário urbano. Bancos, lixeiras, pavimentação adequada para o acesso e uso de tais áreas, assim como postes baixos de iluminação devem compor o espaço, criando atmosfera de pequenas praças

figura 80



que se conectam. Diante da problemática da via de circulação intensa de veículos automotivos, é importante alterar a percepção dos motoristas em relação à parte da via que divide o ***campus***. Assim, é proposta a redução da largura percebida da via através do alargamento dos passeios, implementação de vegetação arbustiva que diferencie o espaço, e criação de faixa ao centro da via com pavimentação semelhante à do passeio, transmitindo a sensação de área compartilhada.

Como parte da proposta de mobilidade, foi proposto novo eixo de circulação de pedestres, que conecte a praça presente na parte norte do ***campus*** (em destaque no diagrama do Ponto 1), à marquise localizada na parte sul do ***campus***, destacada no diagrama.

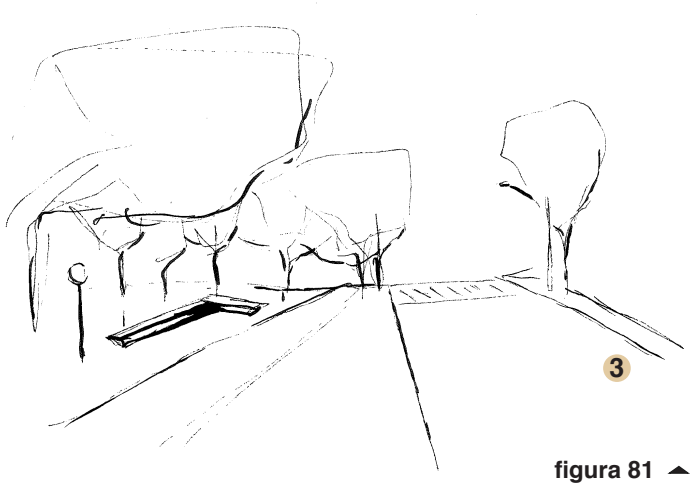


figura 81

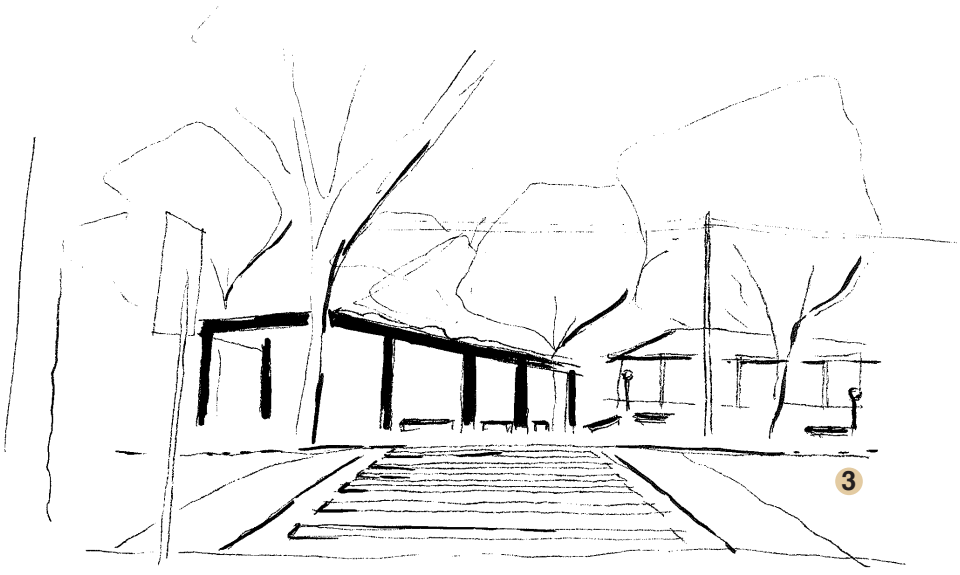
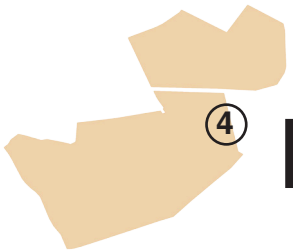


figura 82



Ponto 4

O quarto ponto tem como referência o edifício no qual se encontra a Biblioteca da FCT Unesp. Se caracteriza pelo cercamento sem aberturas ao longo da rua Uchoa Filho (Mapa de referenciais, **9**), tanto do lado que constitui a universidade quanto o outro lado da via, onde se localiza o Senai (Mapa de referenciais, **C**).

Problemáticas

- Acesso ao *campus* restrito por portões com fechamento diário programado.
- Falta de contato visual entre usuários do meio interno e externo devido ao tipo de gradil.



figura 83 ▲

Potencialidades

- Calçada de largura regular equipada de pavimento tátil auxiliar na locomoção
- Rua Uchoa Filho (Mapa de referenciais, **9**) sombreada devido à arborização dos lotes.

Problemáticas

- Dificuldade de acesso direto à biblioteca pública.
- Iluminação pública insuficiente.
- Insegurança ao longo do comprimento total da via (Mapa de referenciais, **9**), devido à ausência de acessos aos lotes.



figura 83

- Recuo de acesso ao *campus*.
- Eixo de circulação preestabelecido de utilização limitada na rua Dr. João Gonçalves Foz (Mapa de referenciais, **4**).

Potencialidades

Potencialidades

- Proximidade entre edificações e a via pública (Mapa de referenciais, **9**).
- Espaço livre entre edifícios e a via pública (Mapa de referenciais, **9**).
- Instalações elétricas de iluminação externa preexistente.

Problemáticas

- Acesso às edificações voltados para dentro do *campus*.
- Iluminação externa escassa.

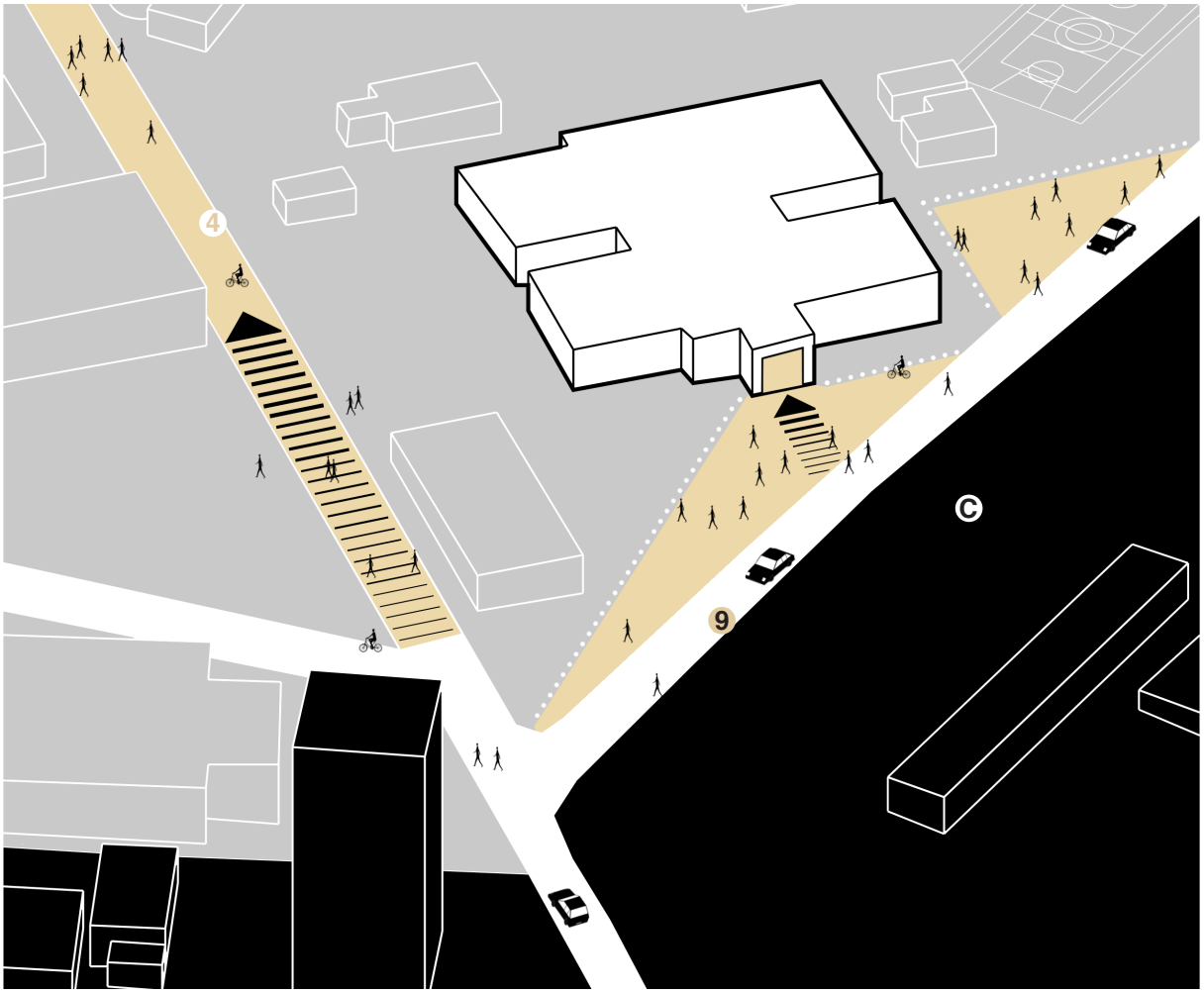


figura 85

Intervenção_ Ponto 4

Para promover maior circulação de pedestres e atrair novos usuários, é proposta uma nova entrada para o edifício da Biblioteca que permita acesso direto da via pública (Mapa de referenciais, **9**) para o acervo. Dessa forma, o edifício - com acervo atualmente inacessível para pessoas com mobilidade reduzida - se configura como novo ponto de referência para transeuntes, e se mostra mais acessível para uso comum do povo,

figura 86



cumprindo sua função social como biblioteca pública.

Associada à nova entrada da Biblioteca é proposta a qualificação de áreas exteriores positivas que se conformam entre o edifício e a via pública (Mapa de referenciais, **9**). Tal qualificação se dá através do aumento de pontos de iluminação, instalação de mobiliário urbano e pavimentação adequada para o acesso e uso dos espaços.

Em adição a tais intervenções é proposta a revitalização do eixo de circulação já existente - Rua João Gonçalves Foz (Mapa de referenciais, **4**) - porém de uso restrito, alterando o caráter de barreira do *campus* e promovendo um espaço compartilhado.

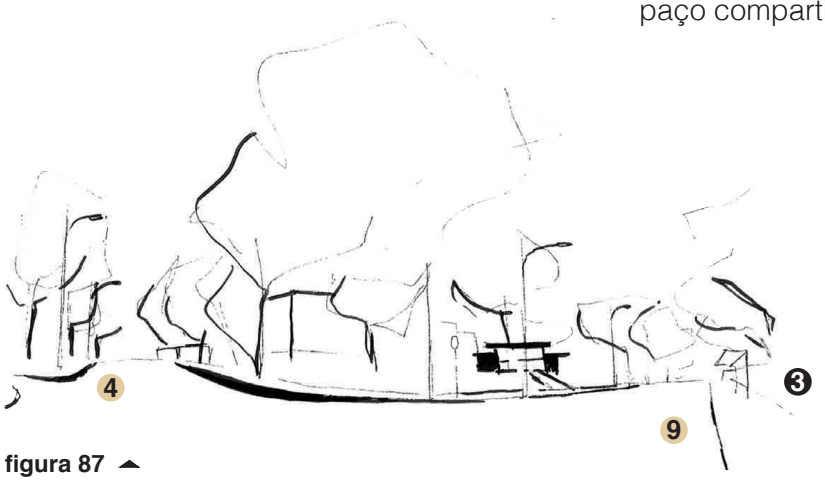
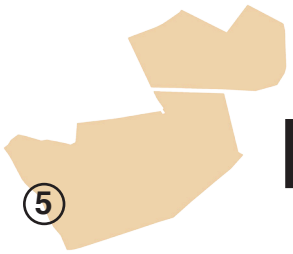


figura 87



figura 88



Ponto 5

O Ponto 5 se estende ao longo do curso d'água que margeia os limites sudoeste do ***campus*** . Com a existência de área de preservação permanente dividindo a parte edificada da parte sudeste da instituição, o curso d'água e seu entorno possui difícil acesso, e é desconhecido por muitos alunos e servidores.

Problemáticas

- Acesso ao ***campus*** restrito por portão com fechamento permanente.
- Falta de identidade no perímetro da universidade que compõe a área, aparentando ser um lote sem qualquer relação com o ***campus*** e a instituição, carente de manutenção.

Problemáticas

- Área sem qualificação e integração com o ***campus***.
- Vias sem saída (Mapa de referenciais, **7**) com lotes privados margeando o curso d'água.
- Ausência de usos.
- Área pouco arborizada ao longo do curso d'água.
- Ausência de postes de iluminação.

Potencialidades

- Área ampla com terreno pouco acidentado.
- Ausência de cercamento ao longo do curso d'água.



figura 90



- Ponto próximo à Associação dos Servidores Acadêmicos (ASA) localizada na rua Shigueo Watanabe (Mapa de referenciais, **6**) que faz parte do *campus.*

Potencialidades

figura 89



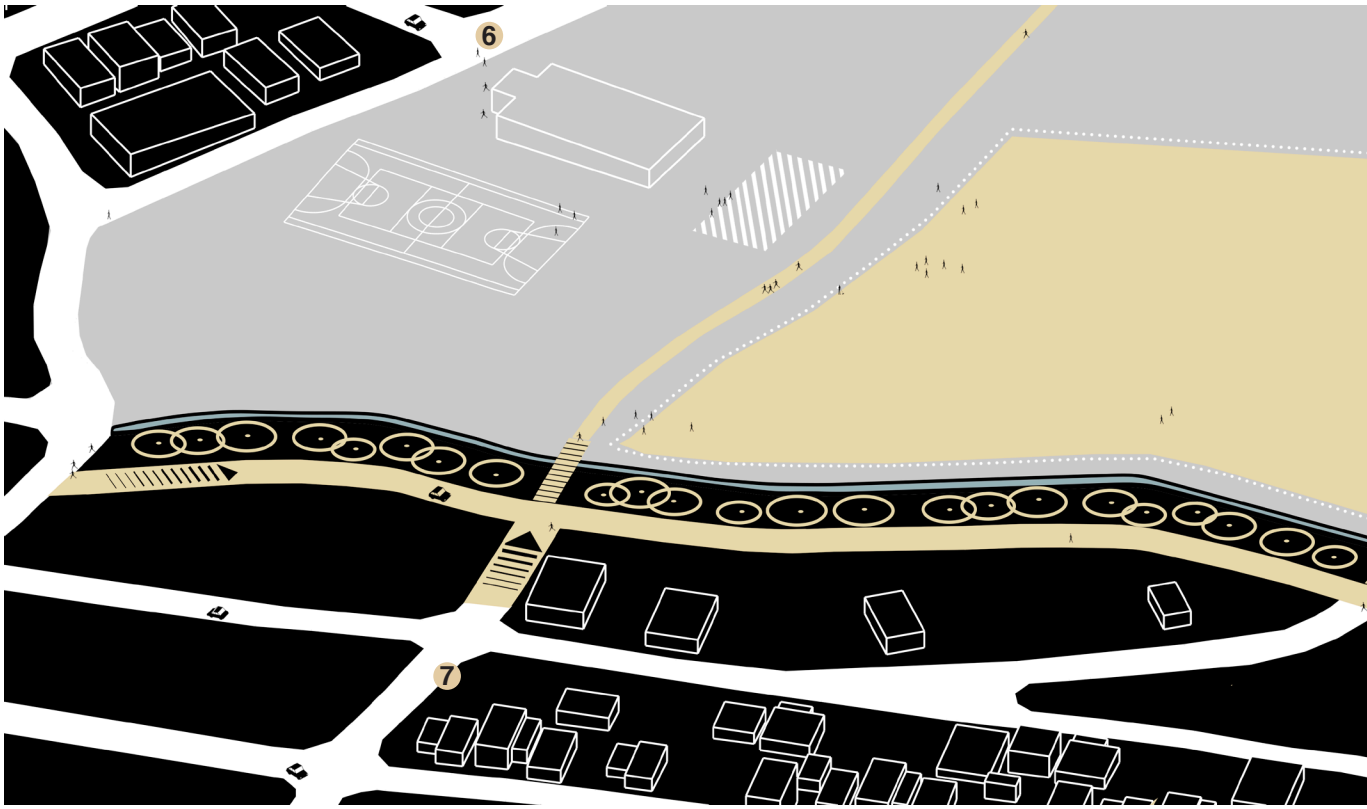
Intervenção_
Ponto 5

A partir da análise das potencialidades e problemáticas traçadas é possível notar que o Ponto 5 encontra-se desprovido de qualificação e usos, se distanciando das dinâmicas cotidianas do ***campus***, e do imaginário dos usuários do espaço.

Para promover a inclusão da área nas dinâmicas socioespaciais da universidade, foi proposta a criação de nova via pública externa ao ***campus***, acompanhando o curso d'água, e tornando-o um elemento reconhecido na paisagem da FCT.

Complementarmente, foi proposta a extensão da rua Vitório Mázzaro (Mapa de referenciais, **7**) interrompida pela existência do curso d'água.

Partindo da qualificação da nova via com arborização e iluminação pública adequada, são propostos eixos de transposição per-



pendiculares à nova via, que proporcionem o acesso ao *campus*, reduzindo o impacto da barreira criada a partir da existência do eixo canalizado.

Como um dos pontos de implantação de novos núcleos de moradia, a área localizada ao lado da ASA se mostrou propícia para tal uso, com terreno pouco acidentado e de fácil acesso, devido à infraestrutura presente, decorrente da existência da associação.

A implantação do novo núcleo de moradia estudantil no Ponto 5 é de grande relevância para o espaço, uma vez que seu uso atual se restringe ao edifício da associação.

Decorrente da presença da área de preservação permanente contíguo ao curso d'água, foi proposta a qualificação da área arborizada com um sistema de circulação de pedestres provido de iluminação adequada, conformando um pequeno parque.

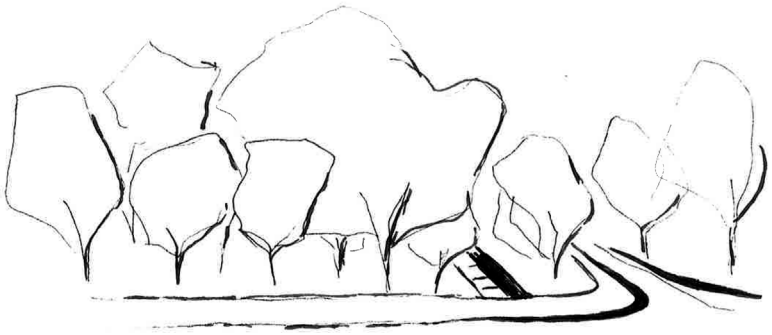
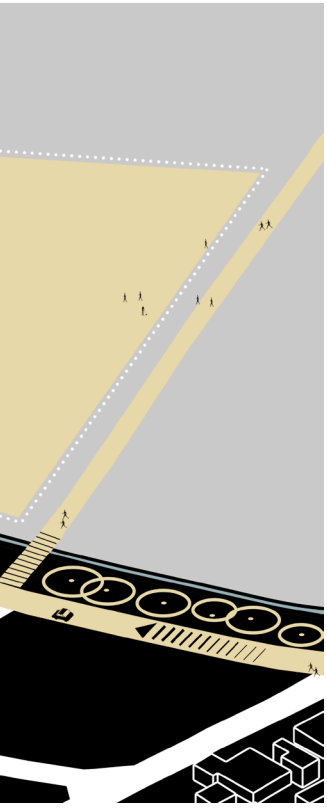
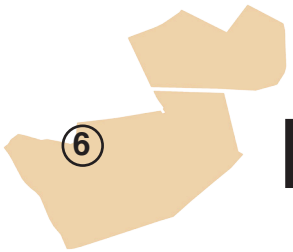


figura 92

figura 91





Ponto 6

O sexto ponto de intervenção está localizado próximo ao lago do *campus* da FCT Unesp, na parte oeste do *campus*.

O ponto abrange a Rua Shigueo Watanabe (Mapa de referenciais, **6**), interrompida à medida em que alcança os limites do *campus*.

Problemáticas

- Cercamento depredado decorrente da intenção de acesso ao *campus*.
- Ausência de manutenção regular da vegetação e cercamento.



figura 93

Potencialidades

- Via (Mapa de referenciais, **6**) de tráfego reduzido de veículos automotivos.
- Proximidade entre a área de intervenção e o ASA.

Problemáticas

- Via sem saída (Mapa de referenciais, **6**) sem acesso direto ao *campus*.
- Reduzida circulação de pedestres.
- Insegurança ao longo do comprimento total da. via (Mapa de referenciais, **6**), devido à ausência de acessos aos lotes e uso do espaço.



figura 94

- Proximidade entre a via pública (Mapa de referenciais, **6**) e o lago localizado dentro do espaço da instituição.

Potencialidades

Potencialidades

- Vista elevada em relação ao nível da rua Shigueo Watanabe (Mapa de referenciais, **6**).

Problemáticas

- Ausência de postes de iluminação na parte interna do *campus*.



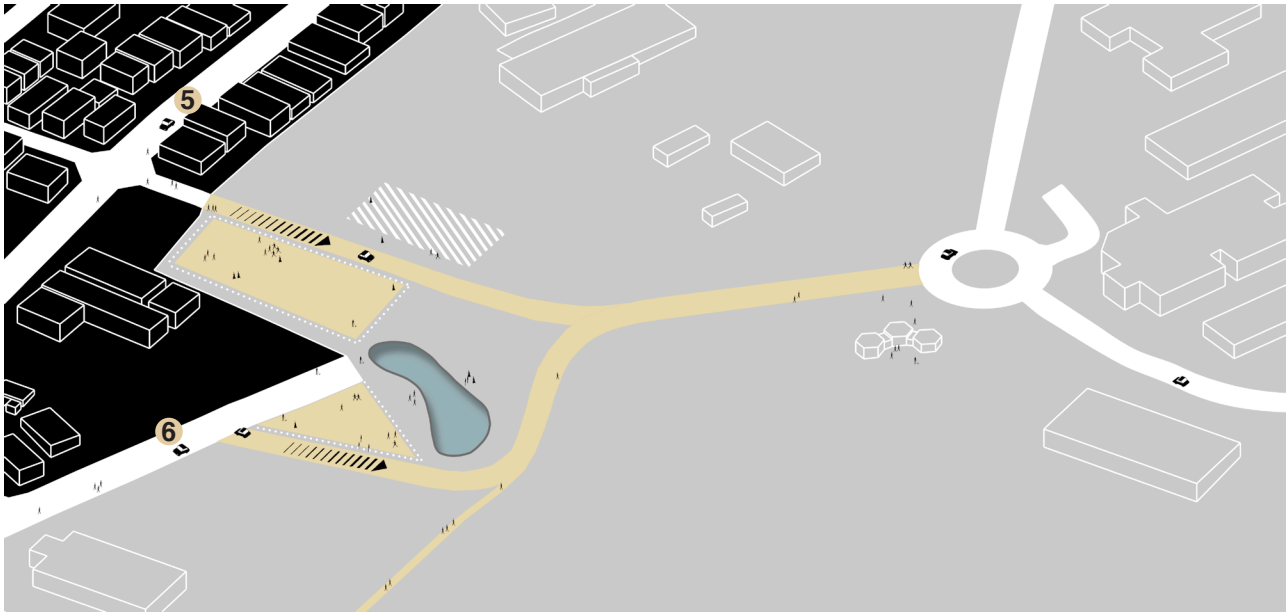
figura 95

Intervenção_ Ponto 6

A intervenção proposta na área do Ponto 6 tem como objetivo a conexão das vias públicas interrompidas (Mapa de referenciais, **5** e **6**) pela existência do *campus* , interligando-as dentro dos limites do território da universidade. Para tanto, propõe-se o prolongamento da Rua Nilza Pereti e Silva (Mapa de referenciais, **5**), conectando o bairro ao lote da instituição. Também é proposta a criação de uma nova via de acesso ao *campus*, com origem na Rua Shigueo Watanabe (Mapa de referenciais, **6**), contornando o lago, e se conectando ao prolongamento da Rua Nilza Pereti e Silva (Mapa de referenciais, **5**).

Para dar continuidade aos percursos internos ao *campus* destinados à pedestres, é proposta a continuação do eixo marcado pela

figura 96



transposição do curso d'água, tendo seu direcionamento traçado pela junção com a nova via destinada à veículos automotivos que circunda o lago.

Áreas exteriores positivas foram delimitadas com a proposta de qualificação do espaço, criando áreas de permanência com infraestrutura adequada para promover maior vitalidade e uso próximo ao lago.

Devido à localização próxima ao bairro, o Ponto 6 apresenta uma das 5 áreas propostas para a implantação de novos núcleos de moradia estudantil. A área de implantação é delimitada pela hachura branca no diagrama, espaço no qual há ausência de arborização.

Através do novo uso da área, destinada à habitação, é possível promover maior apropriação de um espaço pouco utilizado.



figura 97

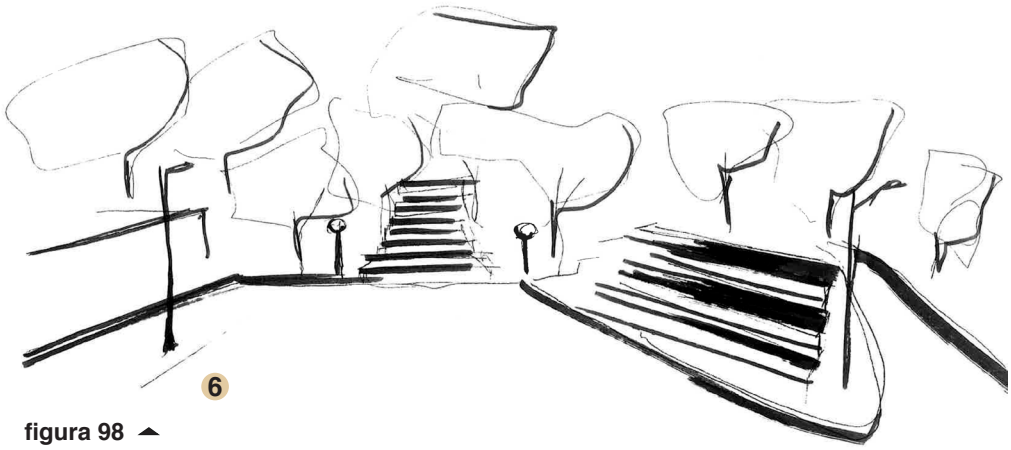
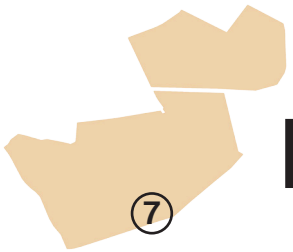


figura 98



Ponto 7

O sétimo e ultimo ponto de intervenção localiza-se na rua Cassemiro Boscoli (Mapa de referenciais, **8**), próximo ao Centro de Museologia, Antropologia e Arqueologia (CEMAARQ), instalado dentro do espaço da instituição.

Potencialidades

- Espaço exterior positivo arborizado, iluminado e plano.
- Proximidade do Centro de Museologia, Antropologia e Arqueologia (CEMAARQ).

Problemáticas

- Via isolada (Mapa de referenciais, **8**) pelo gradil da universidade e o muro do condomínio fechado João Paulo II (Mapa de referenciais, **D**).
- Sensação de insegurança causada pelo isolamento e ausência de uso da via (Mapa de referenciais, **8**) por pedestres.



figura 99

figura 100



- Pavimentação dos passeios danificada pela ação do tempo.
-Passeio de largura reduzida, não comportando a arborização existente.
- Ausência de caminhos e sinalizações indicando o edifício do CEMAARQ aos visitantes e transeuntes.

Problemáticas

- Passeio sombreado pela arborização existente.

Potencialidades

Intervenção_ Ponto 7

A proposta de intervenção no Ponto 7 tem foco na área próxima à rua Cassemiro Boscoli (Mapa de referenciais, **8**). A escolha desse ponto se deve primordialmente à grade barreira física formada pelos muros do condomínio fechado João Paulo II (Mapa de referenciais, **D**), que torna a rua um espaço isolado das dinâmicas do bairro residencial.

Para gerar maior identidade e apropriação da área de

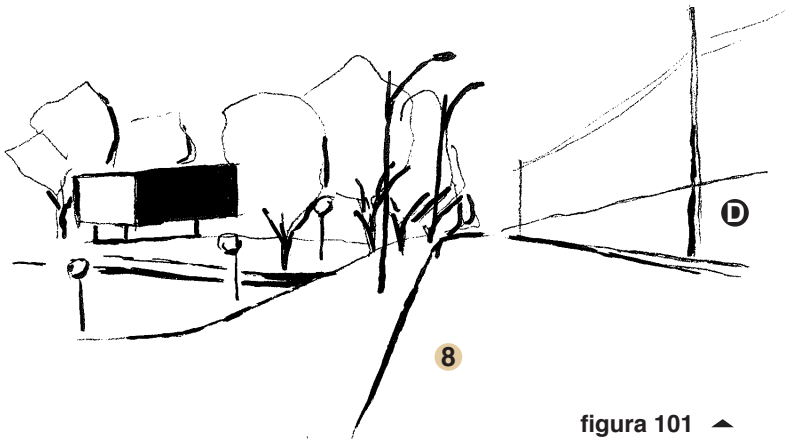


figura 101

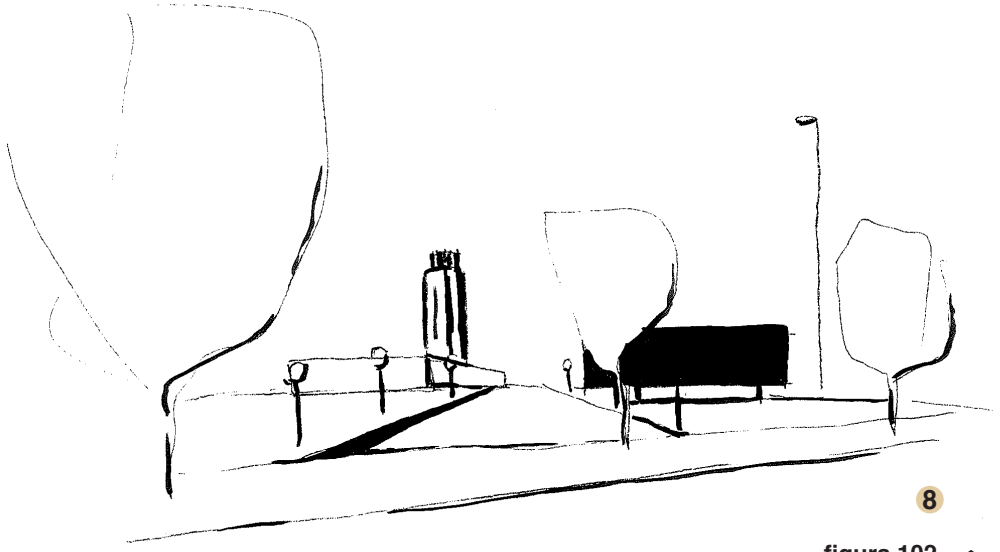


figura 102

intervenção, espaços qualificados, com mobiliário urbano e postes de iluminação, são imprescindíveis para que se estabeleça a permanência de usuários.

Assim, a proposta tem como um de seus objetivos a criação de uma praça de planta triangular e eixo de circulação que conecte o espaço público à instituição. O edifício em evidência abriga o CEMAARQ, marco visual da paisagem do ***campus***, constantemente visitado por escolas e seus estudantes. Diante dessa potencialidade, a intenção dessa parte da intervenção é promover a visibilidade do marco, e o aumento do número de visitantes ao CEMAARQ, para que a população da cidade reconheça e se identifique com o espaço.

Para impulsionar o uso e a sensação de segurança na área são propostos dois núcleos novos de moradia (áreas hachuradas em branco).

figura 103

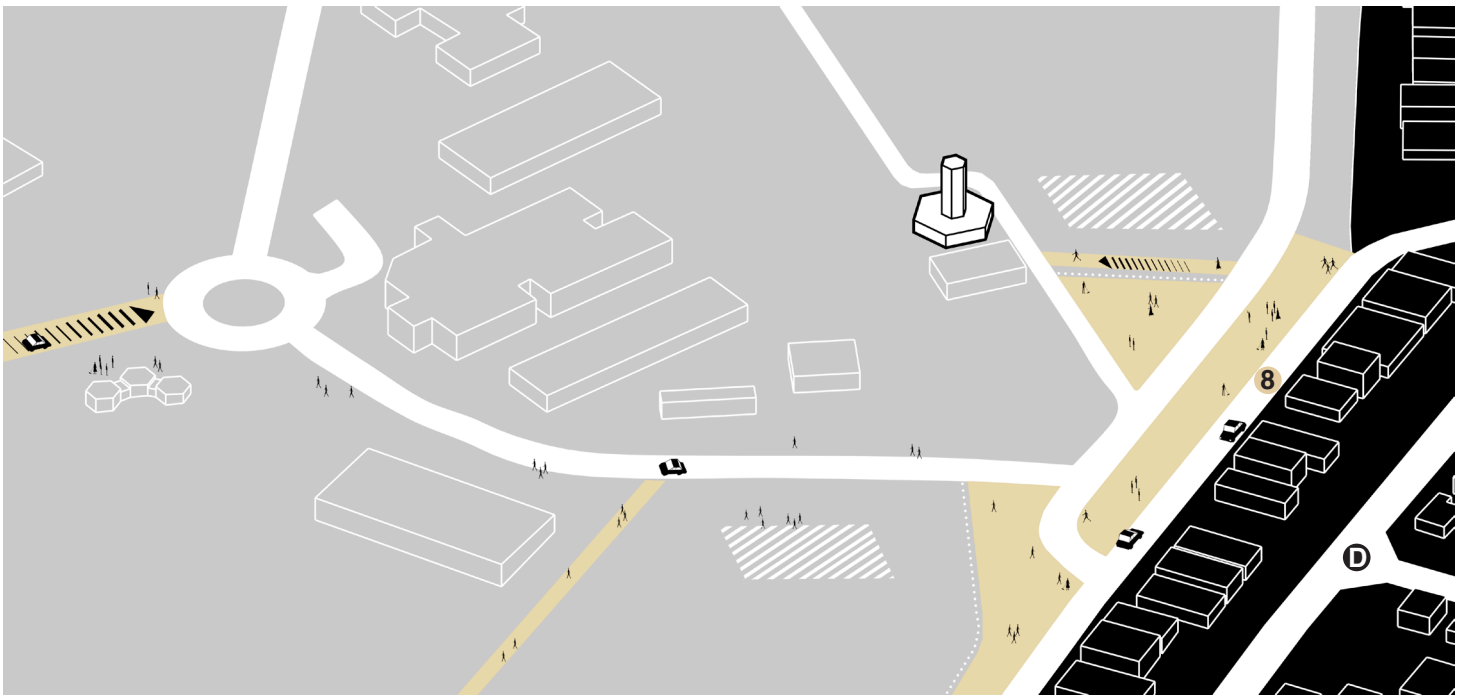


figura 104



A partir do desenho esquemático de implantação das intervenções, é possível notar que a proposta abrange grande parte das áreas limites do ***campus***, consideradas áreas residuais para grande parte dos usuários do espaço da universidade.

8.3 Os novos núcleos de moradia estudantil

Ao compreender as problemáticas e potencialidades envolvidas nas dinâmicas socioespaciais da atual moradia estudantil, se estabelece a proposta de 5 novos núcleos de moradia.

Para criar um espaço seguro e de fácil acesso foi desenvolvida uma proposta com nova tipologia para o edifício de moradia, que separasse os usos privativo e social em diferentes pavimentos.

A proposta se baseia no estudo de caso do Alojamento da Cildad del Saber.

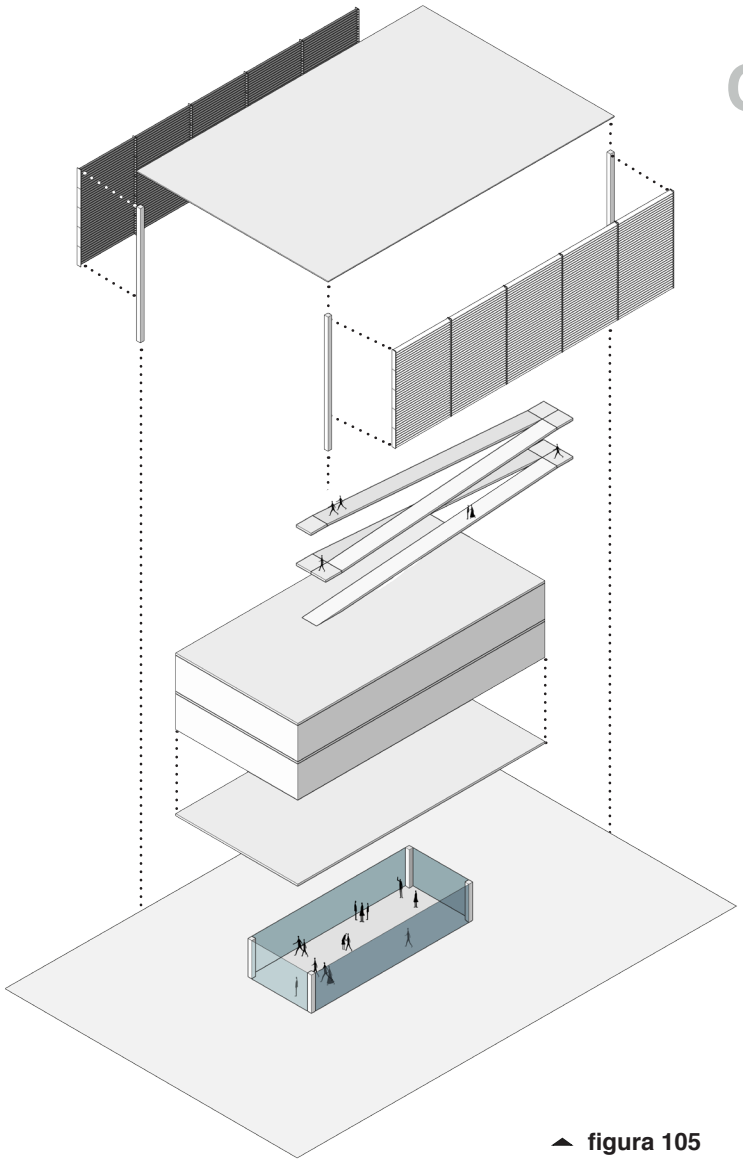


figura 105

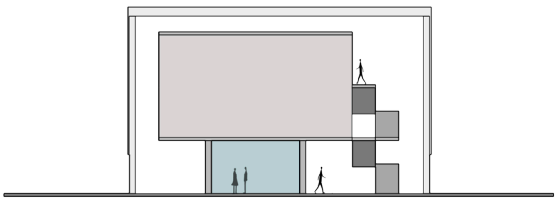


figura 106

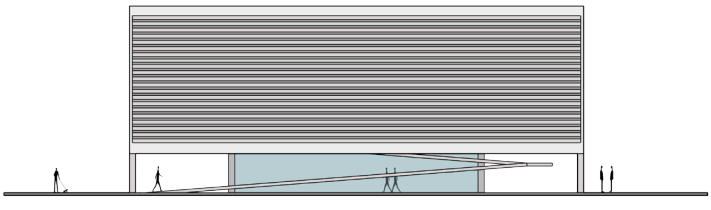


figura 107

8.4 Considerações Finais

Diante da análise da FCT Unesp e sua condição ilhada, são muitos os fatores que contribuem para essa dinâmica segregada, como a adoção do modelo norte-americano de ***campus,*** e a insegurança no espaço. Com isso a universidade e seu entorno conformam zonas de fronteiras sem vitalidade.

Assim o trabalho tem como função não só analisar tais problemáticas, mas questionar a ausência de iniciativa na promoção de medidas que tornem o espaço da FCT mais inclusivo.

Partindo de tal questionamento, o trabalho busca soluções e alternativas que possam ser implementadas no espaço da instituição em busca da alteração da dinâmica ilhada que Se conforma no ***campus***.

É importante apontar que associada às proposições de planejamento urbano desenvolvidas, é necessária a participação dos usuários do espaço da universidade na implementação de novas medidas de segurança, que contemplem suas necessidades, sem inibir as dinâmicas socioespaciais.

Por fim, compreender todos os fatores que contribuem para a dinâmica ilhada do ***campus*** é fundamental para que se possa construir um espaço de aprendizado não só acadêmico, mas social.

A segregação decorrente do medo fomenta uma sociedade individualista.

Assim, ao criar um ambiente universitário que apresenta uma realidade segregada da urbe - no qual o ***campus*** é tido como espaço privilegiado, destinado apenas aos que pertencem ao meio - cria-se também uma sociedade não inclusiva.

O meio universitário não se resume somente à transmissão de conhecimento, passado de professores a alunos. É um espaço de influência na formação do caráter e senso crítico de indivíduos.

Partido desse princípio, é preciso que a universidade e seus gestores reconheçam a função social atrelada à instituição.

Dessa maneira, compreender as problemáticas socio-espaciais advindas de um planejamento urbano ineficiente dá início à modificação do espaço e de uma sociedade.

Ao desenvolver o presente trabalho, tornou-se claro o desafio da superação de estigmas, barreiras e medos atrelados à vida pública. No entanto, para que se dê abertura à modificação de espaços institucionais como a FCT Unesp, é preciso buscar soluções que entendam a sociedade na qual vivemos, sem desconsiderar as potencialidades do espaço e dos que o utilizam. Um espaço sem uso perde sua principal qualidade, a vitalidade.

9

9.1 Referências
bibliográficas

ALEGRE, M. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - ontem: uma trajetória (história oral)/Faculdade de Ciências e Tecnologia - hoje. Presidente Prudente: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2006.

ALEXANDER, Christopher. A pattern language: towns, buildings, construction. Oxford University Press, 1977.
BAUMAN, Z.; DENTZIEN, P. Modernidade líquida. Traducao . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ARCHDAILY. Alojamento Estudantil na Ciudad del Saber / [sic] arquitetura, 2014. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/759500/alojamento-estudantil-na-ciudad-del-saber-sic-arquitetura>. Acesso em: 25 nov. 2017.

BUXTON, P. Manual do Arquiteto - 5ED: Planejamento, Dimensionamento e Projeto. Bookman Editora, 2017.

BORTOLO, C. O Parque do Povo em Presidente Prudente - SP: Reflexões Geográficas. Revista Percurso, v. 5, n. 2, p. 47, 2013.

CALDEIRA, Teresa. (2000), Cidade de muros. São Paulo, Editora 34.

CASTELO BRANCO, F.; NATAL, A. Segurança no campus: um breve levantamento sobre as políticas de segurança na USP e em universidades estrangeiras. Revista Brasileira de Segurança Pública, v. 7, n. 1, p. 182-198, 2013.

FÁVERO, M. A universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. Educar em Revista, n. 28, p. 17-36, 2006.

FOSSALUSSA, J. Ampliação da moradia estudantil da FCT/UNESP, 2012. Disponível em: < https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/119109/fossalussa_jll_tcc_prud.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 nov. 2017.

JACOBS, J. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.

PINTO, G.; BUFFA, E. Arquitetura e Educação: Câmpus universitários brasileiros. Traducao . São Carlos: EdUFSCar, 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE PRUDENTE. A Cidade - Site Oficial da Prefeitura Municipal de Presidente Prudente. Disponível em: <http:// www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/acidade.xhtml>. Acesso em: 25 jan. 2017.

UNESP: Campus de Presidente Prudente - Faculdade de Ciências e Tecnologia. Disponível em: <http://www.fct.unesp.br/#!/instituicao/>. Acesso em: 15 fev. 2017.

9.2 Lista de Figuras

1 - Ilustração Universidade da Virgínia
autoria: desconhecida
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: http://www.dailyprogress.com/news/local/event-to-mark-union-s-march-to-liberate--charlottesville-and/article_757cd82e-ab16-5007-b9b4-1a258295e2af.html

2 - UFRJ - Ilha do fundão
autoria: desconhecida
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: http://www.arquivonacional.gov.br/

3 - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente (FAFI)
autoria: desconhecida
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: acervo da Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (STAEPE) da FCT Unesp

4 - Universidade de Oxford
autoria: desconhecida
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: https://www.allnumis.com/postcards-catalog/united-kingdom-of-great-britain/oxford/oxford-aerial-view-of-oxford-university-29146

5 - Universidade da Virgínia
autoria: desconhecida
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: http://www.dailyprogress.com/news/local/event-to-mark-union-s-march-to-liberate--charlottesville-and/article_757cd82e-ab16-5007-b9b4-1a258295e2af.html

6 - Escola Politécnica da Universidade de São Paulo
autoria: desconhecida
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: http://www.imagens.usp.br/?p=10851

7 - Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo
autoria: desconhecida
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: http://antigosverdeamarelo.blogspot.com.br/2010/06/sao-paulo-cartao-postal.html

8 - UFRJ - Ilha do fundão
autoria: desconhecida
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: http://www.arquivonacional.gov.br/

9 - Manifestação estudantil por mais vagas nas universidades
autoria: desconhecida
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: http://www.rebeliao.org/fotos/fotos/ditadura-militar-1964-1985/

10 - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente (FAFI)
autoria: desconhecida
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: acervo da Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (STAEPE) da FCT Unesp

11 - Mapa Brasil x São Paulo
autoria: autora do trabalho final de graduação

12 - Mapa São Paulo x Presidente Prudente
autoria: autora do trabalho final de graduação

13 - Mapa Município de Presidente Prudente e Mancha Urbana
autoria: autora do trabalho final de graduação

14 - Mapa Expansão do Campus (1963)
autoria: autora do trabalho final de graduação

15 - Foto Aérea Campus Unesp Presidente Prudente (1980)
autoria: autora do trabalho final de graduação

16 - Mapa Expansão do Campus (1966)
autoria: autora do trabalho final de graduação

17 - Mapa Expansão do Campus (atualmente)
autoria: autora do trabalho final de graduação

18 - Vista aérea do Campus (2013)
autoria: desconhecida
disponível em: acervo pessoal de Altino Correia

19 - Estação Meteorológica (199-)
autoria: desconhecida
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: acervo da Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (STAEPE) da FCT Unesp

20 - Foto Aérea do Campus (2013)
autoria: desconhecida
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: acervo da Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (STAEPE) da FCT Unesp

21 - Gradil Rua Cassemiro B. (2012)
autoria: desconhecida
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: acervo da Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (STAEPE) da FCT Unesp

22 - Mancha Urbana de Presidente Prudente (1952)
autoria: autora do trabalho final de graduação

23 - Mancha Urbana de Presidente Prudente (1975)
autoria: autora do trabalho final de graduação

24 - Mancha Urbana de Presidente Prudente (1986)
autoria: autora do trabalho final de graduação

25 - Mancha Urbana de Presidente Prudente (2017)
autoria: autora do trabalho final de graduação

26 a 35 - Mapas Comparativos de Implantação dos ***campi*** da Unesp
autoria: autora do trabalho final de graduação

36 - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente (FAFI)
autoria: desconhecida
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: acervo da Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (STAEPE) da FCT Unesp

37 - Estação Meteorológica (199-)
autoria: desconhecida
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: acervo da Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (STAEPE) da FCT Unesp

38 - Gradil da FCT Unesp destruido pela queda de uma árvore (198-)
autoria: desconhecida
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: acervo da Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (STAEPE) da FCT Unesp

39 - Diretório Acadêmico da FCT Unesp (1980)
autoria: desconhecida
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação

disponível em: acervo da Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (STAEPE) da FCT Unesp

40 - Entrada do Centro de Estudos e de Atendimentos em Fisioterapia e Reabilitação (CEAFIR) (1988)
autoria: desconhecida
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: acervo da Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (STAEPE) da FCT Unesp

41 - Rua Doutor João Gonçalvez Foz (1988)
autoria: desconhecida
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: acervo da Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (STAEPE) da FCT Unesp

42 - Centro de Estudos e de Atendimentos em Fisioterapia e Reabilitação (CEAFIR) (1988)
autoria: desconhecida
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: acervo da Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (STAEPE) da FCT Unesp

43 - Portão do campus da FCT Unesp na Rua Cassemiro Boscoli (2012)
autoria: desconhecida
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: acervo da Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (STAEPE) da FCT Unesp

44 - Construção de novo gradil do campus da FCT Unesp Rua Cassemiro Boscoli (2012)
autoria: desconhecida
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: acervo da Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (STAEPE) da FCT Unesp

45 - Antigo Portão de acesso ao campus da FCT Unesp Rua Cassamiro Boscoli (2012)
autoria: desconhecida
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: acervo da Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (STAEPE) da FCT Unesp

46 - Gradil da FCT Unesp na Rua Uchoa Filho Acervo Pessoal (2017)
autoria: autora do trabalho final de graduação

47 - Gradil da FCT Unesp na Rua Roberto Símonsen (2017)
autoria: autora do trabalho final de graduação

48 - Gradil da FCT Unesp na Rua Uchoa Filho (2107)
autoria: autora do trabalho final de graduação

49 - Mapa Cercamento Antigo (anterior a 2013)
autoria: autora do trabalho final de graduação

50 - Mapa Cercamento Atual (2017)
autoria: autora do trabalho final de graduação

51 - Mapa de Raio de Distâncias
autoria: autora do trabalho final de graduação

52 - Mapa Barreiras e a Ilhagem
autoria: autora do trabalho final de graduação

53 - Mapa Usos do solo urbano
autoria: autora do trabalho final de graduação

54 - Mapa Implantação da Moradia Elaborado
autoria: autora do trabalho final de graduação

55 - Foto Alojamento Ciudad del Saber 1
autoria: Ana Mello
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/759500/alojamento-estudantil-na-ciudad-del-saber-sic-arquitetura

56 - Foto Alojamento Ciudad del Saber 2
autoria: Ana Mello
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/759500/alojamento-estudantil-na-ciudad-del-saber-sic-arquitetura

57 - Foto Alojamento Ciudad del Saber 3
autoria: Ana Mello
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/759500/alojamento-estudantil-na-ciudad-del-saber-sic-arquitetura

58- Foto Alojamento Ciudad del Saber 4
autoria: Ana Mello
alteração da imagem realizada pela autora do trabalho final de graduação
disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/759500/alojamento-estudantil-na-ciudad-del-saber-sic-arquitetura

59 - Mapa Espaços Exteriores Positivos
autoria: autora do trabalho final de graduação

60 - Mapa Caminhos e Pontos Nodais
autoria: autora do trabalho final de graduação

61 - Mapas das Praças
autoria: autora do trabalho final de graduação

62 - Mapa Vias Automotivas e Estacionamentos
autoria: autora do trabalho final de graduação

63 - Mapa Fluxos e Espaços de Permanência
autoria: autora do trabalho final de graduação

64 - Vegetação
autoria: autora do trabalho final de graduação

65 - Mapa Topografia
autoria: autora do trabalho final de graduação

66 - Mapa 7 pontos de Intervenção
autoria: autora do trabalho final de graduação

67 - Foto Avenida Manoel Goulart
autoria: autora do trabalho final de graduação

68 - Foto Av. Manuel Goulart e gradil da FCT Unesp
autoria: autora do trabalho final de graduação

69 - Diagrama Ponto 1
autoria: autora do trabalho final de graduação
70 - Croqui Avenida Manoel Goulart
autoria: autora do trabalho final de graduação

71 - Croqui Avenida Manoel Goulart 2
autoria: autora do trabalho final de graduação

72 - Foto Rua Professor Nogueira Acervo Pessoal e Ginásio esportivo da FCT Unesp
autoria: autora do trabalho final de graduação

73 - Foto Rua Uchoa Filho Acervo Pessoal e a Moradia Estudantil
autoria: autora do trabalho final de graduação

74 - Diagrama Ponto 2
autoria: autora do trabalho final de graduação

75 - Croqui Rua Uchoa Filho
autoria: autora do trabalho final de graduação

76 - Croqui Rua Professor Plácido Nogueira e e Ginásio esportivo da FCT Unesp autoria: autora do trabalho final de graduação

77 - Foto Rua Roberto Símonsen
autoria: autora do trabalho final de graduação

78 - Foto da Marquise de Entrada da FCT Unesp na Rua Roberto Símonsen
autoria: autora do trabalho final de graduação

79 - Foto de ônibus estacionado na Rua Rua Roberto Símonsen
autoria: autora do trabalho final de graduação

80 - Diagrama Ponto 3
autoria: autora do trabalho final de graduação

81 - Croqui da Rua Rua Roberto Símonsen
autoria: autora do trabalho final de graduação
82 - Croqui da Marquise de Entrada Fct Unesp na Rua Roberto Símonsen
autoria: autora do trabalho final de graduação

83 - Foto Rua Uchoa Filho
autoria: autora do trabalho final de graduação

84 - Foto Rua Doutor João Gonçalvez Foz
autoria: autora do trabalho final de graduação

85 - Foto Gramado e a Biblioteca da FCT Unesp
autoria: autora do trabalho final de graduação

86 - Diagrama Ponto 4
autoria: autora do trabalho final de graduação

87 - Croqui encontro da Rua Uchoa Filho e Rua Doutor João Gonçalvez Foz
autoria: autora do trabalho final de graduação

88 - Croqui Rua Uchoa Filho
autoria: autora do trabalho final de graduação

89 - Foto da Vista Panorâmica do Curso d'água
autoria: autora do trabalho final de graduação

90 - Foto da Vista do Portão e o Curso d'água
autoria: autora do trabalho final de graduação

91 - Diagrama Ponto 5
autoria: autora do trabalho final de graduação

92 - Croqui Portão e o Curso d'água
autoria: autora do trabalho final de graduação

93 - Foto Rua Shigueo Watanabe
autoria: autora do trabalho final de graduação

94 - Foto Rua Shigueo Watanabe/ Alambrado
autoria: autora do trabalho final de graduação

95 - Foto da vista do ***campus*** da FCT Unesp para a Rua Shigueo Watanabe
autoria: autora do trabalho final de graduação

96 - Diagrama Ponto 6
autoria: autora do trabalho final de graduação

97 - Croqui da vista Rua Shigueo Watanabe
autoria: autora do trabalho final de graduação

98 - Croqui da Rua Shigueo
autoria: autora do trabalho final de graduação

99 - Foto do gradil da FCT Unesp na Rua Cassemiro Boscoli
autoria: autora do trabalho final de graduação

100 - Foto da Rua Cassemiro Boscoli e o muro do Condomínio João Paulo II
autoria: autora do trabalho final de graduação

101 - Croqui da vista da Rua Cassemiro Boscoli
autoria: autora do trabalho final de graduação

102 - Croqui da vista da Rua Cassemiro Boscoli e o Centro de Museologia, Antropologia e Arqueologia (CEMAARQ)
autoria: autora do trabalho final de graduação

103 - Diagrama Ponto 7
autoria: autora do trabalho final de graduação

104 - Mapa de proposição – Áreas de Intervenção
autoria: autora do trabalho final de graduação

105 - Diagrama isométrico da proposta tipológica para novos núcleos de Moradia Estudantil
autoria: autora do trabalho final de graduação

106 - Vista 1 da proposta tipológica para novos núcleos de Moradia Estudantil
autoria: autora do trabalho final de graduação

107 - Vista 2 da proposta tipológica para novos núcleos de Moradia Estudantil
autoria: autora do trabalho final de graduação